

UNIVERSIDADE FEEVALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL

LOHRAN COSTA FAGUNDES

**TRAJETÓRIAS SOCIAIS, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
E MUNDO DO TRABALHO**

Novo Hamburgo
2020

LOHRAN COSTA FAGUNDES

TRAJETÓRIAS SOCIAIS, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
E MUNDO DO TRABALHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Margarete Fagundes Nunes
Coorientação: Prof.^a Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha

Novo Hamburgo

2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Fagundes, Lohran Costa.

Trajetórias sociais, relações étnico-raciais e mundo do trabalho
/ Lohran Costa Fagundes. – 2020.

106 f. ; il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão
Social) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2020.

Inclui bibliografia e apêndice.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Margarete Fagundes Nunes;
Coorientadora: Prof.^a Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha”.

1. Protagonismo negro. 2. Trabalho negro. 3. História. I. Título.

CDU 39(=96)(816)

Bibliotecária responsável: Tatiane de Oliveira Bourscheidt – CRB 10/2012

AGRADECIMENTOS

Como a temática desta dissertação é o Trabalho, acredito que ele tenha sido construído com base em algumas inspirações, mas principalmente muita transpiração. Tal como meus parceiros de pesquisa, que “suaram” para ter seus nomes recordados na história de Novo Hamburgo, algumas pessoas, às quais devo um especial agradecimento, me acompanharam nesta suada jornada.

À Margarete Fagundes Nunes, minha orientadora, pela paciência e compreensão ao introduzir um publicitário no mundo da antropologia.

À Ana Luiza Carvalho da Rocha, minha coorientadora, que desde 2016 me desafia com questionamentos acerca do EU, como intelectual negro e pesquisador.

À Kátia Daiane Vier, minha esposa e companheira, que desde a conclusão de minha graduação, me incentiva e me apoia na minha sede pelo conhecimento e vontade de crescimento acadêmico.

À Vera Lúcia Costa Fagundes, minha amada mãe, grande inspiradora deste estudo, que assim como meus interlocutores desta pesquisa, é uma Mulher Negra, trabalhadora, que desafiou e superou todas as prerrogativas da comunidade germânica presente em Novo Hamburgo.

A Vladimir Fagundes e Ryan Costa Fagundes, meu pai e meu irmão, que durante estes dois anos, abriram mão de seu tempo e de seus computadores para que este trabalho pudesse ser concluído.

À Iolanda Fagundes, minha avó, pelos incentivos e compreensão das minhas poucas e rápidas visitas, por conta de estar sempre com muitos artigos e tarefas para fazer.

Aos meus grandes amigos Carlos Goetz Filho, Laerte da Silva Dorneles, Guilherme Martins Coelho e Valdir Wagner Junior, que desde o princípio do mestrado, me incentivaram e me forneciam diversos materiais de apoio à minha pesquisa.

À Universidade Feevale e Fundação Capes, que subsidiaram estes dois anos de estudo através do programa de bolsas para Pós-Graduação.

Aos meus Parceiros de Pesquisa: Ada Bernardes, Ester Nascimento, Sebastião Flores (*in memoriam*), Valdemar Silva e a todos os trabalhadores negros do município de Novo Hamburgo, que lutaram e lutam até hoje para ter seu trabalho valorizado.

Obrigado a todos.

“Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”.

Amadou Hampâté Bâ

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar, através de uma pesquisa etnográfica, as relações entre o mundo do trabalho e quatro trabalhadores negros do Município de Novo Hamburgo/RS. Utilizando a pesquisa de acervo, a dissertação busca estabelecer conexões por meio das memórias narradas por cada um dos interlocutores. O município de Novo Hamburgo tem sua historiografia baseada massivamente na imigração alemã e este material tem o objetivo de contribuir para a redução da invisibilização da história das comunidades negras no município. Junto ao estudo com caráter etnográfico clássico, com análise de narrativas e trajetórias sociais, a presente dissertação tem como objetivo democratizar e facilitar o acesso da população negra à sua própria memória. Para tanto, o autor, ao final do trabalho, apresenta um documentário com as narrativas utilizadas para a construção de um novo olhar sobre a história e memória da cidade.

Palavras-chave: Protagonismo negro. Trabalho negro. Invisibilidade histórica.

ABSTRACT

This study has the objective to present an ethnographic search, with the relations between the work world and four black workers from Novo Hamburgo's County. Using the collection search, the dissertation intends to connect per narrative memories from each one of the interlocutors. The Novo Hamburgo's County has its historiography based massively in germane immigration and this material has the objective to contribute with the reduction of invisibilization from black communities' history on the city. United with the classic ethnographic character study, with the narrative analyses and social trajectories, the presented dissertation intends to democratize and to facilitate the access of the black population to its own memories. For such, the author, at the end of this academic work, presents a documentary with the narratives here used to construct a new look about the story and memory of the city.

Keywords: Black protagonism. Black labour. Historical invisibilization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trecho inicial do Hino de Novo Hamburgo, composto por Délcio Tavares	13
Figura 2 – Localização de Novo Hamburgo em relação ao Brasil.....	32
Figura 3 – Localização de Novo Hamburgo em relação ao Rio Grande do Sul	33
Figura 4 – Mapa da região metropolitana e Novo Hamburgo.....	34
Figura 5 – Hidrografia de Novo Hamburgo.....	39
Figura 6 – Bairros de Novo Hamburgo.....	40
Figura 7 – Fotos antigas da casa Schmitt Presser	41
Figura 8 – Vista aérea antiga de Hamburgo Velho.....	41
Figura 9 – Vista aérea recente de Hamburgo Velho	41
Figura 10 – Antigos prédios de indústrias calçadistas.....	42
Figura 11 – Entrevista com Sr. Valdemar.....	43
Figura 12 – Entrevista com Sr. Sebastião.....	44
Figura 13 – Narrador 1	48
Figura 14 – Narrador 2	48
Figura 15 – Narrador 3	48
Figura 16 – Narrador 4	48
Figura 17 – Itens para conexão de Ada Bernardes	50
Figura 18 – Itens para conexão de Ester do Nascimento.....	52
Figura 19 – Itens para conexão de Sebastião Flores	52
Figura 20 – Itens para conexão de Valdemar Silva.....	53
Figura 21 – Quadro de ligações entre os 4 narradores	54
Figura 22 – Foto do maquinário da empresa Borbonite	55
Figura 23 – Prédios da empresa Amapá do Sul.....	57
Figura 24 – Mapa de deslocamento de Sebastião e Ester	59
Figura 25 – Mapas das principais cidades de vivência de Ada Bernardes.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Divisão da população por raça no Brasil	26
Tabela 2 – Censo 1814 - Rio Grande do Sul.....	27
Tabela 3 – Propriedade de escravos (inventário São Leopoldo-1850/1870).....	29
Tabela 4 – Quadro de profissões da população escrava do RS de 1872	29
Tabela 5 – População residente, por cor ou raça.....	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Divisão da população por raça no Brasil.....	26
Gráfico 2 – Índice de produção de calçados em Novo Hamburgo	30
Gráfico 3 – População residente, por cor ou raça	37

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO PERCURSO EM NOVO HAMBURGO	10
1 PERCURSO METODOLÓGICO	17
2 TRABALHO RECONHECIMENTO X INVISIBILIDADE	21
2.1 ALÉM DA PELE: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA	21
2.2 OS NEGROS E A CIDADANIA NO BRASIL	24
2.3 REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS	28
3 O MUNICÍPIO SOB O MITO DO PROGRESSO	32
3.1 MEMÓRIAS E TRABALHO EM NOVO HAMBURGO	36
4 A IMERSÃO: A CIDADE POR OUTROS OLHOS	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	80
ANEXO A – CRÔNICA DE SEBASTIÃO FLORES	85
ANEXO B – CRÔNICA DE VALDEMAR SILVA	88
ANEXO C – CRÔNICA DE ESTER DO NASCIMENTO	90
ANEXO D – CRÔNICA ADA BERNARDES	94
ANEXO E – RELAÇÃO DE FRAGMENTOS PARA ROTEIRO	96

APRESENTAÇÃO DO PERCURSO EM NOVO HAMBURGO

A temática desta dissertação permeia meus estudos desde minha graduação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade Feevale. Durante minhas pesquisas sobre fotografia, cinema e representação da figura negra no cinema, deparei-me com as questões que vão além da análise de roteiro e análise de imagens em uma produção audiovisual: tinha agora, em minhas mãos, uma discussão sobre relações étnico-raciais.

Trabalho há alguns anos com produções audiovisuais, como o documentário *Melanina*¹ e acreditei ser esse meu campo para aprofundamento de estudo. Contudo, eu desejava fazer algo além de uma superficial análise de planos e iluminação. Meu desejo era explorar as questões das relações étnico-raciais, dos contrastes e distanciamentos sociais retratados pelos planos, luzes, enquadramentos e tramas do roteiro.

Foi então que eu tive a ideia de convergir minhas reflexões às questões sociológicas de racismo, pobreza x riqueza, imigrantes e população nativa, com produções cinematográficas, através do questionamento: “Como se estabelece a relação étnico-racial de um negro² dentro de uma produção cinematográfica?”. A intenção era perceber se havia uma distinção proposital nas cenas em que o personagem negro aparecia quando comparado aos personagens brancos. Na época, em conversa com meu orientador, optou-se por focar a monografia na parte técnica da fotografia e deixar as questões étnico-raciais em segundo plano.

Selecionei, então, três fragmentos do filme “Os Intocáveis” (*The Intouchables*)³ e analisei como eram representadas as cenas no subúrbio de Paris, e como eram representados os cenários e as populações nas regiões turísticas e nobres da cidade. Foram selecionadas propositalmente as três cenas iniciais do filme, com a intenção de realizar uma análise das cenas de apresentação dos personagens, ou seja, cenas

¹ *Melanina* é um curta-documentário realizado em parceria entre a Prefeitura de Novo Hamburgo, por meio da Coordenadoria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial (COMPPIR) e a Universidade Feevale, pela Agência Experimental de Comunicação (Agecom). O documentário aborda a história dos negros em Novo Hamburgo, cidade conhecida pela imigração alemã, e tem como cenário a Sociedade Cruzeiro do Sul, fundada em 18 de outubro de 1922, que se configura como a primeira sociedade recreativa e cultural negra do Vale do Rio dos Sinos.

² Utilizo, nesta dissertação, o termo Negros e Negras como sinônimo de pertença às origens africanas. Adoto como fonte o estudo “De preto à afrodescendente: implicações terminológicas” de José Geraldo da Rocha (2010).

³ “Os Intocáveis” (*The Intouchables*) é um filme francês biográfico e de comédia dramática, escrito e realizado por Olivier Nakache e Éric Toledano.

sem outras referências para prévias conclusões. Analisei enquadramentos, luzes e outros elementos fotográficos, a fim de compreender se havia um padrão visual utilizado no filme para comunicar mensagens implícitas, mensagens como as relações de contraste estabelecido entre iluminação utilizada para as cenas de negros e para cenas de brancos, ou pobres em relação aos ricos, ou subúrbio e área nobre.

De forma bastante sucinta, *The Intouchables* é o filme biográfico que relata a relação de um imigrante senegalês e um multimilionário parisiense. Com passagem pela prisão por pequenos furtos, Driss precisa comprovar que está apto a continuar livre, vivendo o que seria, aqui no Brasil, uma espécie de regime aberto. Para isso, ele precisa apresentar constantemente uma comprovação de emprego ou, ao menos, uma carta de comparecimento a entrevistas. Em uma dessas entrevistas na qual ele estava apenas em busca da assinatura de presença, Driss é contratado pelo multimilionário tetraplégico Philippe.

A aproximação e cumplicidade entre eles aumenta muito durante o filme, pois, desde o início, eles demonstram uma relação extremamente honesta entre um e outro. Ambos se tratam como se suas diferenças não existissem: Driss busca tratar Philippe como se sua deficiência não fizesse diferença na relação entre eles (o próprio Philippe demonstrava que sua real deficiência era não ter superado a morte de sua esposa). Por sua vez, Philippe tratava Driss como se a grande diferença socioeconômica entre eles não existisse. O multimilionário leva Driss a eventos sociais, que dança junto em seu aniversário, como um convidado, juntamente com os demais empregados da casa.

Concluiu-se, pela pesquisa, no que se refere às questões de relação entre os personagens, que a intenção foi deixar essa relação mais igual possível, demonstrando que os protagonistas Driss e Philippe não estabeleciam nenhum padrão hierárquico, de patrão e empregado, mas sim, de amizade. No entanto, a diferenciação entre eles foi realizada na direção de fotografia. As cenas dentro da mansão de Philippe eram retratadas com uma leve iluminação dourada, com poucas sombras (exceto em cenas noturnas), ambientes bem iluminados e cenários bem limpos e organizados. O subúrbio retratado no filme demonstra uma Paris cinza e levemente azulada, o que traz a frieza daquele ambiente. Juntamente a isso, são vistas ruas com carros abandonados parcialmente destruídos e lixo espalhado por elas, e as cenas internas na casa de Driss são escuras, em ambientes apertados.

Assim, a percepção despertada ao analisar essa produção fez-me querer ir além e estudar melhor as relações étnico-raciais. Contudo, eu havia passado seis meses bastante intensos sobre essa pesquisa, e minha vontade era “dar um tempo”, mas, no início do ano seguinte, em 2016, conversando com um amigo também pesquisador, Cristian Metz, ele me apresentou os projetos de pesquisa: “Memórias do mundo do trabalho, práticas sociais e representações simbólicas coleções etnográficas e etnografia audiovisual de bairros nas metrópoles contemporâneas”, coordenados pela professora Ana Luiza Carvalho da Rocha, e “Coleções etnográficas multimídia sobre trabalho e direitos humanos”, coordenado pela professora Margarete Fagundes Nunes.

Em caráter de aprimoramento científico, trabalhei por um ano e meio em torno das temáticas das coleções etnográficas e trabalho. No princípio, eu estava realizando uma espécie de classificação e organização dos acervos que seriam trabalhados, tanto para facilitar o trabalho de todos no grupo de pesquisa quanto para me familiarizar com os materiais disponíveis no acervo. Então, no final de 2017, com minha temática praticamente definida, participei do processo de seleção para o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão social. Selecionado, iniciei meus estudos no início de 2018.

Investigar, na área de concentração da Diversidade Cultural e Inclusão social (tema que dá nome a este programa de Pós-Graduação), é constantemente fazer um exercício de ver o mundo sob outras perspectivas além da minha visão de pesquisador. É projetar-se nos olhos de quem ou do que está sendo estudado. É buscar novas respostas – ou novas soluções – para problemas antigos.

Cursei a educação básica entre os anos de 1997 e 2007. Durante esse período, vi algumas mudanças econômicas na cidade e nos formatos de ensino. Porém, atualmente, na pós-graduação, questiono-me sobre a presença da figura negra na historiografia de Novo Hamburgo. Na época, quando se aproximava o aniversário de emancipação do município, era comum que os alunos se colocassem em fila no pátio do colégio para cantar o hino do município⁴.

⁴ Lembro-me dos versos que reforçam o mito da figura heroica dos imigrantes.

Figura 1 – Trecho inicial do Hino de Novo Hamburgo, composto por Délcio Tavares

<p>“Foram poucos imigrantes Vindos lá do fim do mar Desbravaram estas terras Trabalhando sem parar</p>	<p>Esta gente aventureira Fez o vale prosperar As indústrias e o comércio Nossas riquezas sem par”</p>
--	--

Fonte: Novo Hamburgo (1970).

Estudei o ensino fundamental em uma região do município de Novo Hamburgo com muitos adultos e crianças negras. No entanto, a figura do trabalhador negro, que já não estava presente na historiografia da cidade, também não era apresentada nos bancos escolares. No ensino, a figura negra limitava-se ao estudo pré-abolição. Para realizar essa aproximação com esta outra face da história de Novo Hamburgo, trabalhei com o acervo “As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do Trabalho”, o qual contém vinte entrevistas realizadas entre os anos de 2010 e 2012, e possui, além de registros escritos, gravações de áudio e vídeo que serão utilizados como suporte para a análise das narrativas biográficas.

Dessas vinte entrevistas, selecionei quatro: de duas mulheres e dois homens. Um deles é natural de Novo Hamburgo e os outros três chegaram à cidade, cada um por um motivo específico. Desse modo, cada um deles carrega uma bagagem que, ao abrir este baú de memórias, transportar-me-á para dentro de suas lembranças e experiências vividas em Novo Hamburgo.

Atrelado a isso, adiciono o fato de, como um pesquisador negro, sou filho de uma mulher negra que se mudou para Novo Hamburgo em busca de melhores condições socioeconômicas e tem sua trajetória social muito próxima à trajetória narrada por meus entrevistados, ou seja, minha própria construção social teve a influência das histórias narradas por meus parceiros de pesquisa. Com base nisso, desejo colaborar com o registro das memórias das comunidades de trabalhadores negros, a fim de contribuir para o processo de desconstrução da invisibilidade simbólica (LEITE; OLIVEN, 1996) constituinte da historiografia e do pensamento social sul-rio-grandense ao longo do século XX.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar as leituras para o desenvolvimento o presente estudo, deparei-me com uma colocação do filósofo, etnólogo e historiador malinês Amadou Hampaté Bâ, que pode expressar, com simplicidade, a intenção do desenvolvimento deste trabalho: “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. A frase proferida por Bâ durante um congresso do Conselho Executivo da UNESCO, em 1962, referia-se às sociedades africanas, que tinham nos anciãos os detentores do conhecimento e sabedoria cultural e histórica. O etnólogo narra, ainda, em seu livro, suas memórias e como parte delas foram-lhe transmitidas através da tradição oral, comum nos povos africanos.

Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstruir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? E que a memória da minha geração, sobretudo dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem (BÂ, 2003, p. 13).

Cito essa frase para sintetizar o conceito deste estudo, pois filio-me ao conceito de narrativas étnicas⁵ (NUNES, 2009) de trabalhadores das comunidades negras de Novo Hamburgo, município conhecido pela industrialização coureiro-calçadista. Tenho, assim, o seguinte tema de pesquisa: a relação entre trabalho e relações étnico-raciais durante o período de consolidação da exportação de calçados na cidade de Novo Hamburgo/RS.

Estes trabalhadores negros cujas narrativas foram registradas nos anos de 2010 e 2011, por decorrência da pesquisa desenvolvida por Margarete Fagundes Nunes *As comunidades negras do Vale do Sinos e a memória do trabalho*. O material visual desta pesquisa está organizado e editado para integrar o projeto Contos do Vale dos Sinos, no qual a minha dissertação de mestrado se insere. Portanto, minha pesquisa depara-se com uma sobreposição de tempos: o tempo narrado pelos

⁵ O termo *narrativas étnicas* será frequentemente utilizado nessa dissertação. Esse termo foi escolhido a partir da leitura da tese de Doutorado de Margarete Fagundes Nunes. Margarete realiza uma junção de dois conceitos: o conceito básico de narrativas como “estórias que são contadas, portanto, que pressupõem a existência de um narrador” e o das discursividades étnicas. As Narrativas Étnicas ganham forma quando os sujeitos e os grupos passam a se utilizar dessas discursividades para contar sobre a sua experiência na cidade, suas trajetórias e seus itinerários urbanos (NUNES, 2009).

sujeitos, o qual, em geral, remete às décadas de 70 e 80; o tempo da narração, dos anos 10 e 11 do século XXI; e o tempo da escrita desta dissertação, o ano de 2019.

A presente dissertação será dividida basicamente em quatro momentos. O primeiro consiste na apresentação do percurso metodológico adotado e como serão baseadas as análises das narrativas biográficas.

A segunda parte é uma breve contextualização histórica, que funcionará como base para o aprofundamento da compreensão das questões de invisibilidade da população negra. São abordados do macro para o micro: Brasil, Rio Grande do Sul e Novo Hamburgo. Esse paralelo é fundamental, tendo em vista que, uma vez que se fala de um município que foi formado por uma memória baseada na imigração, uma referência precisa ser estabelecida.

A terceira parte do estudo localiza Novo Hamburgo no universo da pesquisa e apresenta as relações que serão estabelecidas com as memórias trazidas pelos parceiros⁶ de pesquisa. Também são trabalhados alguns conceitos básicos do campo da antropologia visual, que auxiliarão posteriormente na compreensão das análises realizadas.

A quarta parte consiste na apresentação dos parceiros de pesquisa e, com eles, suas memórias sobre a construção da identidade da cidade. Duas mulheres, servidoras públicas, e dois homens, industriários, trazem suas narrativas que, não como galhos, mas como raízes, ligam-se ao tronco da história de Novo Hamburgo para ajudar o município a crescer. A escolha de duas mulheres e dois homens busca estabelecer uma relação uma igualdade numérica entre os interlocutores, tal como valorizar a importância e participação de cada um deles, principalmente as mulheres, na construção de Novo Hamburgo.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, e juntamente com a conclusão, é apresentado o material final, desenvolvido a partir dessas reflexões apresentadas pelos parceiros de pesquisa. Trata-se de um documentário etnográfico, costurando a fala dos quatro narradores, junto com fotos e animações para manter questões como oralidade e preservar subjetividades que não são possíveis perceber apenas no texto escrito.

O objetivo dessa dissertação é estudar essas memórias presentes nas narrativas biográficas, obtidas através de entrevistas realizadas entre os anos 2010 e

⁶ Definem-se, aqui, como “Parceiros de Pesquisa”, os entrevistados que auxiliaram com suas memórias para a construção deste trabalho.

2012, com trabalhadores negros do município de Novo Hamburgo. Tais trabalhadores narram suas experiências de vida, as quais, por inúmeras vezes, fundem-se com suas carreiras profissionais.

Essas narrativas serão analisadas através de duas categorias principais: trajetória social e trabalho, a fim de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como os sujeitos agenciam o tempo narrado, as continuidades e descontinuidades do mundo do trabalho e das relações étnico-raciais?

Para a resolução do problema de pesquisa apresentado, serão necessários alcançar, previamente, alguns objetivos. Em primeiro lugar, como objetivo geral, define-se: analisar as narrativas biográficas e a trajetória dos trabalhadores, a fim de compreender como se articulam trabalho e relações étnico-raciais na cidade de Novo Hamburgo/RS, e, posteriormente, os objetivos secundários:

- a) verificar os setores econômicos aos quais se vincularam esses trabalhadores;
- b) identificar suas representações acerca do racismo e das relações étnico-raciais na cidade e na região, identificar a variável de gênero presente nas narrativas e validar a importância dos trabalhadores negros para o crescimento da cidade;
- c) investigar de que modo o *ethos do trabalho* e a memória coureiro-calçadista são narrados por esses trabalhadores e organizar produtos audiovisuais (crônicas e documentário) a partir do acervo de pesquisa.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa terá como base o método etnográfico, com ênfase em etnografia de acervo e etnografia visual. Será utilizada a etnografia⁷ por tratar-se de um método de observação e entrevistas em que o pesquisador, a partir do trabalho de campo, entra em contato/convivência com o grupo estudado (ECKERT; ROCHA, 2008).

No princípio, minha concepção inicial sobre “ir a campo” limitava-se, ao pensar que pesquisa de campo acontecia apenas quando se saía do ambiente confinado de uma sala de aula/pesquisa para então ter contato direto com o pesquisado. O fato de estar em contato com o material de pesquisa já faz com que estejamos “em campo”. No meu caso, isso acontece, em primeiro momento, através da etnografia de acervo, ou seja, trabalho com entrevistas, fotografias, vídeos, áudios, captados por outras pessoas em outros momentos. Estes, por sua vez, foram arquivados e catalogados, e agora observados sob um “novo olhar”, digo novo olhar entre aspas por tratar-se de um pesquisador diferente, com experiências e perspectivas diferentes.

Como base neste trabalho, faz-se uso do acervo⁸ “As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do trabalho”. Esse acervo, coordenado pela professora Margarete Fagundes Nunes, contém 20 entrevistas realizadas entre os anos de 2010 e 2012 e possui, além de registros escritos, gravações de áudio e vídeo que serão utilizadas como suporte para a análise dessas narrativas biográficas.

A conscientização da importância do trabalho com esses acervos aconteceu de maneira fluída, conforme eu me aprofundava na escuta e análise das entrevistas. Perceber que grande parte das memórias relatadas por estes personagens não estavam arquivadas de nenhuma maneira, até a chegada da professora Margarete, fez-me compreender a necessidade de prosseguir com os estudos dessa população. Contudo, trabalhar com acervos não significa uma imersão menor no universo analisado; acredito que seja exatamente o contrário. Não ter contato direto como os narradores/personagens (alguns hoje já falecidos), não estar na ocasião da entrevista e não possuir a plena consciência da realidade vivida no momento desta, buscar as

⁷ No primeiro semestre de 2019, cursei a disciplina “Práticas etnográficas em sociedades complexas I e II”, do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

⁸ Este acervo, até a conclusão desta dissertação, está em processo de catalogação e classificação. Ele ainda não está disponível para o público, apenas para os pesquisadores envolvidos diretamente com o desenvolvimento e organização deste material.

questões pertinentes da época, analisar expressões, gestos e linguagem, bem como captar a essência da pergunta realizada pelo pesquisador na época são questões que exigem um grande aprofundamento nas narrativas.

Para fins de organização, as pesquisas desse estudo acontecem em três etapas. A primeira define-se como um aprofundamento no acervo, que será usado como fonte para as análises das narrativas biográficas, seguido de uma montagem de um pré-roteiro, a fim de construir uma narrativa “única” entre os quatro personagens das narrativas selecionadas. A segunda será uma ida a campo para conversar com a pessoa responsável pela construção do acervo utilizado, com o propósito de “enxergar melhor” o cenário da cidade de Novo Hamburgo e dos personagens na época das gravações. Por fim, será realizado um documentário audiovisual para dar voz e imagens às memórias dos narradores.

A subjetividade de cada memória trazida pelos narradores/personagens precisa ser profundamente analisada, a fim de estabelecer um roteiro em que diferentes experiências consigam convergir. O trabalho com memórias cria um jogo de contar/ouvir/lembrar no qual não necessariamente os acontecimentos estabelecem relação perfeita com a ordem cronológica, isto é, cada memória vem à tona conforme ela exerce determinada importância na vida de cada personagem. A etnografia possibilita que eu realize uma costura entre situações vividas por diversas pessoas que não necessariamente conviveram na mesma época ou comunidade.

Como princípio dos jogos da memória de Eckert e Rocha (2000), entende-se as narrativas como constituintes da memória coletiva do trabalho negro do município, em que cada personagem contribui para a constituição desta memória coletiva, não participando apenas como narrador de acontecimentos históricos, mas também como participante e protagonista dos processos por ele vividos.

Como autor desse documento, coloco-me também na posição de narrador, assim como meus personagens, pois, conforme Eckert e Rocha (2005), ao construir de suas histórias, os entrevistados iniciam um jogo de “lembrar e esquecer”, em que cada momento de suas vidas assume uma importância maior ou menor no contexto de sua trajetória. Assim, cabe-me o papel de interpretar tais nuances e (re)organizar essas memórias para que elas comuniquem a mensagem desejada por pesquisador e pesquisado.

Organizar tais memórias nesse estudo mostra-se uma tarefa mais desafiadora, haja vista que não participei das entrevistas, o que torna necessária, então, uma maior

imersão, tanto nas palavras e do personagem quanto nas intenções e perguntas do pesquisador da época.

A segunda etapa do processo define-se como um reestabelecimento de conexões. Por que refazer/reestabelecer? Por se tratar de um estudo realizado com arquivos de acervo, nos quais as entrevistas foram gravadas há aproximadamente 9 anos, é necessário que alguns assuntos sejam revisitados. Para tanto, será realizada uma pesquisa aprofundada nos trabalhos desenvolvidos na região pela pessoa responsável pela criação do acervo na época, professora Margarete Fagundes Nunes. Esse estudo servirá de base para a contextualização das realidades vividas na época pelos personagens, dos detalhes importantes não registrados em gravação, da experiência da própria pesquisadora frente à comunidade negra no período das gravações. Posteriormente, cruzarei as informações já obtidas com os quatro personagens selecionados com os dados apresentados pela pesquisadora, para assim finalizar o roteiro das narrativas.

Malinowski (2018), em sua obra *Os Argonautas do Pacífico*, ressalta a importância do observar do pesquisador. Segundo ele, existem fenômenos que não são passíveis de análise apenas estudando os questionários e verificando documentos, pois existe a necessidade de analisá-los no momento em que aconteceram.

Assim, com as narrativas devidamente analisadas, as histórias costuradas e o roteiro elaborado, passarei para a etapa final do estudo, que consiste no desenvolvimento de um documentário no qual reúno as memórias dos quatro parceiros de pesquisa para mostrar uma perspectiva diferente da memória historiografada de Novo Hamburgo.

Em resumo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com dados secundários, que trabalha com um acervo de antropologia visual, utilizando método etnográfico, em que se realizará uma construção de roteiro narrativo no qual serão analisados não apenas os discursos de cada parceiro de pesquisa, mas também as memórias visuais criadas por cada participante, suas expressões corporais, olhares e outras formas de comunicação que o entrevistado expressa.

Utilizarei, como guia para esta dissertação, os estudos de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, que tratam a antropologia aplicada à imagem, com enfoque à Antropologia Urbana, de Gilberto Velho (2003), quando trata das

sociedades complexas, em que cada indivíduo passa a traçar suas trajetórias individuais e sociais (ECKERT; ROCHA, 2001).

O uso dos recursos de imagens, aqui representados pelo termo adotado por Rafael Devos (2005), Etnografia Visual, dá-se pela capacidade das imagens de transmitir informações diferentes das utilizadas na antropologia tradicional. Se, no princípio, o antropólogo deslocava-se até a comunidade a qual ele desejava estudar e lá ficava dias com seu caderno de campo, anotando toda e qualquer manifestação, hoje, além deste recurso da anotação, o pesquisador conta com os adventos da tecnologia, como gravadores, câmeras de foto e vídeo, microfones, ou seja, com diversas tecnologias que possibilitam que, caso seja feito de uma maneira planejada, ele obtenha maior riqueza de detalhes com uma necessidade menor de esforço de ficar atento a todas as ações e expressões. Tais ferramentas possibilitam que, dentro das limitações de uma fotografia, um áudio ou um vídeo, ele reviva as situações do momento da gravação.

Ao interpretar a cidade, na perspectiva de Gilberto Velho, o município apresenta-se como ocupada por populações e grupos social e culturalmente diferenciados, ou seja, caracteriza uma sociedade complexa (VELHO, 2003). E é através dessa variedade cultural que ocorreram – e ocorrem – os conflitos e negociações das diferentes identidades que compõem a vida urbana hamburguesa. O jogo de identidade/diferença, proximidade e distância (SIMMEL, 1983) dão o tom das narrativas que configuram a memória coletiva dos diferentes grupos, demarcando o contexto de fabricação das alteridades no espaço da cidade (PEIRANO, 1999).

Como princípio dos jogos da memória de Eckert e Rocha (2005), entendem-se as narrativas como constituintes da memória coletiva do trabalho negro do município, em que cada personagem contribui para a edificação de uma parte da memória coletiva, não participando apenas como narrador de acontecimentos históricos, mas também como participante dos processos por ele vivido.

2 TRABALHO RECONHECIMENTO X INVISIBILIDADE

Os estudos e as abordagens entre população e trabalho, ocorridos no período pós-abolição, trazem comumente os negros como escravizados e direcionados às margens da sociedade, sem protagonismo social e econômico. Contudo, este estudo pretende destacar a trajetória de negros que ascenderam dessa condição de delegados à marginalidade.

Exponho, neste capítulo, um panorama realizado por alguns autores clássicos, o qual apresenta esta primeira perspectiva dos escravizados como vulneráveis. Posteriormente, trago outros autores, com o intuito de realizar o contraponto e tensionar as convicções estabelecidas de que todos os negros estão à margem da sociedade.

2.1 ALÉM DA PELE: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA

No sentido mais primordial do que se entende identidade, trago para discussão o sociólogo Michael Pollak (1989), que, em sua reflexão sobre identidade, apresenta três eixos nos quais seria baseado o conceito básico. O primeiro aborda o sentido de unidade física, fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa ou de pertencer a um grupo; o segundo trata da continuidade; e o terceiro, do o sentimento de coerência⁹.

Maria Chalfin Coutinho, Edite Krawulski e Dulce Helena Penna Soares, em um estudo de 2007, sobre identidade e trabalho, apresentam uma abordagem de conceito dinâmico. Apresentando diversos autores com diversas perspectivas, psicólogos, sociólogos, educadores e de forma resumida, as autoras relatam que o conceito de identidade tem sido adotado para compreender a inserção do sujeito no mundo e suas relações (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007).

Dentre os conceitos apresentados, darei destaque para alguns que mais se aproximam da minha pesquisa. De maneira introdutória, utilizo como referência o conceito de identidade do autor Antonio da Costa Ciampa: "a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele" (CIAMPA, 1977, p. 59). Também Pollak (1992) aborda essas questões de relação entre os indivíduos/meio para a criação da identidade: "A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência

⁹ Ver Pollak (1992, p. 204).

aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade" (POLLAK, 1992, p. 5). A compreensão desse primeiro ponto é fundamental para a entrada nos próximos conceitos. Essa primeira citação traz consigo a primeira microanálise deste subcapítulo: as questões de identidade x diferença.

A dependência de um com o outro, seja pessoa ou seja o meio em que ela vive, faz uma relação direta com as questões apresentadas por Tomaz Tadeu da Silva (2000), o qual relata que a identidade não existe por si só e a diferença também não. Segue a citação de Ciampa: "Afiml, ele só é meu pai porque eu sou filho dele" (CIAMPA, 1977, p. 59). Ambos os autores convergem seus conceitos para uma relação de dependência dos fatores envolvidos. Se, para Tomaz, a identidade é originária da diferença e a diferença existe porque existe uma identidade, Ciampa (1977) diz que alguém só é pai porque existe um filho e o filho só é filho por ter um pai.

Utilizando como base o trabalho de Tomaz Tadeu da Silva, que aborda a "identidade e diferença", sua análise inicial baseia-se no conceito de que identidade é algo além do identificar-se com alguma nacionalidade, grupo ou social. Silva (2000) aborda esses conceitos como um olhar de conexão. A identidade necessita da diferença e esta, por sua vez, precisa da identidade.

Para ilustrar, Silva (2000, p. 1) utiliza a questão nacionalidade: "Sou Brasileiro". Com essa afirmação, ele traz o conceito de identidade, haja vista que tal declaração apresenta uma relação com um grupo social, nesse caso, com os nascidos no Brasil, mas, além disso, apresenta o que está além da afirmação: a negação. O dizer "Sou Brasileiro" pode ser visto como uma negação a qualquer outra afirmação como, por exemplo: não sou chinês, não sou espanhol, não sou uruguaio, não sou indiano, não sou japonês.

Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade. A gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer "sou brasileiro". Como ocorre em outros casos, a gramática ajuda, mas também esconde (SILVA, 2000, p. 1).

Mas afinal, o que é a identidade dentro da antropologia? Manuela Carneiro Cunha (1986), ao traçar seu conceito de identidade, apresenta diversos fatores que refutam os conceitos mais iniciais e básicos de identidade. Descartou primeiramente as questões exclusivamente biológicas que atribuíam a identidade a apenas

indivíduos puros e sem miscigenação. Na verdade, Cunha (1986) descreve que traços culturais podem mudar sem que seja alterada a identidade do grupo. A identidade em si está agora ligada ao que antes foi chamado de organização social, mas agora esse conceito não é estável e imutável, ou seja, agora quem define o que é ou não parte da cultura e, por consequência, a identidade do grupo, é o próprio grupo, isto é, ele está em constante mudança e adaptação. A identidade étnica está ligada então à questão de auto identificação e identificação pela comunidade envolvida.

Contudo, a discussão desta dissertação vai além da uma observação superficial do conceito de identidade, dentro de suas variadas interpretações. Observo ser necessário olhar a identidade da perspectiva das questões de raça/etnia.

Para isto utilizo como base um estudo de Nunes (2013), intitulado “Raça/Etnia e ações afirmativas no Brasil contemporâneo”. Este estudo é uma discussão oriunda de sua tese de 2009, onde ela já abordava as questões étnico-raciais.

Neste artigo Margarete abre sua fala tensionando as políticas de ações afirmativas implantadas em 2003 e suas reais aplicações, tal como as políticas de cotas do ano de 2012. Mas o que isto tem a ver quem identidade, raça e etnia? Segundo Nunes, o conceito de etnicidade busca compreender a maneira de como os sujeitos interagem a partir das fronteiras étnicas.

No Brasil, visto como um país multicultural e multiétnico, é possível observar também suas desigualdades e conflitos. Dentre todos os conflitos, se tem o conflito identitário e como se dá esta divisão e acesso as políticas de ações afirmativas.

O que faz um grupo ser A, B ou C? Voltando aos conceitos básicos de identidade, juntamente etnicidade, Nunes, inspirada em Fredrik Barth, define etnicidade não como algo ligado substâncias étnicas, mas aos processos étnicos.

Neste estudo, trabalhar as relações entre negros e brancos, descendentes de escravizados e descendentes de imigrantes é, além de trabalhar com questões de cor de pele – mesmo que, ao passar dos anos, isso tenha se tornado um fator determinante –, é trabalhar com questões de identidade e reconhecimento. É não se limitar apenas às questões impostas pelas suas ancestralidades, mas também em como se construiu o ser negro e o ser imigrante no Brasil e no Rio Grande do Sul.

A temática identidade será retomada quando o estudo adentrar no campo da memória. Essa breve introdução auxiliará posteriormente com os questionamentos acerca de memórias coletivas, trajetórias sociais e narrativas etnográficas.

2.2 OS NEGROS E A CIDADANIA NO BRASIL

Tomo como base, para iniciar este estudo, o livro de José Murilo de Carvalho, intitulado “Cidadania no Brasil” (2002), que, em seu primeiro capítulo, apresenta-nos os números de escravizados que teriam sido importados para o Brasil até 1822.

Os escravos começaram a ser importados na segunda metade do século XVI. A importação continuou ininterrupta até 1850, 28 anos após a independência. Calcula-se que até 1822 tenham sido introduzidos na colônia cerca de 3 milhões de escravos. Na época da independência, numa população de cerca de 5 milhões, incluindo uns 800 mil índios, havia mais de 1 milhão de escravos. Embora concentrados nas áreas de grande agricultura exportadora e de mineração, havia escravos em todas as atividades, inclusive urbanas. Nas cidades eles exerciam várias tarefas dentro das casas e na rua (CARVALHO, 2002, p. 19).

Os dados apresentados datam 1822 e, embora tenha levado mais 66 anos até que o processo de abolição da escravatura fosse efetivado, com a Lei Áurea, em 1888, é possível ter noção de quantos escravizados, aproximadamente, foram libertos naquela época.

Em sua obra, Carvalho (2002), apresenta uma comparação da escravidão no Brasil e nos Estados Unidos, relacionando políticas adotadas pós-abolição, com destaque à questão estudantil e econômica, em que, no Brasil, diversos escravizados não receberam o direito de constituir estudo ou emprego dignificante para sua sobrevivência.

[...] Tudo isso se refletiu no tratamento dado aos ex-escravos após a abolição. Foram pouquíssimas as vozes que insistiram na necessidade de assistir os libertos, dando-lhes educação e emprego, como foi feito nos Estados Unidos. Lá, após a guerra, congregações religiosas e o governo, por meio do *Freedmen's Bureau*, fizeram grande esforço para educar os ex-escravos. Em 1870, havia 4.325 escolas para libertos, entre as quais uma universidade, a de *Howard*. Foram também distribuídas terras aos libertos e foi incentivado seu alistamento eleitoral[...] No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário (CARVALHO, 2002, p. 50-53).

No Brasil, a polícia escravocrata estava disseminada por todo o território brasileiro, ou seja, o escravizado não poderia fugir de um local para outro para fugir da escravidão: ele era escravo em todo território nacional. Com a abolição, alguns deles se dirigiram a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, em busca das oportunidades de trabalho criadas pelo crescimento da indústria do café. Porém, essas novas vagas foram ocupadas por milhares de imigrantes italianos que

chegavam ao país, assim fazendo com que os escravizados fossem novamente direcionados a trabalhos brutos e de baixa remuneração (CARVALHO, 2002).

Paralelo a esse olhar, trago a reflexão do sociólogo Aníbal Quijano (2005), que mostra como o Brasil e outros países latino-americanos tiveram sua formação identitária marcada pelo eurocentrismo. Pode parecer algo inevitável, devido ao processo colonial promovido por portugueses e espanhóis, entretanto, com o desenvolvimento do país em sua autonomia econômica e cultural, as relações de trabalho permaneceram de maneira desigual. Os europeus (em primeiro momento portugueses), que, logo no processo de colonização, detinham o poder sobre a economia, passaram a “reorganizar” as questões de trabalho:

Desse modo, impôs-se uma sistemática divisão racial do trabalho. Na área hispânica, a Coroa de Castela logo decidiu pelo fim da escravidão dos índios, para impedir seu total extermínio. Assim, foram confinados na estrutura da servidão. Aos que viviam em suas comunidades, foi-lhes permitida a prática de sua antiga reciprocidade –isto é, o intercâmbio de força de trabalho e de trabalho sem mercado– como uma forma de reproduzir sua força de trabalho como servos. Por outro lado, os negros foram reduzidos à escravidão. Os espanhóis e os portugueses, como raça dominante, podiam receber salários, ser comerciantes independentes, artesãos independentes ou agricultores independentes, em suma, produtores independentes de mercadorias (QUIJANO, 2005, p. 118).

Para Quijano (2005), há uma relação intrínseca entre modernidade, capitalismo e colonialismo. A “invenção da América” e a divisão racial do trabalho propiciaram a produção de excedentes e concentração de riquezas que garantiram a consolidação do capitalismo enquanto um sistema-mundo (WALLERSTEIN, 1974 *apud* QUIJANO, 2005), altamente desigual e excludente. No caso da América Latina, mesmo com o fim do colonialismo, permanece a situação de colonialidade, enraizada nos costumes, no pensamento, nas subjetividades nas práticas cotidianas, nas relações de trabalho e na exploração e degradação do meio ambiente. Para destruir o eurocentrismo, é preciso construir um “giro decolonial”.

Florestan Fernandes (2015), em sua obra intitulada “O negro no mundo dos brancos”, apresenta um questionamento sobre a veracidade da “democracia racial brasileira”. Ao observar superficialmente a sociedade brasileira, levando em conta somente as questões de diversidade étnica e cultural, pode-se julgar que o Brasil possui um relativo equilíbrio, porém, ao realizar um pequeno aprofundamento neste estudo, percebe-se que nem tudo condiz com a primeira impressão superficial. Temos, a partir deste ponto, dois autores que se conversam indiretamente. Se Quijano

(2005) apresenta a ideia de que existe, dentro dos países da América Latina, uma formação identitária marcada pelo eurocentrismo, paralelamente a isso, Fernandes (2015) apresenta o mito da “democracia racial brasileira”. São, agora, dois autores conversando sobre a existência de uma hipotética igualdade racial gerada através de uma hipervalorização da figura do europeu. A Tabela 1 apresenta a divisão da população por raça no Brasil, conforme censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2010.

Tabela 1 – Divisão da população por raça no Brasil

População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade						
Cor ou raça						
Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
100	47,73	7,61	1,09	43,13	0,43	0

Fonte: SIDRA (2011).

O Gráfico 1, a seguir, representa as informações expostas na Tabela 1.

Gráfico 1 – Divisão da população por raça no Brasil



Fonte: SIDRA (2011).

Embora os dados apresentados no Gráfico 1, coletados no portal do IBGE, referentes ao Censo 2010, reafirmem um relativo equilíbrio, com 47,73% de pessoas

autodeclaradas brancas e 50,74% de pessoas autodeclaradas negras e pardas, o questionamento sobre real democracia entre raças vai além de números.

Seria, então, esse mito da democracia racial uma fantasia. Fantasia esta em que parte da sociedade brasileira se traveste, buscando externar uma imagem de igualdade, tanto ao próprio povo brasileiro quanto, principalmente, aos países com os quais o Brasil estabelece relações econômicas.

Focando no estado em que se realizou esse estudo, em comparação a outros estados, como a Bahia, onde o negro é valorizado como um formador de identidade, no Rio Grande do Sul, sua importância é relegada a segundo plano, mesmo que o negro tenha sido responsável pela maior parte da mão de obra em estâncias e charqueadas (LEITE; OLIVEN, 1996).

“Se a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes de colonos alemães e italianos, ela o faz de modo mais excludente ainda em relação ao negro e ao índio” (LEITE; OLIVEN, 1996, p. 25). Com essa frase, Rubem George Leite e Ilka Boaventura Oliven iniciam seu capítulo intitulado “A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul” no livro: Negros no Sul do Brasil (LEITE; OLIVEN, 1996). A frase que dá nome ao capítulo faz referência à figura heroica construída para o povo do Rio Grande do Sul: o Gaúcho, figura do ser humano “forte, aguerrido e bravo”, em detrimento dos povos que fizeram sua história aqui. Especialmente os imigrantes alemães e italianos, que foram incorporados, mais tarde, a esta *gauchidade*. Contudo, se a imagem do gaúcho é encompassadora, não permitindo a visibilidade étnica dos diferentes grupos, o que dizer sobre tal pressão cultural exercida sobre as comunidades negras e indígenas?

Fernando Henrique Cardoso, em sua obra Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional (2003), apresenta o levantamento populacional de Tenente Córdova, de 1780. Ao final do levantamento, foram contabilizadas 17.923 pessoas, dentre estas, 9.433 brancos, 3.388 índios e 5.102 negros. Anos depois, em 1814, o censo populacional do Rio Grande do Sul apontou um crescimento nestes números de 1814.

Tabela 2 – Censo 1814 - Rio Grande do Sul

Branco	Índigenas	Livres¹⁰	Negros	Total
32.300	8.655	5.399	20.611	66.965

¹⁰ Dentre os computados como Livres neste CENSO foram considerados os pardos, negros e descendentes de índios.

Fonte: adaptado de Cardoso (2003).

Na segunda metade do século XIX, 27,3% da população do Rio Grande do Sul era escrava, com participações importantes na Revolução Farroupilha. Entretanto, se, em 1862, o número de negros chegava a quase 30% dos habitantes do Rio Grande do Sul, no censo de 1980, percebe-se um desaparecimento dessa população ao contabilizar apenas 4,21% que se declaravam negros (LEITE; OLIVEN, 1996).

2.3 REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS

Iniciando pelo macro, o Brasil, aproximando o foco com olhar específico para o Rio Grande do Sul, antes de entrar no município de Novo Hamburgo, faço uma breve incursão pela região do Vale do Rio dos Sinos.

O Vale do Rio dos Sinos é uma região composta por 14 municípios: Araricá, Canoas, Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. A região é marcada pela forte presença da imigração alemã. Como primeiro marco para realizar o tensionamento entre os registros do negro apenas como escravizado e invisibilizado, e os negros que, ao lutarem contra esse processo de invisibilização, ganharam notoriedade, trago pesquisas de alguns intelectuais como Magna Lima Magalhães (2010), Rodrigo Perla Martins (2011), Benicio Backes (2019) e Margarete Fagundes Nunes (2009).

Debruço-me sobre os estudos de Margarete Fagundes Nunes (2009) em diversos momentos dessa pesquisa, tendo em vista que essa intelectual foi uma das precursoras das pesquisas com comunidades negras na região do Vale do Sinos. Ela, tendo coordenado projetos de extensão, grupos de pesquisa, e desenvolvido uma tese sobre o tema, relaciona a narrativa de trabalhadores negros com a memória ambiental e memória do trabalho da cidade. Em um de seus artigos, desenvolvido em parceria com outros pesquisadores, Nunes *et al.* (2013) relatam a pujança do município na fabricação de calçado, dando como título do artigo a fala de um de meus interlocutores, Sebastião: “Era um hino de fábrica apitando”, ao contar sobre os alarmes de troca de turno e intervalos das fábricas que soavam juntos e ecoavam pela cidade. O mesmo pode ser observado nas pesquisas de Magna Lima Magalhães, que trabalhou com a primeira sociedade criada por negros de Novo Hamburgo, a

Sociedade Cruzeiro do Sul. Esse ponto de vista demonstra sua importância, pois alguns destes trabalhadores que destaco neste trabalho tiveram influência direta na criação de grupos, iniciados para valorizar e celebrar a cultura negra e suas festividades (MAGALHÃES, 2010).

Rodrigo Perla Martins, em sua tese de 2011, apresenta o trabalho com couro como uma característica do Rio Grande do Sul desde os tempos coloniais. Da mesma forma, ele destaca o pioneirismo da indústria com couro, atribuindo sua origem à região do Vale dos Sinos, com a implantação dos primeiros costurões, realizada pelos imigrantes alemães e italianos (MARTINS, 2011).

Já Benício Backes (2019) em seu estudo intitulado “**Foi o espaço que encontrei:**” a temática étnico-racial em escolas de educação básica em um contexto de colonialidade germânica, ao relatar as atividades econômicas da região, registra a importância do conhecimento do trabalho com o couro, que os negros escravizados adquiriram nas charqueadas. Backes destaca, ainda, que, na época, não apenas era importante o conhecimento, mas também a possibilidade de ensinarem esses ofícios (BACKES, 2019).

Na Tabela 3, que segue, é possível verificar a presença escrava em São Leopoldo.

Tabela 3 – Propriedade de escravos (inventário São Leopoldo-1850/1870)

Propriedade de escravos (inventário São Leopoldo-1850/1870)					
Anos	Quantidade	Com Escravos		Sem Escravos	
		Número	%	Número	%
1850/1854	84	25	29,76	59	70,24
1855/1859	144	38	26,39	106	73,61
1860/1864	100	23	23	77	77
1865/1870	161	46	28,57	115	71,43

Fonte: Alves (2005, p. 161).

Já a Tabela 4 apresenta as profissões da população escrava, em 1872, no Rio Grande do Sul (RS).

Tabela 4 – Quadro de profissões da população escrava do RS de 1872

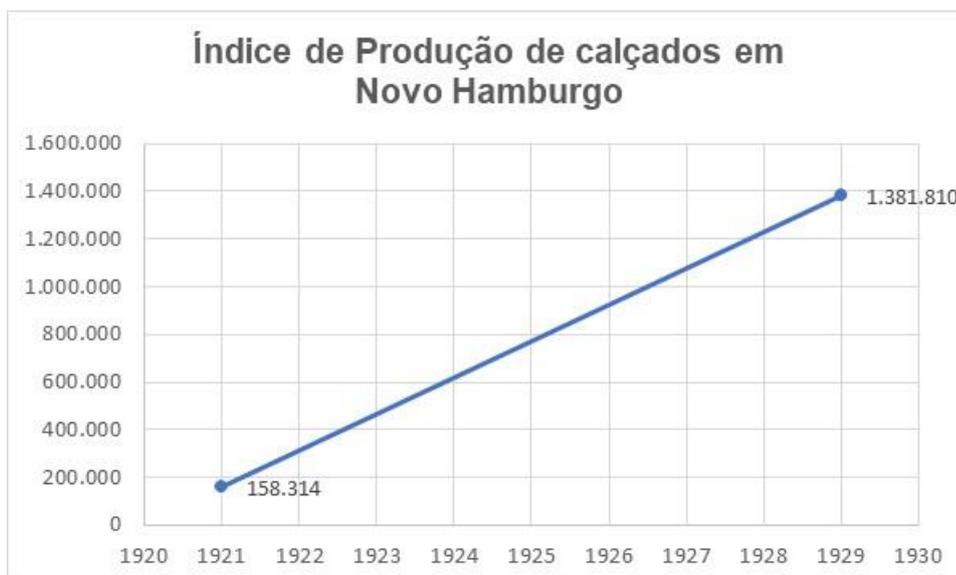
Quadro de profissões da população escrava do RS de 1872	
--	--

Profissões	Escravos		
	Homens	Mulheres	Total
Artistas	38	26	64
Marítimos	39		39
Pescadores	14		14
Costureiros		3.342	3.342
Canteiros, calafetes, mineiros e cavouqueiros	11		11
Operários em metais	23		23
Operários em madeiras	205		205
Operários em tecidos		27	27
Operários em edificações	14		14
Operários em vestuários	13		13
Operários em chapéus	8		8
Operários em calçados	42		42
Lavradores	29.363	19.373	48.736
Criadores e jornaleiros	563	403	966
Serviço doméstico	242	1.178	1.420
Sem profissão	5.121	7.756	12.877
Total	35.696	32.105	67.801

Fonte: adaptado de Cardoso (2003).

A região do Vale do Rio dos Sinos, desde meados do século XIX, já se destacava nas produções de couros e de sapatos. Em um estudo publicado no ano de 1986, Eugênio Lagemann realizou um comparativo entre os anos de 1835, quando a região possuía 7 curtumes e nenhuma sapataria, e, posteriormente, conforme os dados de 1874, apresentava 16 curtumes e 44 sapatarias. O Gráfico 2 apresenta o índice de produção de calçados em Novo Hamburgo, no período compreendido entre os anos 1921 e 1929.

Gráfico 2 – Índice de produção de calçados em Novo Hamburgo



Fonte: elaborado pelo autor, com base em Lagemann (1986).

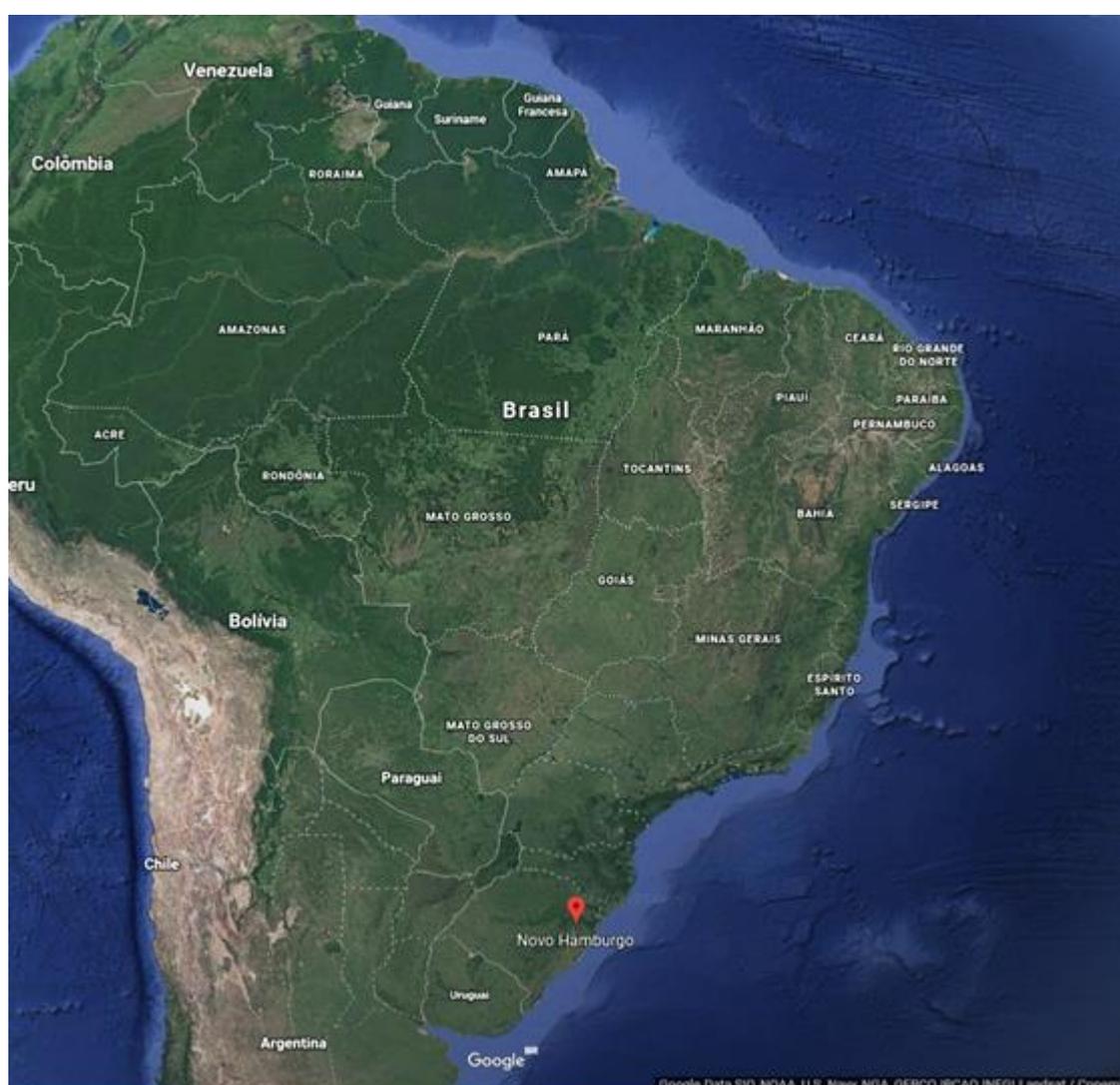
Alguns anos depois, próximo a 1921, a contabilidade realizada apresenta o foco na cidade de Novo Hamburgo, que, na época, produzia 158.314 sapatos e borzeguins¹¹ para crianças, números que oito anos depois aumentaram quase dez vezes, visto que, em 1929, a produção dos mesmos produtos chegava a 1.381.810 (LAGEMANN, 1986).

¹¹ Borzeguim era uma espécie de sapato de cano médio que, nos adultos, era usado pelas forças armadas.

3 O MUNICÍPIO SOB O MITO DO PROGRESSO

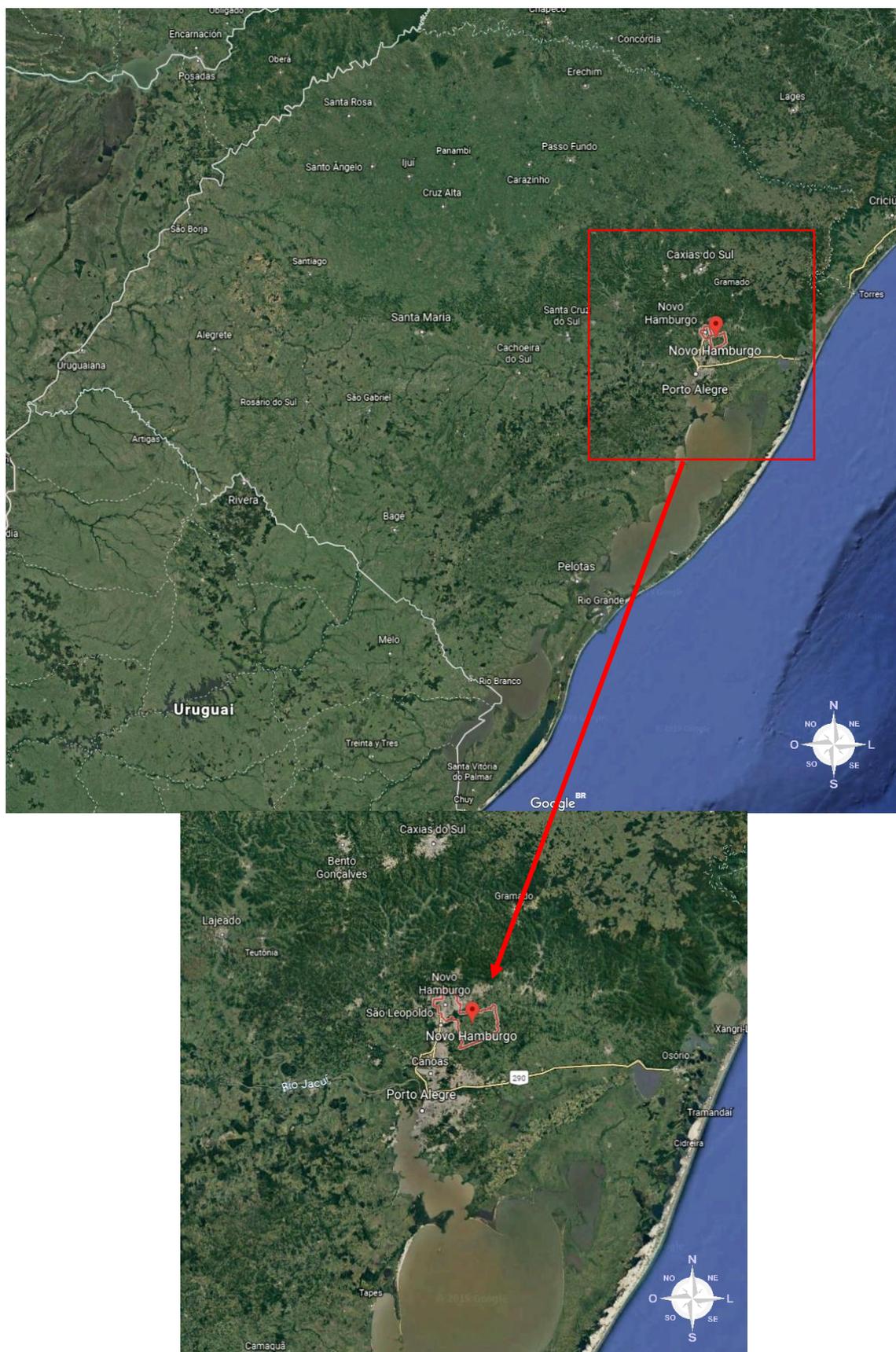
Novo Hamburgo hoje é uma cidade localizada a 42 km da capital, Porto Alegre, com uma população estimada em 238 mil habitantes (IBGE, 2018). Contudo, quem observa a cidade atualmente pode não imaginar seu surgimento e sua construção física e social. Segundo Nunes (2009), a memória social do trabalho na cidade de Novo Hamburgo funda-se sobre o mito da imigração alemã, que narra a chegada dos imigrantes em 1824, entretanto, na região, já viviam portugueses, açorianos, africanos e seus descendentes e indígenas.

Figura 2 – Localização de Novo Hamburgo em relação ao Brasil



Fonte: Google Earth (2019).

Figura 3 – Localização de Novo Hamburgo em relação ao Rio Grande do Sul



Fonte: Google Earth (2019).

uma maneira de sanar problemas. Observa-se aqui uma situação de conflito entre povos, vista como desordeira, em que o agente de conflito era uma segunda imigração europeia para “recivilizar” os agora vistos como desorganizados e não civilizados (SIMMEL, 1983). Esse mito de progresso é colocado à prova ao se escutar relatos de pessoas que fizeram parte da ascensão econômica do município e perceber-se que outras comunidades, além das alemãs, auxiliaram no desenvolvimento do município.

Tamanho destaque é percebido em relatos de trabalhadores de outras regiões do país que disputavam mercado com a região sul. No estudo realizado pelo biólogo e antropólogo Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha, ele apresenta o relato do Sr. Anacleto, que descreve o desponte das regiões de Franca e Novo Hamburgo para a produção de sapatos.

Sr. Anacleto: Olha, isso tem mais de 40 anos... Desde que os cara abriram essa estrada aí, como é? Belém-Brasília [...] Aí foi que veio sapato do sul tudo aí... Novo Hamburgo... Franca... muito sapato. Aí não teve como “pro” cara aqui em Belém fabricar sapato [...] Era tudo mais barato e os cara ainda vendia a prazo, pra pagar só com um mês, dois. Aí acabo pro fabricante daqui [...] Aqui em Belém? Não tinha como... Desde 1960 que começou a ficar ruim. Os curtumes na época, foram tudo fechando... Aí já viu. Não tinha nem matéria-prima “pra” trabalhar... Tudo vinha de fora [...] Essas lojas aí compravam do artesão. Compravam direto aqui das oficinas. Não tinha essa coisa de fábrica estrangeira (ROCHA, 2014).

O crescimento não parou na fabricação para o mercado brasileiro. Pelo contrário, a entrada da região para a exportação de calçados proporcionou tamanho desenvolvimento que, em 1984, 29% da exportação de produtos do Rio Grande do Sul eram provenientes da produção de calçados do Vale dos Sinos. Contudo, assim como o Brasil, China, Tailândia, Itália e Espanha também estavam fortes nas questões pertinentes à exportação no final dos anos de 1980. As principais diferenças entre eles é que países como Itália e Espanha focavam em calçados que seriam inspiração no mundo todo e teriam um valor mais elevado, enquanto os demais, como China, Tailândia, Indonésia, Vietnã e Brasil, estavam investindo na fórmula da quantidade em detrimento da qualidade (CAMPOS; CALANDRO, 2009). Esse fato foi atribuído devido ao deslocamento das indústrias de calçados para locais com mais acesso à matéria prima, mas, principalmente, com mão de obra barata. Novo Hamburgo, por sua vez, não estava enquadrada nessa fatia, pois possuía uma mão bastante qualificada e não tão barata quanto os países do leste asiático, enfrentando, assim, no início da década de 90, uma significativa queda nas produções e exportações e, por consequência, uma queda econômica.

3.1 MEMÓRIAS E TRABALHO EM NOVO HAMBURGO

Usarei como base para o referencial teórico das relações de trabalho o período pós-emancipação de Novo Hamburgo, a partir de 1924, pois a análise posterior transcorrerá durante início da indústria do calçado na cidade até seu declínio nos anos 90.

Segundo Schemes (2006), no período pós-emancipação, os trabalhadores da indústria do calçado tinham condições bastante precárias de trabalho: trabalhavam em jornadas diárias de 16 horas, com a semana variando entre seis e sete dias de trabalho, sem direitos como indenizações, horas extras ou aposentadoria. Tais condições só foram modificadas em 1934, quando foram promulgadas algumas leis que regulamentaram o trabalho no Brasil.

Dentre as leis regulamentadas, destacam-se, para a análise deste estudo, os seguintes itens¹²: o salário mínimo; a jornada de trabalho de oito horas; a indenização por dispensa sem justa causa; a proibição de trabalho a menores de 14 anos, de trabalho noturno a menores de 16, e em indústrias insalubres, a menores de 18 anos e a mulheres.

Schemes (2006) também destaca a forte presença da figura alemã nos registros de jornais da época, pois a imagem dessa população estava atrelada ao conceito de “trabalhadores concentrados no trabalho” (SCHEMES, 2006, p. 206), evidenciando o mito do progresso trazido com estes imigrantes que tinham qualidades de obedientes e ordeiros aos olhos do governo.

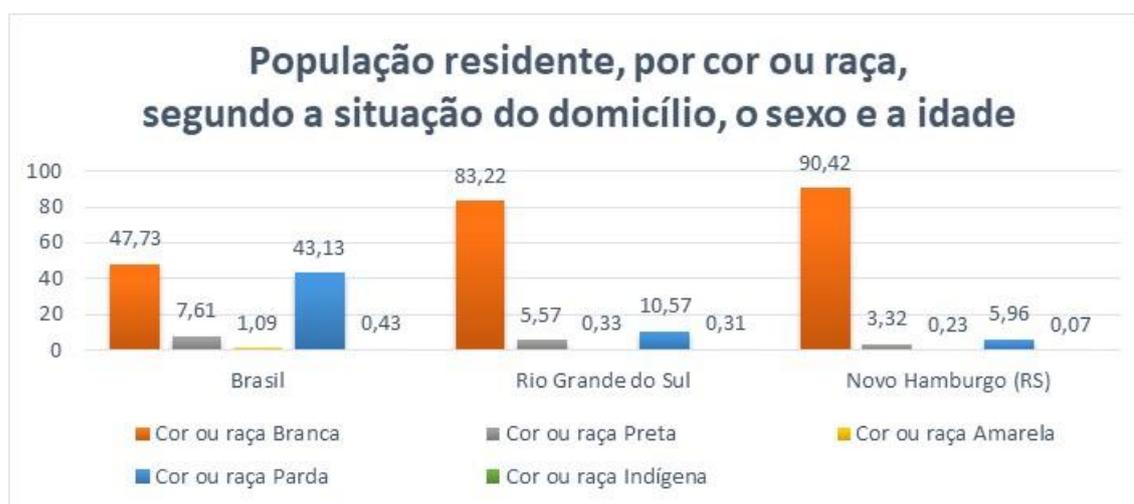
¹² Dados retirados de documentos da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/92083/constituicao-da-republica-dos-estados-unidos-do-brasil-34>. Acesso em: 03 dez. 2019.

Tabela 5 – População residente, por cor ou raça

População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade							
Ano – 2010							
Brasil, Unidade da Federação e Município	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Brasil	100	47,73	7,61	1,09	43,13	0,43	0
Rio Grande do Sul	100	83,22	5,57	0,33	10,57	0,31	0
Novo Hamburgo (RS)	100	90,42	3,32	0,23	5,96	0,07	-

Fonte: SIDRA (2011).

Gráfico 3 – População residente, por cor ou raça



Fonte: elaborado pelo autor, com base em IBGE (2010).

Embora a população negra e parda de Novo Hamburgo, no censo de 2010, represente quase 10% da população da cidade, isso não impediu que parte das histórias e memórias fossem deixadas para trás e esquecidas junto com seus protagonistas.

O exponencial crescimento da cidade, atrelado à figura do imigrante alemão, acabou por ocasionar uma invisibilização historiográfica de outras comunidades bastante importantes para o desenvolvimento de Novo Hamburgo. É o que se percebe com as comunidades de trabalhadores negros, das quais, exceto por trabalhos

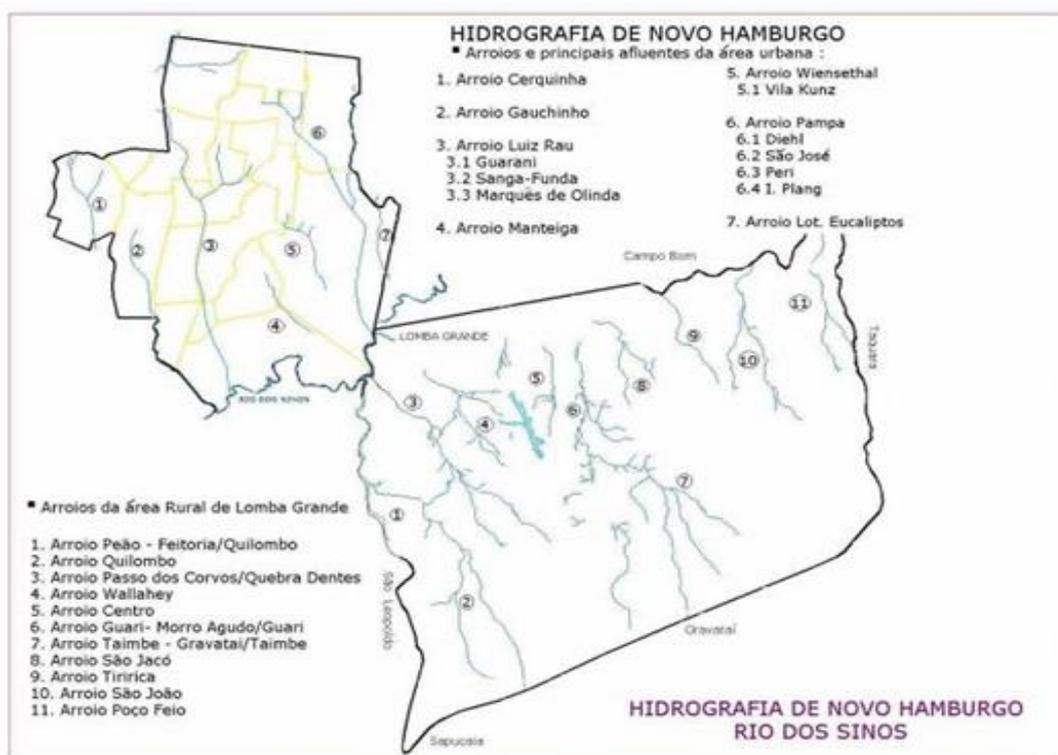
realizados após os anos 90, não se encontram registros historiográficos da participação deles na construção da cidade potência do calçado.

4 A IMERSÃO: A CIDADE POR OUTROS OLHOS

Neste capítulo que segue, vamos ter a experiência de uma viagem no tempo. Será revisitada uma Novo Hamburgo dos anos 60, 80, 90 e 2000, através das memórias auxiliadas a construção da identidade do município. Novo Hamburgo, emancipada em 1927, é constituída por 27 bairros, distribuídos em 224 km². Cortada pela rodovia federal BR-116, a cidade é, desde sua fundação, construída com finalidade industrial. Ao passar por algumas ruas da cidade, como: Pedro Adams Filho, Cel. Frederico Link, Victor Hugo Kunz, Vereador Adão Rodrigues de Oliveira, ainda é comum deparar-se com edificações antigas que ali abrigavam indústrias calçadistas.

Novo Hamburgo está dividida em duas zonas: Zona rural, definida como bairro Lomba Grande, e zona urbana, compreendida pelos demais 26 bairros. O município possui 18 arroios, sendo que 7 destes estão distribuídos pela zona urbana. Esses arroios apresentam relevante importância na construção do município, por conta da exploração dos recursos hídricos para o modelo de desenvolvimento industrial ali implantado. A indústria do curtume necessitava de abundância de água para o processo de curtimento e tratamento do couro.

Figura 5 – Hidrografia de Novo Hamburgo



Fonte: Comusa (2019).

A denominação Novo Hamburgo foi criada em 1857 e era considerado o 4º distrito de São Leopoldo. Com sua emancipação, em 1927, um novo distrito foi adicionado ao município. Assim, tinha-se: 1º distrito: Novo Hamburgo; 2º distrito: Hamburgo Velho. Por fim, em 1940, o 3º distrito: Lomba Grande, que também era um distrito de São Leopoldo, passou a compor o município. Os dois primeiros distritos eram compostos por 21 bairros e 3 núcleos.

Figura 6 – Bairros de Novo Hamburgo

Nos dois distritos, existem os seguintes bairros e núcleos:

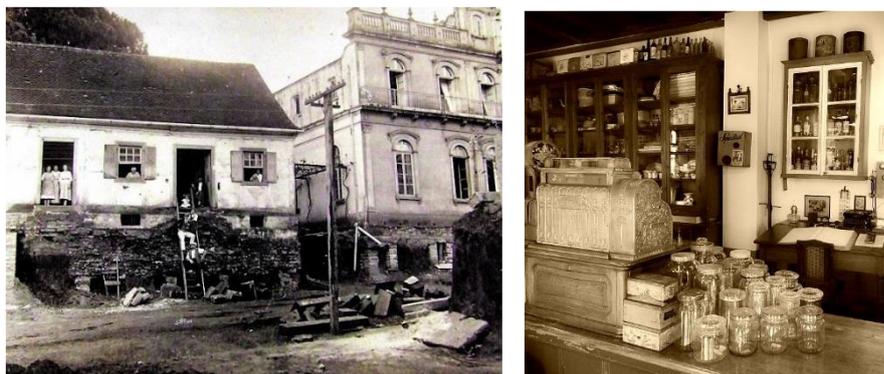
1. Bairro Rio Branco	13. Bairro Liberdade
2. Bairro Primavera	14. Bairro Santo Afonso
3. Bairro Vila Jardim	15. Bairro Rondônia
4. Bairro Rincão	16. Bairro Boa Vista
5. Bairro Vila Rosa	17. Bairro Mauá
6. Bairro Vila Operária	18. Bairro Canudos
7. Bairro Guarani	19. Bairro São Jorge
8. Bairro Vila Nova	20. Bairro São José
9. Bairro Pátria Nova	21. Bairro Friedrich
10. Bairro Ouro Branco	22. Vila Acauan
11. Bairro Vila Industrial	23. Vila Marte
12. Bairro Ideal	24. Vila Indiana

Fonte: Petry (1959).

O estabelecimento de casas de comércio deu origem a Hamburgo Velho. O distrito, que posteriormente seria Novo Hamburgo, foi criado com finalidade comercial, pois a região possuía a antiga estrada comercial e de tropas, do nordeste do Rio Grande do Sul. Essa estrada descia a serra, na zona de Taquara, seguindo pela planície e estendendo-se até o Rio dos Sinos. Após atravessar Hamburgo Velho, a rota dividia-se em dois ramais: um rumo ao sul, ligando-se ao sistema rodoviário de Porto Alegre; e o outro seguia para oeste, em direção ao vale do Caí, de onde continuava para o centro, norte e noroeste do Estado.

A Figura 7 apresenta uma imagem da Casa Schmitt Presser, onde existia uma venda de colônia e a residência do imigrante João Pedro Schmitt.

Figura 7 – Fotos antigas da casa Schmitt Presser



Fonte: Gräff (2012) e Brocker (2015).

As Figuras 8 e 9 apresentam, respectivamente, imagens antigas e recentes do bairro Hamburgo Velho.

Figura 8 – Vista aérea antiga de Hamburgo Velho



Fonte: Petry (1959).

Figura 9 – Vista aérea recente de Hamburgo Velho



Fonte: Nosso Cantinho (2010).

Hamburgo Velho, que antes se definia como um distrito, hoje é um bairro de Novo Hamburgo. Se, antes, o 1º distrito caracterizava-se por possuir a maior parte das indústrias do município, e o 2º, pelo comércio, hoje já não é possível fazer tal diferenciação. Muitas fábricas, que desde 1900 até 1990 funcionavam a todo vapor, hoje já não existem mais. O setor comercial, por sua vez, passou por diversas mudanças. Primeiro, localizava-se em uma região específica, depois, deslocou-se para o centro, e hoje se reorganiza tanto na região central da cidade quanto nos bairros. Pequenos comércios voltam a ter sua importância dentro de suas comunidades.

Figura 10 – Antigos prédios de indústrias calçadistas



Fonte: Acervo “As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do trabalho”.¹³

¹³ Fotos retiradas do acervo da pesquisa “As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do trabalho”, com acesso local, ainda não disponível para o público em geral.

Através das imagens acima, busco ilustrar o cenário econômico que Novo Hamburgo vivia na época, em 2010. Paralelo a isso, trago brevemente a fala de um dos trabalhadores. Ele expressa, com bastante clareza, o potencial do município na produção de calçado no início de sua carreira profissional (anos 60).

Figura 11 – Entrevista com Sr. Valdemar

“E aí até então eu já tinha meus onze anos de idade. Com doze anos de idade eu formei, passei no ensino fundamental, que hoje é ensino fundamental, na época era o primário. Aí já comecei a trabalhar porque lá em casa era assim: fazia o 5º ano primário, tinha que trabalhar, aí eu lembro que a falecida mamãe era empregada doméstica numa casa onde o proprietário, os donos da casa, tinham uma fabriqueta nos fundos de casa, uma fabriqueta que fazia sapatilhas com uma solinha de cromo que hoje nem se vê mais por aí, era colado com uma cola que também não existe mais no mercado, uma cola leitosa.

Era perto, era só atravessar a rua, era só atravessar a faixa e já estava na fábrica. Então, minha mãe ia para lá de manhã, aí os filhos que trabalhavam na fábrica dos fundos, e a mãe ia para fazer a limpeza, a comida para o pessoal, e interessante que essa fábrica, calçados Gardênia, até o nome é bonito... esse nome é.

Eu lembro que com onze anos, imagina eu vejo meu neto hoje que tem onze anos, eu vinha para casa todo sujo de cola, de tinta, porque eu não tinha controle nas mãos, uma coordenação para fazer as coisas sem se sujar né, eu era meio criança ainda com onze anos, naquela época a gente não era registrado, mas tinha que trabalhar, o governo não dava, não... não se tinha normas de idade para se começar a trabalhar, na época a gente não dava bola para isso.



A família toda se envolvia naquilo, eu sei que essa fábrica depois saiu dos fundos da casa, ele construiu um prédio um pouco mais adiante na rua Tupi, e a gente continuou trabalhando.

E aí, eu sei que depois que a gente passou por essa fabriqueta, eu cheguei aos dezesseis, dezessete anos, eu mudei de emprego, eu fui trabalhar nos calçados Zeraide, eu era muito amigo do sobrinho do dono, do proprietário, e aí eu já tinha ‘umas inspiração’, parecia que eu tinha que fazer ‘umas coisas diferente’, invés de ficar só passando cola. E os calçados Zeraide era pertinho, era só atravessar a rua, eram vizinhas as duas fábricas, praticamente.

O bairro Primavera era cheio de fábricas. Tinha...nossa... Na redondeza, tanto no bairro, na primavera, no ideal, tinha fábrica por todo o canto de Novo Hamburgo. Eu só não consigo entender como é que essas fábricas... Não tinha exportação na época, essas fábricas estavam sempre lotadas de serviços, então quer dizer o mercado interno, com uma população bem menor do que é hoje, absorvia toda essa produção desse pessoal”.

Sr. Valdemar será melhor apresentado mais à frente, mas, para fins introdutórios, podemos dizer que Valdemar é um senhor negro, com 68 anos de idade (na época da entrevista). Ele começou sua carreira profissional por volta dos anos 1960. É evidente, na fala de Valdemar, a presença da indústria calçadista desde muito novo. Em sua percepção de trabalhador em uma economia emergente, ele relata toda a prosperidade vivida pela cidade. Destaca, ainda, que a empresa, que antes era localizada nos fundos de uma residência, construiu um prédio. Mesmo com muitas indústrias calçadistas, o mercado interno consumia toda a mão de obra, assim como os produtos produzidos.

Figura 12 – Entrevista com Sr. Sebastião

“Quando eu vim embora novamente para a divisa de Pareci, aí dali eu fiquei um tempinho, mas aí vida não era mais pra mim a história de colono, aí vim embora pra São Leopoldo.

Aí em São Leopoldo, trabalhei na Borbonite, indústria de química e artefatos de borracha na qual trabalhava umas mil e poucas pessoas. Aí fiquei ali uns tempos também, uns anos, então dali eu vim pra Novo Hamburgo trabalhar na Amapá do Sul, então fiquei uns tempos, quase dez anos na Amapá. Então na Amapá me tiraram dali, porque tinha uma lei na Amapá: quem fizesse dez anos tinha que sair, nem que fosse para fazer um estágio, tinha que ficar seis meses fora, aí podia voltar. Então eu saí, não voltei mais, uns quantos me pediram para trabalhar no calçado, era uma coisa descomunal na época, era serviço mesmo.



Tinha muito serviço podia sair de uma firma de manhã, se fosse despachado a uma hora, podia pegar em uma outra fábrica naquele espaço de meio dia. Então, naquela época, imagine, você estava caminhando na rua e arrumava serviço caminhando, passava os carros com os autofalantes chamando essa ou aquela profissão, serviços gerais, a gente não ficava desempregado, aí fiquei no calçado mais um tempo, depois então fui para a prefeitura, fiquei o tempo todo na prefeitura pela qual hoje sou aposentado”.

Fonte: Acervo “As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do trabalho”.

Sr. Sebastião Flores inseriu-se na indústria calçadista em uma época semelhante à de Valdemar. Trabalhavam em empresas diferentes e exerciam funções diferentes. Suas memórias se cruzam ao relatar as inúmeras oportunidades de

trabalho presentes na região. Ou seja, mesmo com suas individualidades, suas memórias convergem para um mesmo ponto.

No conceito de individualismo aplicado às sociedades complexas, baseado nos conceitos de individualismo de Dumont, Gilberto Velho (2004) apresenta o conceito de trajetória social, no qual, mesmo com liberdade de pensar em si, o indivíduo toma as suas decisões e traça a sua trajetória social a partir de vivências socioculturais, em que, para existir, ele precisa expressar-se através de uma linguagem que visa ao outro, ou seja, mesmo tratando-se de um projeto individual, ele tem influência e fundamentação social (VELHO, 2004). Em resumo, suas memórias coincidiram para os seus campos de possibilidades. Tem-se aqui, como os campos de possibilidades, o trabalho com o couro e o trabalho nos curtumes no município de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo passava claramente por um momento de ascensão econômica e muitas das memórias apresentadas pelos moradores da cidade, que viveram essa época, contam com afeto uma imagem de indústrias trabalhando ininterruptamente, relatando jornadas de trabalho de domingo a domingo, com trocas de equipe em todos os turnos do dia. Embora muitas falas relatem um município com muitos empregos, desenvolvimento econômico e social, deve-se lembrar que se tratava de um município emancipado há menos de 40 anos da abolição da escravatura, ou seja, ainda apresentava muitos traços dos antigos regimes de trabalho. Dessa forma, ao se trabalhar com a memória dos trabalhadores negros, é inevitável direcionar o olhar para as relações de trabalho juntamente com as questões raciais. Todavia, antes de prosseguir, é necessário compreender que, quando se trabalha com memórias, é imprescindível que determinados pontos da narrativa recebam destaques diferentes de outros¹⁴. Não se pode estabelecer um ponto de partida e de chegada que seja traçado de maneira linear. Deve-se aceitar as tensões e descontinuidades traçadas pelos narradores, já que é isso que trará o dinamismo para a construção da narrativa final.

Ao abordar os conceitos de memória, seja ela individual ou coletiva, Halbwachs (1990) reforça que, embora, em muitas circunstâncias, o ser humano esteja “sozinho” em seus pensamentos, o seu imaginário e sua consciência são uma grande

¹⁴ Nos jogos da memória de Eckert e Rocha (2005), entendemos as narrativas como constituintes da memória coletiva em que cada personagem possui uma parte da memória coletiva, e a ordem dessas memórias é estabelecida através de um jogo de lembrar/esquecer, de acordo com o que determinada memória exerce: uma maior ou menor influência sobre o narrador.

composição de diversas fontes. Suas vivências, conversas e trocas de experiência com outros indivíduos fazem com seja forjado um repertório de memórias que, embora pertençam a uma única pessoa, são frutos de múltiplas interações.

Para organizar as questões de início, meio e fim, tal como pontos de maior ou menor importância dos projetos individuais de cada narrador, tomarei como princípio os jogos da memória de Eckert e Rocha (2005), nos quais entendemos as narrativas como constituintes da memória coletiva do trabalho negro do município, em que cada memória individual possui uma parte da memória coletiva, não participando apenas como narrador de acontecimentos históricos, mas também como participante dos processos por ele vivido. Nos jogos da memória, as recordações não obedecem a um único sentido histórico, trilhando perfeitamente o transcorrer dos anos. O detentor das lembranças tende a misturar os tempos de acordo com a importância dada pelos fatos vividos.

Halbwachs (1990), ao trabalhar as questões, acrescenta que a seletividade das memórias não está limitada ao seu processo individual de esquecimento e recordação; está também envolvida em tudo que outros indivíduos relatam, o que passa ou não a integrar a sua memória também. Relacionado diretamente a isso, o autor que utilizo em minha introdução, o malinês Amadou Hampaté Bâ. Em sua obra “Amkoullel, o menino fula”, Bâ aborda questões de algumas populações africanas sobre seus costumes da tradição oral e como, desde criança, eles são treinados a ouvir, observar e escutar atentamente tudo que acontece ao seu redor (BÂ, 2003).

Bâ (2003) faz uma referência às figuras dos *Griots*¹⁵, que são figuras como músicos, cantores e sábios responsáveis por armazenar e transmitir questões históricas e culturais de seus grupos e famílias. Gosto de ver meus personagens também como *Griots*, ou seja, personalidades negras que detêm uma parte da memória de um determinado grupo, nesse caso, do trabalho, em seus círculos e meios de convívio.

Como o desejo dessa pesquisa é acionar a memória sobre o protagonismo do trabalho negro em Novo Hamburgo, acredito que lançar mão de recursos como entrevistas não diretas (entrevistas com um roteiro prévio, mas sem andamento linear e condicionado) para dar liberdade aos entrevistados é o meio mais eficaz de se obter esses fragmentos de memórias.

¹⁵ Palavra utilizada na grafia original por não possuir um termo equivalente no português.

Paul Thompson (1992) salienta:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Baseado nessa premissa, a história oral é capaz de proporcionar informações além das encontradas em livros e documentos historiográficos. Trata-se, como citado anteriormente, de fragmentos de memória, portanto, grande parte deles existem apenas nas recordações dos narradores. Contudo, basearei esse estudo além dos relatos de meus parceiros de pesquisa, como já visto em todo o referencial teórico. Frequentemente, utilizarei fotografias, mapas e documentos históricos para dar credibilidade e veracidade aos relatos.

Com a temática agora contextualizada, alguns conceitos apresentados e exemplificados com algumas falas de meus parceiros de pesquisa, posso agora aprofundar a análise das narrativas desses parceiros. Entretanto, farei de uma maneira diferente: começarei do presente, conversando com a pessoa responsável pela coleta das entrevistas no ano de 2010. Posteriormente, iremos ao passado, através das memórias dos entrevistados.

Margarete Fagundes Nunes é Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Desde o início dos anos 90, trabalha com questões do trabalho no Vale do Sinos, entrelaçando as questões étnico-raciais. Mais recentemente, em meados dos anos 2000, adicionou aos seus estudos o uso dos recursos audiovisuais para o enriquecimento do trabalho antropológico. Utilizarei essa parceira de pesquisa, que também orienta o presente trabalho, como intermediadora de épocas, afinal, foi essa pesquisadora que coordenou todas as entrevistas que serão trabalhadas neste estudo. Se, por um lado, temos quatro narradores que contam as suas vidas, apresentando suas perspectivas sobre a indústria, o trabalho e as relações sociais, por outro lado, minha intenção aqui com Margarete é descobrir como estavam essas pessoas na época das entrevistas, como estava a situação econômica no país, pois temos, ao mesmo tempo, três tempos transcorrendo sobre a grande narrativa: Passado 1 – que se define como as décadas do início do trabalho dos nossos outros quatro parceiros; Passado 2 – tempo esse em que foram realizadas as entrevistas; e o Presente – tempo em que está sendo realizado este estudo.

Figura 13 – Narrador 1

Nome: Ada Maria Bernardes

Profissão: Funcionária Pública aposentada

Naturalidade: Dom Pedrito

Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 14 – Narrador 2

Nome: Ester do Nascimento

Profissão: Professora da Rede Pública de
Novo Hamburgo

Naturalidade: Porto Alegre

Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 15 – Narrador 3

Nome: Valdemar da Silva

Profissão: Estilista de calçados

Naturalidade: Novo Hamburgo

Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 16 – Narrador 4



Nome: Sebastião Antônio flores (falecido)

Profissão: Funcionário Público aposentado

Naturalidade: Novo Hamburgo

Fonte: elaborada pelo autor.

Construir redes e estabelecer conexões entre indivíduos que não conviveram na mesma época e não atuaram nas mesmas funções de trabalho parece-me bastante complexo. Tem-se aqui, como um fator de complexificação, o trabalhar com acervos e não diretamente com os parceiros de pesquisa.

Ada Bernardes, Ester do Nascimento, Valdemar Silva e Sebastião Flores são trabalhadores negros que, vindos de diversos municípios da região sul do país, tiveram suas vidas permeadas pela indústria calçadista, sendo que alguns destes sofreram influência direta dessa atividade fabril em suas carreiras profissionais.

Ada, a primeira apresentada, nascida em Dom Pedrito, ao se mudar para Novo Hamburgo, foi adotada pelos patrões de sua mãe, uma família branca, prática bastante comum à época. Recebeu oportunidade de estudar, cursou o supletivo para completar seus estudos e focou sua carreira no serviço público.

Ester do Nascimento nasceu em Porto Alegre, mas, logo após seu nascimento, mudou-se para Montenegro, onde seus pais já moravam. Pouco tempo depois, em busca de melhores oportunidades de emprego, dirigiu-se a Novo Hamburgo, onde passou a trabalhar no Hospital Regina e, posteriormente, cursou o magistério e trabalhou na área de educação.

Valdemar Silva, um estilista negro, começou a trabalhar no calçado aos 11 anos, em uma empresa nos fundos da casa onde sua mãe trabalhava como doméstica. Contento com sua evolução, ele buscou se qualificar, tornando-se um estilista referência na região, viajando por diversos países do mundo.

Por fim, Sebastião Flores, um ex-militar que, nascido em São Sebastião do Caí, decidiu sair da sua terra natal para buscar trabalho na indústria calçadista na região do Vale do Rio dos Sinos. Muito influente, ele logo estabeleceu boas relações com

seus empregadores, chegando até a receber sua festa de casamento como presente de um de seus patrões.

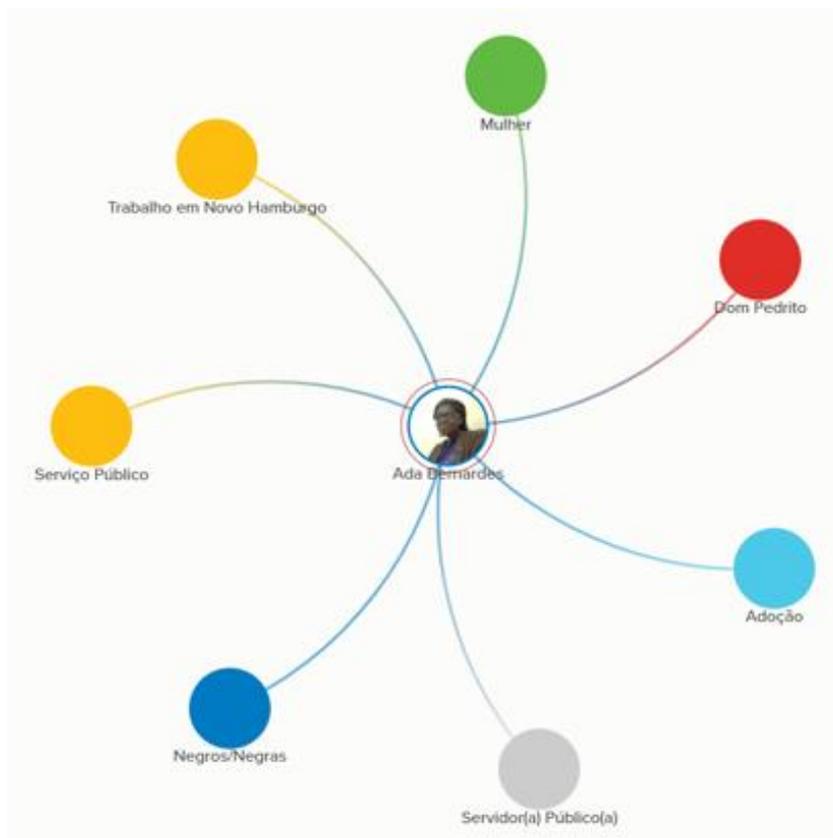
Nos esquemas a seguir, busco apresentar, primeiramente, os fatores que estabelecerão possíveis conexões entre os parceiros de pesquisa. Posteriormente, apresento o quadro final com as conexões realizadas e como elas interferem nas suas trajetórias.

É possível perceber que, mesmo tendo vivido em épocas diferentes e atuado em áreas diferentes da economia hamburguense, todos são ligados pelos dois principais fatores: negros/negras e trabalhadores em Novo Hamburgo.

- Sebastião, Valdemar e Ester tiveram suas trajetórias profissionais ligadas diretamente à indústria calçadista (presente nos círculos amarelos), mesmo que Ester tenha, posteriormente, direcionando-se a ser professora, e Sebastião, a ser servidor público.
- Também ligados pelos círculos da profissão (círculos amarelos), Ester, Sebastião e Ada são ligados pelo Serviço Público.
- Os círculos vermelhos representam as cidades de origem de cada parceiro de pesquisa.
- O círculo verde é referência ao gênero feminino (mulher).
- Os círculos azuis claros representam as relações interpessoais estabelecidas entre os parceiros de pesquisa com seus pares. Sebastião e Valdemar passaram por um indireto apadrinhamento por parte de seus patrões, que os auxiliaram em seu crescimento profissional. No caso de Ada, ela foi adotada pela família na residência em que sua mãe trabalhava como doméstica.
- Os círculos cinzas representam diretamente as profissões exercidas por cada narrador.

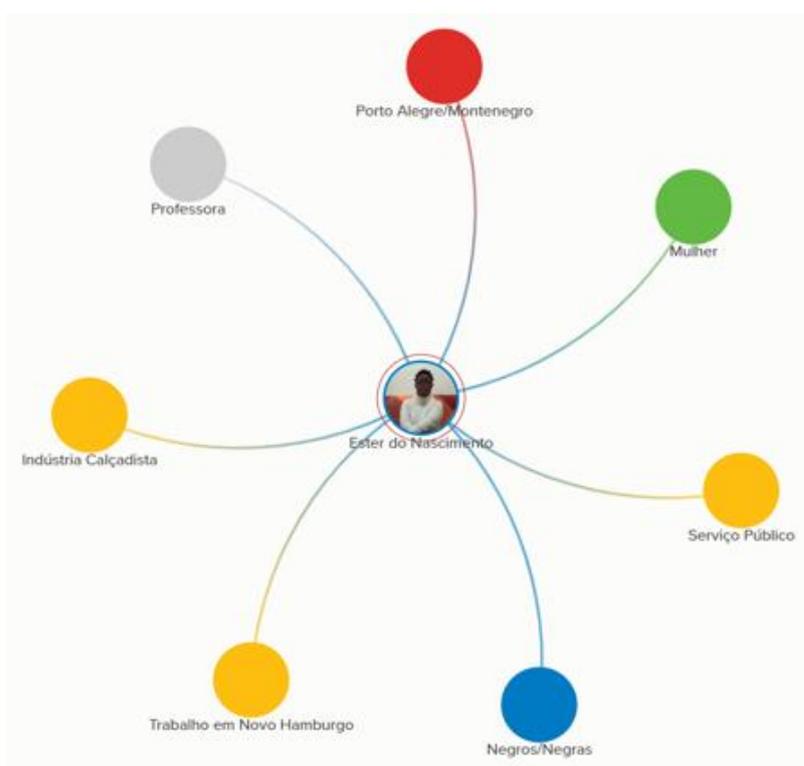
A Figura 17 apresenta os itens para conexão de Ada Bernardes.

Figura 17 – Itens para conexão de Ada Bernardes



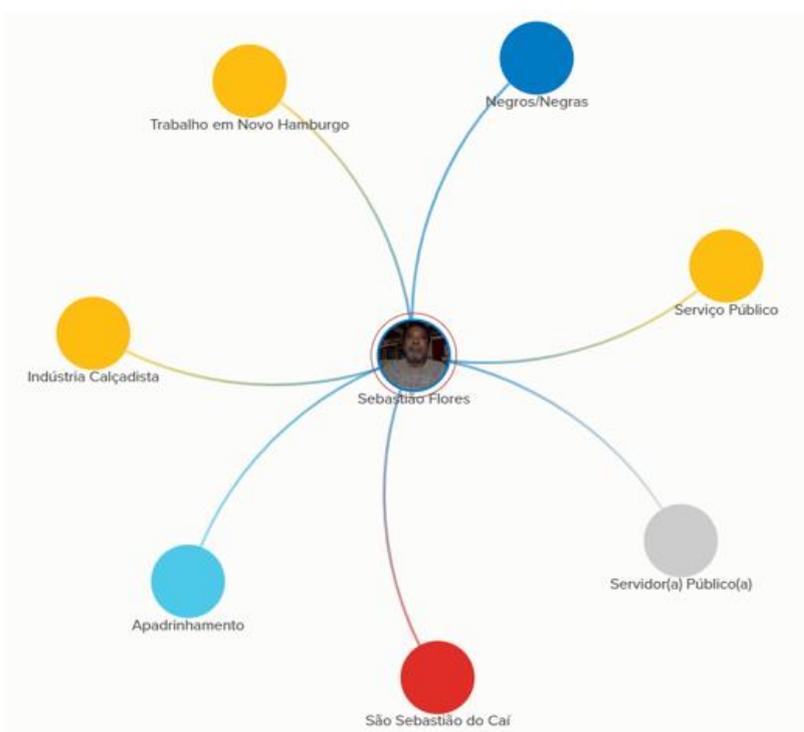
Fonte: elaborada pelo autor.

A Figura 18 demonstra os itens para conexão de Ester do Nascimento.

Figura 18 – Itens para conexão de Ester do Nascimento

Fonte: elaborada pelo autor.

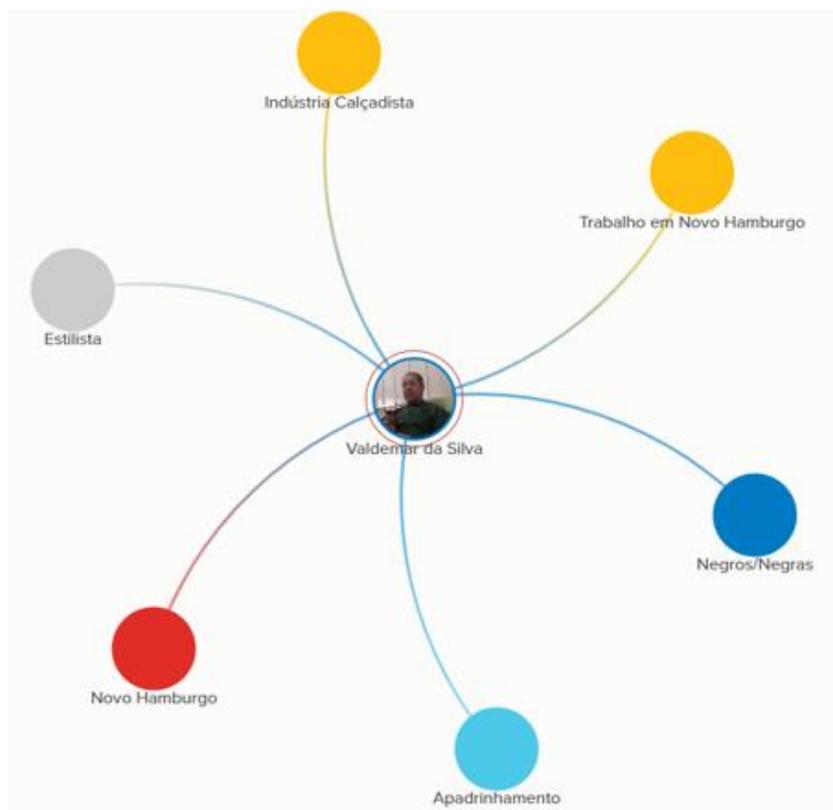
A Figura 19 aborda os itens para conexão de Sebastião Flores.

Figura 19 – Itens para conexão de Sebastião Flores

Fonte: elaborada pelo autor.

A Figura 20 expões os itens para conexão de Valdemar Silva.

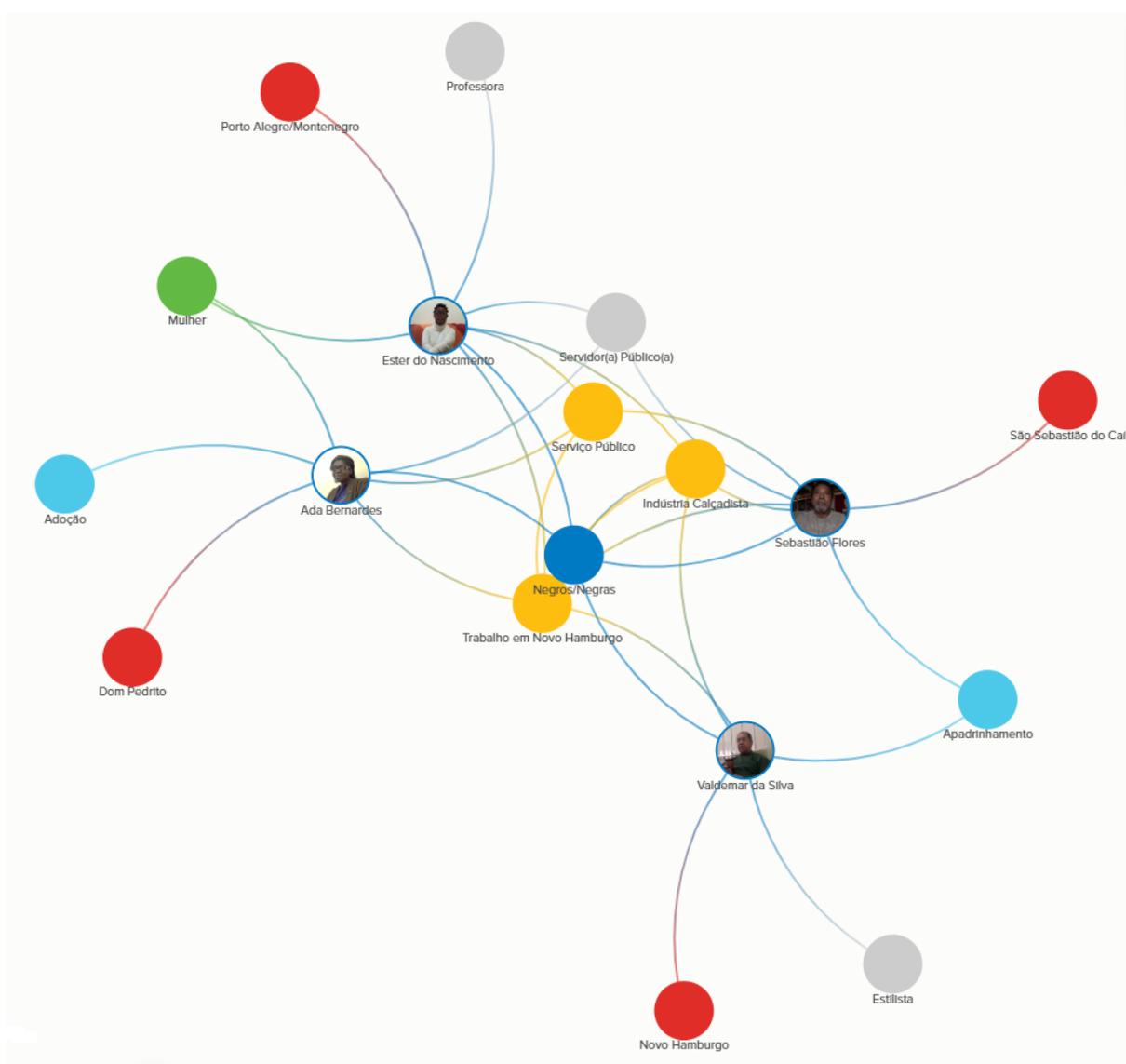
Figura 20 – Itens para conexão de Valdemar Silva



Fonte: elaborada pelo autor.

Por fim, a Figura 21 apresenta um quadro de ligações entre os quatro narradores. Embora dentro dos jogos da memória (no qual eu fundamento a análise desse estudo), não se estabeleçam tempos lineares e datas específicas, ou seja, os acontecimentos seguem a ordem das memórias, é meu papel construir uma conexão entre as narrativas dos parceiros de pesquisa, de uma maneira que os acontecimentos façam sentido.

Figura 21 – Quadro de ligações entre os 4 narradores



Fonte: elaborada pelo autor.

Deixar apenas as narrativas correrem como elas aparecem nas memórias dos interlocutores e misturá-las com as de outros sem nenhum princípio ou justificativa resultará em uma narrativa esquizofrênica, em que teremos frequentes discrepâncias e incoerências na história.

Para realizar o início das análises, tomo a liberdade de começar pelo mais velho, senhor Sebastião Antônio Flores. Em sua narrativa, Sebastião começa descrevendo sua jornada onde inicia sua carreira profissional. Trabalhou com agricultura familiar, o que ele descreve como “costumes de colônia”. Ele deixou a casa dos pais para integrar a aeronáutica, e, posteriormente, voltou a morar na cidade natal

em busca de melhores condições. Não percebendo perspectiva de melhora, ele se mudou para São Leopoldo, para então ingressar no ramo do calçado:

“Nasci na minha terra, São Sebastião do Caí, a qual adoro muito, e quando ainda pequeno eu me desloquei, saí de São Sebastião do Caí, fui para divisa de Pareci, terra que a gente viveu nos costumes de colônia. Então fiquei ali uns anos ali depois vim embora pra Capela de Santana. Fiquei ali fiquei até 16,17, anos 18 estudei lá e depois colégio estadual depois fiz um curso lá pra aeronáutica a qual passei e fui embora pra canoas, aí ingressei na aeronáutica. Fiquei na aeronáutica também um determinado tempo, trabalhei no arquivo geral da aeronáutica depois então por ambição, por querer mais e ambição de melhorar e de crescimento eu estava bem e pensava que estava mal e pedi pra sair da aeronáutica, dizendo que queria melhorar minha vida. Então sai, mas eles não queriam que eu saísse, não queriam não queriam, mas insisti e sai aí foi quando eu vim embora novamente pra divisa de Pareci. Eu fiquei um tempinho, mas ai vida não era mais pra mim a história de colono aí vim embora pra São Leopoldo trabalhar na Borbonite¹⁶ indústria de química e artefatos de borracha” (SEBASTIÃO, 2010).

Figura 22 – Foto do maquinário da empresa Borbonite



Fonte: Acervo “Contos do Vale dos Sinos”.¹⁷

¹⁶ A figura 22 apresenta uma vista do maquinário da empresa Borbonite S/A Ind. Borracha, primeira empresa do setor calçadista em que Sebastião trabalhou.

¹⁷ Fotos retiradas do Acervo da pesquisa “Conto do Vale dos Sinos”, com acesso local, ainda não disponível para o público em geral.

A fala de Sebastião é toda envolta no sentimento de inquietação e desejo de melhora. O trecho inicial da entrevista mostra-se de grande importância, pois é com esse sentimento que Sebastião conduz sua trajetória social. Até chegar ao serviço público, no qual se aposentou, Sebastião passou por diversos setores de trabalho, sempre em busca de melhores condições de vida.

Como autor, trago aqui uma pequena reflexão sobre esse trecho de Sebastião, que acredito enriquecer o olhar sobre os anseios que ele buscava na época. Eu, com meus 23 para 24 anos, ao trocar para o quinto emprego desde os 17 anos, minha mãe me questiona: “*Mas você não vai se fixar em um emprego, fazer uma carreira?*”. Observo que algo que é atribuído às gerações atuais é o fato de não se prender a empregos até atingir um determinado nível de equilíbrio entre a satisfação financeira e a profissional, que também se apresentava no jovem Sebastião. Mesmo após conseguir iniciar carreira na aeronáutica, ele buscou novos desafios, lançou-se à – na época – promissora indústria do calçado e, por fim, à estabilidade do concurso público.

“[...]Já em São Leopoldo, trabalhei na Borbonite, indústria de química e artefatos de borracha na qual trabalhava umas mil e poucas pessoas. Aí fiquei ali uns tempos também, uns anos, então dali eu vim pra Novo Hamburgo trabalhar na Amapá do Sul, então fiquei uns tempos, quase dez anos na Amapá. Então na Amapá me tiraram dali, porque tinha uma lei na Amapá: quem fizesse dez anos tinha que sair, nem que fosse para fazer um estágio, tinha que ficar seis meses fora, aí podia voltar. Então eu saí, não voltei mais, uns quantos me pediram para trabalhar no calçado, era uma coisa descomunal na época, era serviço mesmo. Tinha muito serviço podia sair de uma firma de manhã, se fosse despachado a uma hora, podia pegar em uma outra fábrica naquele espaço de meio dia. Então, naquela época, imagine, você estava caminhando na rua e arrumava serviço caminhando, passava os carros com os autofalantes chamando essa ou aquela profissão, serviços gerais, a gente não ficava desempregado, aí fiquei no calçado mais um tempo, depois então fui para a prefeitura, fiquei o tempo todo na prefeitura pela qual hoje sou aposentado[...]” (SEBASTIÃO, 2010).

Sebastião traz, nessa fala, uma aparente preocupação da empresa Amapá do Sul com a qualificação e novas experiências de seus funcionários. Digo aparente, pois não é possível perceber, através do relato, o real sentido dessa prática. Sebastião apresenta o conceito como uma política interna, também não sendo possível perceber se tratava-se de uma prática exclusiva da empresa Amapá do Sul ou algo praticado por mais empresas.

Figura 23 – Prédios da empresa Amapá do Sul



Fonte: Acervo “Contos do Vale dos Sinos”.

Em seguida, Sebastião relata um ponto bastante importante para reconstruir a memória ambiental de Novo Hamburgo: *“Tinha muito serviço, podia sair de uma firma de manhã, se fosse despachado a uma hora, podia pegar em uma outra fábrica naquele espaço de meio dia”*. Destaco esse ponto por ser a primeira manifestação de grandeza do calçado, recordada por Sebastião, juntamente com a ligação que essa memória individual estabelece à de outro parceiro de pesquisa. Tem-se aqui o primeiro ponto direto de convergência das narrativas:

“Bom, o bairro Primavera era cheio de fábricas. Tinha... nossa! Na redondeza, tanto no bairro, no Primavera, no Ideal, tinha fábrica por todo o canto de Novo Hamburgo. Eu só não consigo entender como é que essas fábricas... Não tinha exportação na época, essas fabricas estavam sempre lotadas de serviços, então quer dizer o mercado interno com uma população bem menor do que é hoje, absorvia toda essa produção desse pessoal” (VALDEMAR, 2010).

Inicialmente, temos o relato de Sebastião, que nos apresenta uma perspectiva do trabalhador, na qual era possível sair para o intervalo ao meio-dia e buscar ou receber uma nova oportunidade de emprego nesse período. Semelhante a isso, Valdemar apresenta uma visão mais mercadológica, mais comercial: ele relata a presença de muitas fábricas na cidade. Outro detalhe apresentado por Valdemar era que, em suas próprias palavras, *“fábricas estavam sempre lotadas de serviços”*. Ele destaca que, no início, o município trabalhava apenas com o mercado interno e, ainda assim, absorvia toda a produção.

Como moradores de Novo Hamburgo, utilizo como linha principal para intersecção entre as narrativas, o trabalho, contudo, outros pontos são necessários

para que as memórias possam ser conectadas. São fatores como socialização (festas e esportes), educação, relações e ligações familiares, questões de gênero, entre outros fatores mais sutis presentes nas memórias de cada interlocutor.

Ester, assim como Valdemar, iniciou sua trajetória profissional na indústria calçadista. Trabalhou em uma empresa de Montenegro logo após completar o ensino regular¹⁸. Kursou parte do magistério e, posteriormente, retornou para terminar o Ginásio. Concluído o ginásio, ela passou a trabalhar com calçado e apresentou um cenário industrial de Montenegro diferente de Novo Hamburgo.

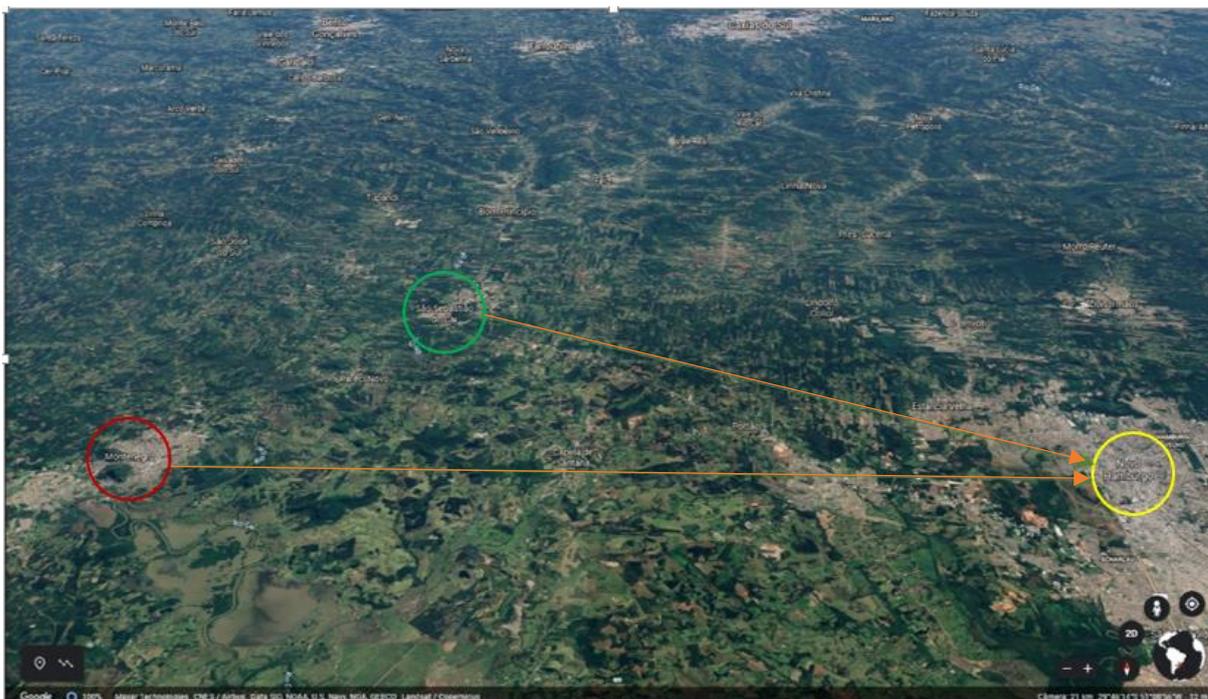
“[...] a Jota Renner que eu fiz o Ginásio depois na escola São João que era uma escola estadual, e também estudei um período na escola São José que naquela época fazia magistério depois não era aquilo que eu queria naquele momento, daí eu retornei pro São João, foi onde eu retornei pro ensino médio, naquela época se chamava segundo grau. Eu trabalhei numa empresa em Montenegro que eu também não recordo o nome, que era uma empresa de calçado[...] Montenegro não tem muitas empresas, né? Tinha, naquela época, essa firma de calçado, tinha a Frangosul, tinha a Renner, tinha a Tanac, tinha poucas empresas, então a gente não tinha muita opção. Não era nem aquilo que se queria naquele momento, mas o que se tinha como trabalho. Então eu fui trabalhar nessa empresa¹⁹ trabalhei dois anos lá [...]” (ESTER, 2010).

As relações entre as narrativas começam a se intensificar. Aqui temos uma professora aposentada que morou, durante toda a infância, em Montenegro e que decidiu morar em Novo Hamburgo, em busca de melhores condições de trabalho. Onde é possível vislumbrar uma trajetória semelhante? Em Sebastião. Nascido em São Sebastião do Caí, ele também se mudou para São Leopoldo e, posteriormente, para Novo Hamburgo, em busca de novas oportunidades.

¹⁸ Utilizo aqui a expressão Ensino Regular para representar o conjunto de ensino fundamental e médio, mas que, na época, eram utilizados outros termos, respectivamente ensino primário e ginásio.

¹⁹ A entrevistada não recordou o nome da empresa, mas, para fins de registro, deixo claro que, para a pesquisa, no momento, o mais importante é a relação inicial de sua carreira profissional com o calçado.

Figura 24 – Mapa de deslocamento de Sebastião e Ester



Fonte: Google Earth (2019).

Visualiza-se, na Figura 24, o processo de deslocamento dos dois trabalhadores, Ester e Sebastião, que saíram do Vale do Caí para Novo Hamburgo. No círculo verde, observa-se a cidade de São Sebastião do Caí (cidade de origem²⁰ de Sebastião); no círculo vermelho, Montenegro; e no círculo amarelo, Novo Hamburgo. As setas laranjas mostram o sentido de deslocamento. Sabe-se que a trajetória de Sebastião foi mais complexa, que antes de partir para Novo Hamburgo, ele passou por Pareci Novo, Canoas e São Leopoldo, porém, essa imagem é apenas para mostrar a proximidade das cidades de origem dos personagens.

Como fatores que motivaram o seu deslocamento, Ester dá destaque ao preconceito racial e social, além da falta de oportunidades:

“Eu posso dizer que o preconceito havia em relação à falta de oportunidade de trabalho que, naquela ocasião, não tinha direito, que quando nós viemos pra Novo Hamburgo, outras colegas nossas, de família, que já estavam no meio tinham ensino Médio, algumas já estavam cursando, na Unisinos, faculdade e que não tiveram oportunidade de trabalho em Montenegro[...] Porque assim, não menosprezando, mas aquilo era o que ofereciam numa firma de calçado. Naquela época, eu já tinha ensino médio, já tinha datilografia, que naquela época era “O curso”, na ocasião era bem

²⁰ Utilizo o termo Cidade de Origem para referir-me não a cidade Natal, mas a cidade onde o personagem teve sua trajetória profissional iniciada. Neste profissional está incluído a agricultura familiar.

considerado. Poderia ter uma outra oportunidade de trabalho e que não se tinha. Então assim, havia muito preconceito em Montenegro e não bastava apenas ser branco naquela época, talvez hoje tenha mudado, mas tinha que ter um sobrenome vinculado à família tal, que eu não vou citar nesse momento, então não bastava ser branco, mas tinha que estar vinculado às famílias, então as oportunidades de trabalho estavam vinculadas ao nome que tu tinhas” (ESTER, 2010).

Ainda não contemplada pelas falas iniciais dos dois primeiros parceiros de pesquisa, tem-se agora o primeiro relato de questões raciais e sociais atreladas a preconceito. Ester relata que, além da barreira racial, não fazer parte de determinado estrato da sociedade não lhes possibilitava oportunidades de emprego equivalentes à sua qualificação.

Contudo, ela deixa clara sua vontade de mudança e de alcançar melhores condições de vida:

“Quando nós, por exemplo, quando eu fiquei desempregada em 1986, eu tive que fazer opção ou ficava lamentando e choramingando, no lugar onde eu estava, no lugar em que eu passei a minha infância, com meus vínculos de amizade. Que tinha construído um pouco daquele período da história da gente quanto “gente” ou saia dali. E naquela oportunidade várias amigas estavam trabalhando no hospital Regina, em Novo Hamburgo, tinha um pensionato das irmãs, foi duro no início assim para sair deixar a família, mãe. Mas eu vim pra Novo Hamburgo e eu gosto muito de Novo Hamburgo, eu digo que é minha cidade, eu amo Novo Hamburgo, é lugar que me deu oportunidade de trabalho e me acolheu. Vim trabalhar em Novo Hamburgo no hospital Regina na recepção do hospital Regina e trabalhava, morava no pensionato das irmãs[...] então assim foi um período que eu trabalhei de 1984 a 1986 no Regina na verdade eu trabalhei em Montenegro 82, 84” (ESTER, 2010).

Ester, nesse trecho, como fala Bachelard (1993), deixava o “ninho”, o local de proteção e segurança. Ela define Montenegro como o local que a constituiu como “gente” (compreende-se esse “gente” como indivíduo com direitos e deveres em uma sociedade) e deixou esse local onde estava sua família e amigos para poder alçar voos maiores, ou seja, ela precisou “deixar o ninho”.

A relação estabelecida entre o início da trajetória profissional de Ester e o “deixar o ninho”, caracterizado pelo deslocamento de sua cidade de origem, aplica-se também a outros dois parceiros de pesquisa, ou seja, três dos quatro trabalhadores estudados tiveram suas vidas marcadas pela necessidade do abandono de uma situação para buscar novas e melhores perspectivas. Como visto anteriormente, Ester deixou Montenegro, Sebastião deixou São Sebastião do Caí e, a seguir, temos a

introdução da quarta pessoa presente nesta narrativa de Novo Hamburgo, Ada Bernardes.

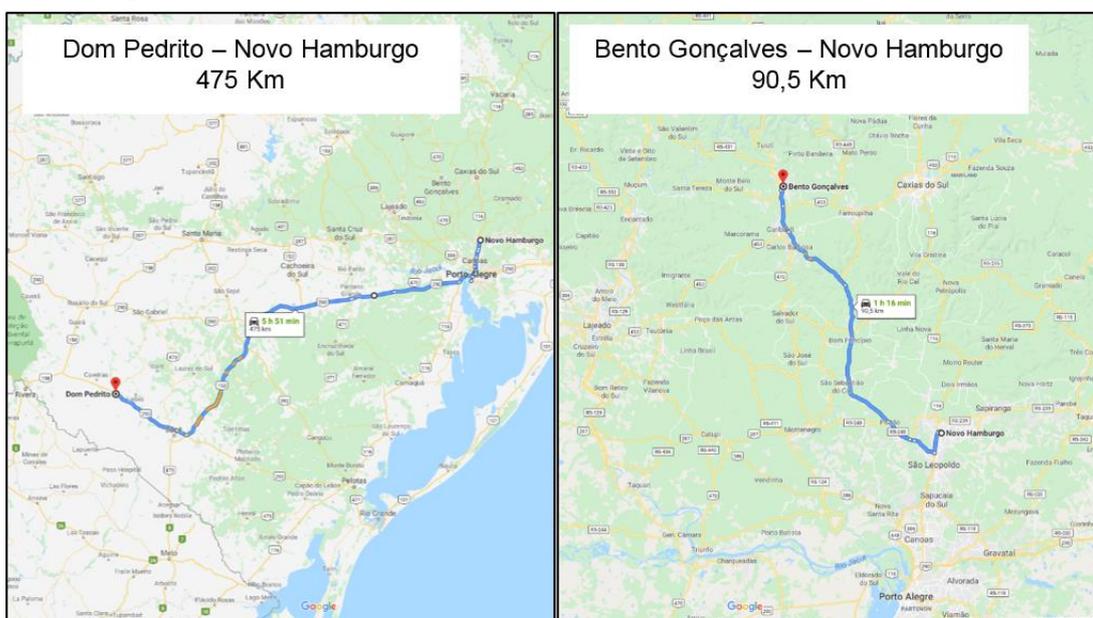
Ada, nascida em Dom Pedrito, ao se mudar para Novo Hamburgo, foi adotada pelos patrões de sua mãe. Tempo depois, mudou-se para Bento Gonçalves, para concluir os estudos na instituição onde uma das irmãs mais velhas trabalhava. Posteriormente, voltou a Novo Hamburgo, onde, com ajuda da outra irmã, conseguiu o primeiro emprego.

“Então eu fiz supletivo. Fiz aqui em Novo Hamburgo, mas daí eu decidi que eu não queria mais estudar. Mas daí eu tinha minha outra irmã que morava em Bento, então eu fui estudar, ela trabalhava no grupo escolar, daí eu fui pra lá” (ADA, 2010).

Inclusive, é possível perceber uma semelhança no relato de Ada e de Ester quanto às amizades construídas em seus espaços de formação. No caso, Ester, em Montenegro, e Ada, em Dom Pedrito e Bento Gonçalves:

“Porque eu me criei lá e lá eu tinha muita amizade. E depois aqui a gente conseguiu fazer amizades. Quando a gente veio para cá, moramos em uma casa na Lima e Silva, atrás da escola ali sabe? Atrás da Igreja São Luiz, ali tinha o colégio Pio XII” (ADA, 2010).

Figura 25 – Mapas das principais cidades de vivência de Ada Bernardes



Fonte: Rio Grande do Sul... (2019).

Embora esses relatos iniciais de Ada não tenham conexão direta com seu trabalho, foi através das relações familiares, dos locais que residiu e das pessoas que

conheceu que ela alcançou seus anseios e desejos, fato que é possível perceber a partir do relato a seguir:

“A gente se dava muito com os irmãos maristas, e não tinha fim na rua, eles deixaram até fazer um portãozinho para passarmos para ir lá para o bairro Rio Branco. Então tinha turma, tinha esse meu sobrinho que estudava ali, então na hora do recreio eles iam sempre lá pra casa, então a gente cria uma amizade, sempre levava um coleguinha, e eu sou bem assim, para me enturmar com as pessoas é muito fácil, não tem problema nenhum” (ADA, 2010).

Essa foi a resposta apresentada por Ada quando questionada se ela havia estudado no colégio Pio XII, que ficava próximo a sua casa, uma resposta que exemplifica com exatidão como se construiu posteriormente sua trajetória social, através de muito “enturmar-se com as pessoas”, como ela mesmo utiliza em sua fala.

Dentre os pontos não explicitados anteriormente no esquema de conexões, acredito que a socialização seja o mais forte. Todas as narrativas dos quatro parceiros são permeadas por formas de apadrinhamento, adoção, conquista de confiança e a própria socialização em seu âmbito mais simples. Trata-se do convívio, o compartilhar de momentos, o comemorar, aprender e crescer em conjunto.

Com a memória na década de 70, voltamos a 1922, ano de fundação da Sociedade Cruzeiro do Sul. Magna Lima Magalhães (2010) apresenta, em diversos estudos, a história da sociedade, originária de um grupo de integrantes negros com o desejo de montar um clube de futebol, em que vários destes frequentavam também o Bloco dos Leões (bloco de carnaval que desfilava por uma das principais avenidas de Novo Hamburgo). A sociedade foi o resultado de uma fusão entre o clube com o bloco, que tinham desejos em comum de ter um local para proporcionar encontros, reuniões e comemorações (MAGALHÃES, 2010).

Com sede na rua Osvaldo Cruz, número 96, no bairro Primavera, no município de Novo Hamburgo, a sociedade, além de ser sede do clube de futebol e do grupo carnavalesco, também foi local de outro modo de socialização: a educação. Relatada por Valdemar como forma de proporcionar educação para os jovens da comunidade do bairro Primavera, na década de 50, a sociedade oferecia seu espaço como escola para o município.

“Era um bairro que, na época em que eu era pequeno, eu estudei no Clemente Pinto, minha primeira escola foi o Cruzeiro, o cruzeirinho tinha... na época de 50 até 60, não de 50 me lembro quando começou a escola lá

no Cruzeirinho, era a única escola que tinha no bairro, a sociedade era um salão aberto, e tinha os biombos que separavam em salas. Eu estudei o meu primário até meu quarto ano primário eu estudei ali. Fui alfabetizado dentro do Cruzeirinho, aham! Isso é uma história que pouca gente lembra, mas a maioria das pessoas da minha idade do bairro...meus irmãos a maioria deles foram alfabetizados no Cruzeirinho, até os três irmãos mais velhos né!” (VALDEMAR, 2010).

Além do protagonismo negro que busco em meus parceiros de pesquisa, percebo, aqui, também uma movimentação da comunidade negra toda do bairro Primavera. Um ambiente, criado inicialmente para reuniões e festividades, buscava solucionar um problema social da época: o acesso à educação, sendo a única escola no bairro, ou seja, recebendo não apenas crianças negras.

Também o futebol e o carnaval guiaram a caminhada de Sebastião. Presidente da Sociedade Carnavalesca Protegidos da Princesa Isabel, Sebastião também mudou um pouco de sua condição de vida com a socialização, mais especificamente do esporte:

“Porque na época era muito grande o futebol, todas essas indústrias tinham time, mas time mesmo, os patrões se interessavam e gostavam, e davam apoio, a exemplo do que eu falei do Aimoré, do seu João, do Aimoré, para nós jogadores. Nessas indústrias os patrões gostavam e tinha o apoio do SESC, então faziam times fortes, só jogadores bons, e dava servicinho para eles “na maior”, então: “bah! Olha que timão nós fazíamos”. E aí com o nosso grande sucesso, lotava os estádios todos, campo do SESI, Astros, Campo Esperança, os campos do Novo Hamburgo, onde tivesse campo bom, era cheinho, aí eles convocavam a gente para tocar, nos grandes festejos esportivos” (SEBASTIÃO, 2010).

Percebe-se, na época, que a relação esporte e trabalho estavam bastante ligadas:

“Ou então, você tem a fábrica que eu trabalhei, que nem na Borbonite que eu jogava bola. Eu cheguei a jogar nos Aspirantes do Aimoré, então o seu João Correa, dono da Amapá, era o grande lá na Borbonite, que era o homem que mandava no Aimoré, então os jogadores estavam na mão dele, e ele era como quase o dono, o sócio mais forte da firma, todos os jogadores do Aimoré eram trabalhadores do Borbonite” (SEBASTIÃO, 2010).

Além de um modo de socialização, Sebastião descreve as relações e vantagens que o futebol proporcionava profissionalmente. Os atletas tinham emprego praticamente garantidos em clubes em que os “donos do time” tinham sociedade ou

eram proprietários de empresas. Sebastião ressalta esse fato com a declaração: “todos os jogadores do Aimoré eram trabalhadores da Borbonite”.

Observo, aqui, um fenômeno ao qual, em meus estudos, identifico como uma espécie de apadrinhamento, não no sentido depreciativo, vinculado a favor, mas de auxílio e suporte. Se observado na Figura 21 (localizada na página 54), trata-se de um círculo azul que liga Sebastião e Valdemar. O apadrinhamento é aqui definido como um auxílio profissional, como se um patrão, colega ou responsável tomasse a condição de responsável por ajudar no desenvolvimento profissional de determinada pessoa.

A rede que estabeleço na Figura 21 consiste nas conexões estabelecidas entre os aspectos em comum observados nas narrativas de cada interlocutor (ACIOLI, 2007). Parte-se do ponto central Trabalho em Novo Hamburgo e, a partir disso, conectam-se os interlocutores e assim suas especificidades. O apadrinhamento inclui-se como um desses fatores de ligação entre os parceiros de pesquisa.

Sebastião cita, em específico, João Correa; já Valdemar, em seu discurso, elenca várias pessoas que lhe deram oportunidades para alavancar sua carreira. Dependendo do momento de sua vida, uma pessoa o auxiliou. Embora o círculo, na Figura 21, ligue-se diretamente a dois interlocutores, o mesmo pode ser observado em Ester e Ada. Esse fato pode ser observado quando Sebastião é questionado sobre os gastos de um curso de montador que ele fizera:

“[...] eu arrumei com o Santini, prefeito, ele arrumou pra mim. E se você arrumasse qualquer um outro padrinho, aí não custava nada, mas alguém pagava, se não tinha que pagar mesmo [...] é, o privilégio, queira ou não queira, sempre existiu para alguns, dependia muito da maneira a qual se procedia: de onde ele veio? Quem era ele? Ou então, você tem a fábrica que eu trabalhei, que nem na Borbonite, que eu jogava bola” (SEBASTIÃO, 2010).

O mesmo pode ser observado em um momento mais à frente, na entrevista, quando Sebastião relata que, em virtude do seu bom relacionamento com o patrão, ele ganhou uma grandiosa festa de casamento:

“Porque ele me deu tudo, fez o maior casamento da história dentro da Rondônia. Foi um casamentão, o que eu pensava de amigos e de conhecido eu convidei tudo, durou sábado o dia inteiro e a noite inteira até domingo de manhã [risos], e os músicos, eu tocava, tinha conjunto e conheço os músicos tudo por aí, e trouxe dois baita conjuntos musicais para abrilhantar a festa, então e que me pleiteou tudo as despesas, e o escritório

lá tinha o seu Belmonti, morava do lado do Maracanã em Hamburgo Velho: 'ô Belmonti, faz um esboço aí, faz uma relação do que o Sebastião precisa'. Aí o que aconteceu. Eu sempre dizia, o empregado faz o patrão e o patrão faz o empregado, mas tem que ter cordialidade de ambas as partes, uma aliança, não adianta se o empregado não se proceder, como é que o patrão vai ajudar" (SEBASTIÃO, 2010).

Contudo, não é possível deixar passar alguns detalhes nesses dois trechos da fala de Sebastião. Primeiro, ele diz o seguinte “*dependia muito da maneira a qual se procedia: de onde ele veio? Quem era ele?*”, depois, mais à frente, ele adiciona: “*Eu sempre dizia, o empregado faz o patrão e o patrão faz o empregado, mas tem que ter cordialidade de ambas as partes, uma aliança, não adianta se o empregado não se procede, como é que o patrão vai ajudar*”. Lanço, a partir desses dois fragmentos, alguns questionamentos. Tem-se aqui um princípio de alteração de identidade? É possível ver aqui um exemplo do embranquecimento do discurso? Na posição de trabalhador negro, historicamente invisibilizado pela sociedade, estaria ele com um discurso e atitudes da comunidade branca para ter seu trabalho valorizado?

Teresa Sales (1994) realiza uma costura de análises entre Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, quando ambos tratam das questões de subserviência e cordialidade. Ela reflete sobre os trabalhadores do período pós-colonial, dentro da sua necessidade do servir. Ao citar a cultura da dádiva, ela exemplifica que essa “necessidade” está disfarçada de uma vontade de que aquele trabalho prestado seja retribuído pelo superior. Daí a expressão dádiva, também utilizada dentro do âmbito religioso, em que, ao realizar uma boa-ação, aguarda-se a recompensa do “Senhor” (entidade superior), do mesmo modo acontece dentro das relações de trabalho, mas agora o senhor é o dono das terras, o patrão, o chefe. Junto a isso, Sales (1994), em seu olhar sobre a cordialidade abordada por Freyre, carrega também as raízes do patriarcado e dos padrões mais primitivos escravistas, o que impossibilita a ruptura do sujeito com esses padrões. É algo inerente a Sebastião, algo muito mais subjetivo e que tenha sido imposto durante sua formação de criança, jovem e adulto. A sua facilidade de acesso e relação com os chefes teriam uma boa fundamentação se esse ponto de vista fosse a base. Paralelo a isso, temos então a presença do apadrinhamento nas outras três relações profissionais:

“O seu Alzemiro era modelista do Calçados Zeraide, e eu tinha por ai meus dezesseis anos... É dezesseis anos por aí, e eu ficava observando ele fazer o modelo, e lá pelas tantas eu disse:

- Seu Alzemiro o Senhor deixa eu fazer um modelo?

- Deixo pode fazer!

E aí, eu fui na bancada dele lá, na mesa de modelagem né! E comecei a mexer com aqueles papéis, aquelas cartolinas, aquelas formas, e tal... Eu achei uma forma lá que dava mais ou menos no meu pé, e disse: vou fazer um modelo! E comecei a fazer” (VALDEMAR, 2010).

“E quando eu estou... o curso era três anos, no segundo ano de curso apareceu uma notícia no jornal pedindo profissionais na área de modelagem, profissionais não! Aprendiz na área de modelagem que estivessem estudando ou cursando curso técnico, e estavam fazendo a seleção para o grupo Strassburger lá de Campo Bom, que infelizmente já não existe mais hoje, e quem estava fazendo a seleção para esse emprego era o José Maria Carrasco, uma pessoa que hoje tenho ele como... não sei se posso dizer como meu segundo pai, mas ele foi um cara que me deu uma grande oportunidade e eu cresci profissionalmente” (VALDEMAR, 2010).

Valdemar dá destaque, em sua fala, para dois personagens, embora ele cite apenas o segundo como exercendo o papel de “segundo pai”. Pelos critérios de influência no desenvolvimento profissional, tomei a liberdade de adicionar Sr. Alzemiro, o primeiro modelista com quem Valdemar estabeleceu contato direto. Valdemar, anos depois, viria a se tornar um dos principais modelistas de calçado da região, logo, dá-se a importância do primeiro profissional da área a dar liberdade para que ele desenvolvesse seus desejos. Na fala de Valdemar, não é possível perceber, de maneira tão clara, a interferência do embranquecimento do discurso, visto que, em toda sua narrativa, ele atribui muito de suas conquistas a seu esforço e dedicação.

Não ligadas diretamente pelo círculo de apadrinhamento, tem-se Ester e Ada. Optei por não as ligar no primeiro momento por não se tratar de uma relação contínua. Diferente dos dois primeiros que estavam em contato direto e praticamente diário com seus “padrinhos”, Ester e Ada receberam esse auxílio por meio de indicações ou, como popularmente é dito, um voto de confiança.

“E quando foi em 86, um dia passei ali na Semsas²¹ que naquela época, não é como hoje, que a escola está vinculada pela LDB, naquela época era creche e estava vinculada à secretaria de Ação Social, então a sede ali, era ali em Hamburgo Velho, aí cheguei lá e falei com a senhora Marlene Ensina, que era da secretaria de Ação Social da época e disse que eu gostava de criança, e ela perguntou mas qual é a tua experiência eu disse olha eu trabalho na Escola Bíblica Dominical da minha Igreja assim, falei um “pouquinho” desse trabalho que eu desenvolvia[...]E aí ela me disse, não, segunda-feira tu podes passar já pra trabalhar, eu sei que foi uma

²¹ Semsas: Centro de Especialidades, vinculado à Secretaria Municipal de Saúde, localizada na Rua General Dalto Filho, 820, no bairro histórico de Novo Hamburgo.

correria isso era na sexta, claro que eu não ia deixar o hospital na mão, eu tinha plantão, sábado eu tinha plantão, trabalhei sábado e segunda já comecei a trabalhar na escola, que naquela época se chamava creche, que hoje é a escola de Educação Infantil A Bela Adormecida, que é aqui no bairro Rondônia mesmo” (ESTER, 2010).

Ester cursou parte do magistério ainda em Montenegro, e mesmo depois que parou o curso, tinha o desejo de trabalhar com educação e crianças. Embora não tivesse experiência prática escolar, além das práticas da igreja, Ester contou com a confiança de Marlene, que lhe entrevistou na sexta-feira e disse-lhe que poderia iniciar o trabalho na segunda-feira seguinte, ou seja, apenas dois dias depois da entrevista. Consciente de suas responsabilidades com o primeiro emprego que lhe abriu as portas em Novo Hamburgo, quando recém-chegada na cidade, precisou de emprego e casa. Ester cumpriu com suas atribuições e tarefas do final de semana e, na segunda-feira, começou a trabalhar. Desse momento em diante, ela não deixaria mais a educação.

Já Ada passou por um processo duplo de apadrinhamento: primeiro, no colégio próximo de sua casa, que lhe ofereceu o primeiro emprego; depois, com o prefeito de Novo Hamburgo, Níveo Leopoldo Friedrich (prefeito municipal entre 31 de dezembro de 1963 e 31 de janeiro de 1969²²):

“Eu fui lá, que tinha uma professora que se dava muito com as minhas irmãs e com a minha mãe e daí ela conversou e falou para elas que tinha uma senhora que ia sair de férias, e eu cuidando a conversa. Aí eu disse: a senhora arruma para mim? Vou lá então fazer um teste, daí ela disse então vá. Era para eu ficar dois meses, só que eu fiquei dois anos. A criança me adorava e eu jogava bola com eles[...] E eles me adoravam, eu tinha 16, eu era para ficar dois meses fiquei 2 anos. Sai quando eu quis para ir para o município” (ADA, 2010, em relação ao primeiro apadrinhamento).

“Assim ó, foi na época do governo do doutor Níveo Friedrich, a minha irmã trabalhava daí eu pedi arruma uma coisa pra mim. Daí ela disse: ‘Não, porque eu trabalho lá, daí vai ficar ruim’. Aí passou, depois teve uma funcionária dela que disse pra mim um dia que era para eu ir lá, daí ela disse: ‘Vou arrumar uma coisa pra ti’. Daí eu disse eu quero” (ADA, 2010, em relação ao segundo apadrinhamento).

Assim como Valdemar, é possível perceber, na narrativa de Ada, a presença de mais de um processo de apadrinhamento. Além de inicial de sua vida, ao ser

²² Informação disponível em: <https://portal.camaranh.rs.gov.br/municipio/prefeitos/niveo-leopoldo-friedrich>.

adotada quando ainda pequena, já como jovem/adulta, ela pode contar com o auxílio dessas pessoas para iniciar sua trajetória profissional. Trago esse aspecto em comum entre os quatro interlocutores, pois acredito que as dificuldades de trabalhadores negros em um município fundamentado no progresso, através da imigração germânica, devem ter sido determinantes para o estabelecimento de relações e contatos. Embora algumas vezes esses apadrinhamentos possam disfarçar alguma prática ou relação abusiva, vejo, aqui, quatro situações em que os trabalhadores, de fato, obtiveram êxito nas suas tarefas e atribuições profissionais.

Todos esses fragmentos serviram para contextualizar e situar nossos personagens dentro do despoite de Novo Hamburgo para o mercado nacional e internacional, por meio do calçado. Embora intitulada até hoje como Capital Nacional do Calçado, essa pesquisa busca o estudo mais genérico do que se entende por trabalho, ou seja, temos aqui um estilista e três funcionários públicos.

Continuo a revisitar a narrativa do município de Novo Hamburgo. Temos, sim, a ascensão do calçado, marcada então pelo grande número de exportações e pelas feiras sediadas na cidade. Novo Hamburgo tornava-se uma potência mundial de fabricação de calçados:

“E eu fui trabalhar na Mitsubishi, fui o primeiro técnico contratado pela Mitsubishi, aquela época já tinham duas ou três outras exportadoras do lado, mas eu lembro que a gente saiu de uma produção zero praticamente, e a Mitsubishi chegou a exportar durante os oito anos em que eu estive lá até um total de 800 mil pares mês. E eu tive uma carreira profissional na Mitsubishi de oito anos, aí foi que eu conheci EUA, tive a oportunidade de ir uma vez para a Europa. Eu fui na Itália, França, Alemanha fazer pesquisa. E eu sei que em uma ocasião a pessoa que era o agente, que era o responsável pelo escritório aqui, chegou na minha sala e disse assim: -Aqui está a passagem- e eu nunca tinha entrado num avião- aqui está a passagem e, tu está intimado para ir em uma feira em Nova York e com tudo pronto já, só tinha que ir fazer o passaporte” (VALDEMAR, 2010).

Se, antes, Valdemar e Sebastião trouxeram noção de quantidade de fábricas em Novo Hamburgo ao citarem que se poderia sair no intervalo do meio-dia e retornar à tarde em outra empresa, que os pavilhões das fábricas eram praticamente colados um ao lado do outro, agora temos a ideia de proporção que a exportação de Novo Hamburgo atingiu, de partir do zero e chegar a 800 mil pares por mês, o que, em uma média rápida de 20 dias de trabalho por mês, são 40 mil calçados exportados por dia.

Além desses números bastantes expressivos, é preciso atentar-se a algo importante dentro da fala de Valdemar: “fui o primeiro técnico contratado pela

Mitsubishi”. Primeiro técnico contratado pode passar livremente pelos olhos e ouvidos de quem lê ou escuta esse relato apenas uma vez, contudo, se voltarmos a refletir sobre a temática guia deste estudo – as relações étnico-raciais –, esse fragmento ganha peso. Como autor e responsável, nesse estudo, da costura das memórias e da “recontação” da história de Novo Hamburgo, tomo a liberdade de ler essa frase assim: “fui o primeiro técnico, e um técnico negro, contratado em Novo Hamburgo pela Mitsubishi”, pois, embora esta não tenha sido a frase original, acredito que seja este real peso que ela é capaz de carregar.

O exemplo do protagonismo negro dentro de Novo Hamburgo, iniciado nesse estudo pelo discurso de Valdemar, é possível ser observado nos demais parceiros de pesquisa.

“Aí, quando fui trabalhar nas, quando já estava trabalhando nas creches, lá pelos idos do ano de 1995, uma das questões que me inquietavam um pouco como educadora era essa invisibilidade da história negra no currículo e aí, naquela ocasião, eu fui atrás para ver se eu conseguia algum material, porque a gente não tinha acesso a computadores, não é como as coisas são tudo fáceis, naquela época não tinha acesso a muitas coisas, então procurei em um lugar, procurava em outro, aí me lembro que eu entrei em contato, naquela época com a SEMEC de Novo Hamburgo, lá em Porto Alegre, também uns locais que eu tinha endereço, entrei em contato e fiz consignado. E me lembro, na ocasião, eu fui ali na Pedro Adams, nós tínhamos uma livraria de uma senhora, eu fui procurar o material e ela olhou para mim e disse ‘É, tá aí teu desafio, já que não tem, vá construir’. Eu nunca vou me esquecer disso (ESTER, 2010).

Ester só concluiria o magistério cerca de cinco anos depois, contudo, sua inquietação e seu descontentamento com a formatação educacional a conduziram aos questionamentos sobre a estrutura do currículo. A invisibilidade vivida na sociedade era algo presente também no setor educacional. A maneira de ensinar história unicamente eurocêntrica, sem pensar todos os povos que compunham a formação do país, a incomodava.

Observa-se que, mesmo trabalhando com os anos iniciais, ou seja, com crianças de até 5 anos, a sua vontade de modificar a forma com que a sociedade via e representava os negros era algo diferenciado. Vejo o protagonismo de sua trajetória em não se conformar quando as questões eram a presença e importância da população negra na formação de uma sociedade.

Não menos importante, mas focando um pouco mais na sua trajetória, temos o protagonismo de Ada. Após receber a oportunidade de estudar nas mesmas escolas

que suas irmãs (filhas biológicas), Ada recebeu um auxílio no início da carreira, mas logo já se destacou sozinha. De maneira competente e cativante, ela relata que, muitas vezes, não conseguia tirar férias, pois todos a queriam trabalhando consigo.

“É, tu ficas conhecida daí não falta espaço. Aí quando tu tens liberdade pra tu também escolher pra onde tu quer ir. E eu sempre me dei bem. Até uma vez o meu chefe que era chefe do departamento de patrimônio Alceu ‘Ada, eu vou fazer um xerox de ti porque todo mundo quer’. E daí ... Uma época eu estava com férias vencidas e queria minhas férias, mas não me davam as minhas férias. Então fui direto no prefeito, e o prefeito disse para o departamento ‘pode fazer as férias da Ada’, aí disseram assim quanto tempo tu vai tirar, daí eu disse não sei, aí o chefe do departamento nos chamou ‘ai Ada quanto tempo tu vai tirar de férias?’, eu disse, eu vou tirar dois meses de férias, ‘aí tu não quer vender?’ Daí eu disse até estou comprando se alguém quiser vender para eu ficar três meses em casa, mas daí fiquei dois meses” (ADA, 2010).

Acredito que a frase que melhor sintetize esse fragmento é *“Ada, eu vou fazer um xerox de ti porque todo mundo quer”*. Amparada pela mãe, irmãs e amigos, Ada, quando questionada sobre sua narrativa biográfica, ou seja, como ela se vê inserida na história de Novo Hamburgo, ela relata uma trajetória de felicidade e satisfação.

Remontando um pouco da Novo Hamburgo do início dos anos 2000, agora pelos olhos de uma educadora, preocupada em construir um sentimento de identificação e reconhecimento em seus alunos negros, Ester busca maneiras diferentes de ministrar suas aulas. Seja com recurso da música, seja com influência direta de sua formação acadêmica, o Jornalismo, ela buscava, constantemente, uma forma nova de mostrar a perspectiva da pessoa negra no mundo.

“Aí eu me lembro de procura ali procura acolá, até nem recordo se eu peguei em alguma locadora, só sei que a gente pegou um DVD sobre Zumbi né, que a gente queria passar na semana do 20 de novembro. E primeiro que a escola não tinha aparelho de DVD, a gente foi na casa de uma colega, a tia Lúcia que trabalhava conosco, levei as crianças que eram da minha turma, lembro que puxava a TV para cá e a imagem não ajudava, aquela coisa toda, sei que passamos a imagem. Hoje passado algum tempo eu vejo que não foi a melhor coisa para se passar para as crianças, foi uma tentativa, era aquela inquietação da gente querer fazer uma alteração poder produzir algo diferente para as crianças, era um vídeo sobre a história de Zumbi, mas era uma turma de 4, 5 anos [...] e dentro desses meus projetos isso sempre foi algo que me inquietou bastante me direcionou que estar buscando outras alternativas e um projeto também, que não projeto solitário, quando eu digo o meu projeto, eu posso dizer que é de muitas pessoas né de várias pessoas que tem nos auxiliado, em 2005 quando eu comecei com o ensino fundamental foi a minha primeira escola

de ensino fundamental e foi na escola Senador Salgado Filho a gente teve parceria de várias pessoas que que são parceiros até hoje. Uma das nossas produções desses projetos que eu falo é um CD que a gente produziu com os alunos ali na Arnaldo Reinhardt relacionado à cultura hip hop e esse projeto que era “Hip Hop: A voz que vem da periferia” eu fui premiada né com esse trabalho com um concurso que o Jornal NH promoveu no ano de 2008. Com vários educadores aqui de Novo Hamburgo, além de mim teve mais um outro colega que é da rede municipal e outras pessoas que são de outros municípios. E além deste trabalho que teve muito também a questão que eu tive um intercâmbio, possibilidade estar dialogando com uma escola de Moçambique através de uma outra pessoa que eu conheci em 2007, conheci num curso que eu fazia ali na Unisinos e falando sobre curso acho que também é importante que a gente enfatize isso, que essas inquietações são muitas vezes inquietações pessoais da gente e que infelizmente o acúmulo, algumas coisas que a gente conseguiu ao longo da vida, de conhecimento sobre a história do negro, não foi nos bancos escolares no meu caso. E as vezes a gente se lamenta que hoje as vezes a gente conversa com meninos que tem 18, 20 anos e que a história não mudou, isso é preocupante. é interessante dizer que esses projetos são objetos motivados pelos alunos que nem esse projeto especificamente vem de uma fala de um menino o Guilherme, que eu até fiz um banner sobre esse projeto, que é onde nós estamos olhando o jornal que eu sempre gostei muito de trabalhar o jornal na sala de aula que é uma ferramenta muito interessante muito importante e que a gente dá uma dar um espaço é que é necessário é que os alunos possam estar discutindo fazendo a leitura com essa leitura também que possa estar instigando a criticidade para que esses alunos não venham a ser leitores que apenas leem, mas que eu disse assim, leitura não apenas da palavra, mas a leitura do visual da imagem daquilo que está explícito daquilo que não está explícito, que a gente possa ter essa sensibilidade essa visão” (ESTER, 2010).

Muitas vezes, trabalhando na adversidade, Ester buscava, muito além das suas possibilidades, a reconstrução do currículo escolar. No início do fragmento, é possível ver o esforço na busca de um aparelho de DVD para, de maneira lúdica, transmitir a cultura negra para seus alunos. Na sua visão, mesmo não sendo da maneira ideal, era o que estava disponível no momento. Passado algum tempo, ela ampliou sua rede de amigos e colegas de trabalho/estudo. Através disso, realizou conexões além de continentes, diretamente com o continente africano. Se, no princípio, havia uma dificuldade quase impossível de transpor, agora Ester transpôs um oceano para ensinar seus alunos. Ganhou um prêmio com música e a cultura Hip Hop e trouxe sua área de estudo, o jornalismo, também para a sala de aula.

Retomo, aqui, um dos itens relativos ao meu objetivo específico C, no qual pretendo identificar a variável gênero nas minhas narrativas, assim como o

protagonismo dessas trabalhadoras. Embora ambas tenham se destacado dentro de suas áreas, é inevitável perceber um movimento cultural da época: observavam-se as mulheres, direta ou indiretamente, direcionando-se ou sendo direcionadas a profissões de cuidado. Ada, dentro de seu trabalho em escritório, auxiliando ora advogados, ora prefeito, ora secretários, enquanto Ester passou por uma instituição religiosa e por uma instituição de saúde, até que chegou à educação.

Embora o estudo tenha sua data antes dos fatos narrados pelas trabalhadoras, Eva Blay (1975) transcorre uma análise de que a mulher trabalhadora do período pós Segunda Guerra Mundial não tinha o poder de decisão sobre o trabalho. Elas simplesmente eram conduzidas ou impedidas de exercer o trabalho de acordo com as definições do mercado. Fabiana Alves da Costa (2018, p. 438), que também utiliza Blay (1975) como referência, descreve, de maneira bastante interessante: “as mulheres são conduzidas a terem aspirações profissionais de acordo com a demanda do mercado – cuja dominação é masculina”.

Todas essas questões de reconhecimento profissional, ascensão, pesquisas e renovação da identidade faz com que eu retome alguns questionamentos: Como profissionais com este destaque em suas áreas tiveram suas histórias invisibilizadas ou ocultadas? Como pessoas que eram tão competentes e conhecidas acabaram esquecidas na historiografia do município? Teriam se perdido totalmente essas memórias, caso o acervo não tivesse sido construído em 2010? Para esse último questionamento, respondo que acredito que sim, muitas vezes os próprios protagonistas não acreditam que sua história possa recontar um pouco da história da cidade.

Utilizo, então, esses breves questionamentos como degraus para abertura da próxima relação que interliga estes narradores. Se, antes, temos as questões introdutórias, o protagonismo dentro de seus campos de trabalho, agora apresenta-se algo que está também diretamente associado, que são as questões raciais e de discriminação.

“Isso é comum e notório que ainda vai prevalecer e ainda vá permanecer por mais um tempo ainda, se tiver, chegou três mocinhas ali naquela indústria que tem uma placa lá indicando que há vagas chegar três mocinha ali uma preta e duas brancas, olha lá é quase certo, a preta tem que superar todos os requisitos superar tudo o que pede um pouco mais, se não é uma das outras duas que vai ficar” (SEBASTIÃO, 2010).

Primeiramente, Sebastião exemplifica a questão do desafio para a população negra dentro do mercado de trabalho, em que ele apresenta as dificuldades que uma mulher negra precisa enfrentar para superar seus concorrentes em uma disputa de emprego. Posteriormente, Sebastião, com sua fala, direciona o espectador/leitor a remontar em sua cabeça o cenário das décadas de 60 e 70. Ele apresenta uma memória ambiental, das estradas com terrenos divididos através de cercas de arame farpado e, paralelo a isso, descreve um pouco do comportamento das pessoas quanto à presença de pessoas negras.

“Eu vi muita coisa que parece incrível, o que que é falar em racismo, essas coisas, ao vivo, eu vi coisa assim, nós caminhando na estrada a fora, assim, hoje chama de faixa, ou para fora a gente fala na estrada, caminhando na estrada, olha lá vem vindo 3 ou 4 pessoas, crianças que vem vindo do colégio, por exemplo, podia ser eu sozinho, encontra 2 ou 3 negrões, como se diz hoje na gíria, eles vinham vindo muito bem lá, quando avistavam a gente, saiam correndo e se atiravam na cerca de espinho, tinha cerca dos dois lados da estrada, se atiravam ali de deixar pedaço da roupa, gritando de medo, como se nós fossemos bichos: ‘olha o negro, é um negro, olha lá!’” (SEBASTIÃO, 2010).

Com quase 40 anos entre um relato e outro, relatando locais, situações e pessoas diferentes, as falas de Sebastião e Ester conectam-se, demonstrando que os desafios da população negra da região transpassam gerações.

Em sua trajetória social, Ester relata os diversos desafios enfrentados na vida. Com poucas oportunidades de emprego na cidade de origem, precisou mudar-se e morar em um pensionato. Trabalhando em uma instituição de saúde, buscava a oportunidade de trabalhar com educação. Quando questionada sobre questões de presença de colegas negras e situações de racismo sofridos no município, ela faz o seguinte relato:

“Nas creches que eu trabalhei eu tive várias, não digo várias, mas tive em algumas escolas, alguns colegas negros também. A escola Francisco Xavier foi uma escola que eu trabalhei no bairro Canudos também tinha um número bastante expressivo de crianças negras na Arnaldo Reinhardt ali na Vila Iguaçu também tem um número bastante expressivo de crianças negras e o turno da tarde e eu tive vários problemas questões relacionado a preconceito com as famílias que depois a diretora da escola coordenadora me relatava assim dos pais assim negação da minha pessoa está trabalhando com os filhos deles e tem uma situação que eu posso relatar que foi uma situação que aconteceu diretamente comigo a gente tinha já nessa escola hoje município o adotou essa pesquisa socio-antropológica que é uma possibilidade que está dialogando com as famílias

no início do ano e essa escola já tinha essa experiência já desenvolviam, então quando eu entrei em 2007 com os outros profissionais a gente ia até as famílias no ano de 20 a 30 tirava um número de famílias e ia dialogar. Em uma das casas que eu cheguei eu estava acompanhada de um menino porque assim as vezes tu levava alguns alunos junto para te auxiliar até no endereço né na localização aí a mãe chegou pra mim e me disse assim 'eu vou falar com a professora', aí estava a família a mãe a menina, aí eu vi que a menina se encolheu, mas fiquei esperando que nem dia ou outro : 'O que vem aí né?' 'Professora, a senhora lembra no primeiro dia que fulana estava meio chorosa?'

Mas ali já era, já faziam dias né, não vai lembrar de todos os detalhes 'Pois a senhora sabe que no primeiro dia de aula a minha filha não queria entrar na sala de aula chorou se agarrou em mim e chorou muito porque ela não queria entrar na sala quando foi anunciado'

Que a diretora, no primeiro dia, ficavam todas as crianças, as turmas e aí a diretora anunciava e o professor se deslocava para a sua turma que ficaria 'Porque quando foi anunciado o seu nome, ela viu que a senhora seria a professora dela e porque a senhora é negra, ela não queria ser sua aluna', aí depois de 1, 2, 3 dias ela chegou em casa e disse:

'Pai, hoje eu dei um beijo na minha professora!'

Parece que era bicho" (ESTER, 2010).

O relato de Ester faz referência a 2007. Em um cálculo rápido, é possível ver uma diferença de 119 anos da abolição da escravatura. Embora os registros históricos demonstrem que o processo de libertação dos escravizados não tenha sido instantâneo e ao mesmo tempo, em todo território nacional, são 119 anos de um primeiro passo para as relações de igualdade entre negros e brancos. Contudo, em 2007, com o advento de tecnologias, informações e mais estudos, pessoas tratam negros como se não fossem humanos também. A própria interlocutora relata: "Parece que era bicho", referindo-se a como o medo que a criança transparecia em sua presença era de uma estranheza que parecia que ela via a professora (Ester) como um animal.

O que mais chama a atenção nesses relatos é a maneira como eles se veem perante a situação de repulsa das outras pessoas por eles. Sebastião relata: "se atiravam ali de deixar pedaço da roupa, gritando de medo, como se nós fôssemos bichos", enquanto Ester diz: "Pai, hoje eu dei um beijo na minha professora! Parece que era bicho".

Então, seja pela educação, pela socialização, pela indústria calçadista, pelo couro, ou qualquer outro elemento de análise elencado neste estudo, fica evidente a presença dos negros no desenvolvimento de Novo Hamburgo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aníbal Quijano (2005), em sua análise sobre o processo de colonização das américas, atribui o princípio do capitalismo colonial/moderno ao “descobrimento” das américas. Criou-se, a partir desse fato, o que ele chama de “primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial” e “primeira identidade da modernidade”. Quijano (2005), no transcorrer do seu estudo, apresenta o estabelecer das relações de poder baseadas na relação conquistador e conquistados. O mundo até então já era regido pela população europeia, que, com suas expedições exploratórias, colonizavam diversas regiões do mundo; agora, com a “descoberta das américas”, isso se renovava. O eurocentrismo passou a ser o novo padrão mundial. Quijano (2005) conclui que este movimento do eurocentrismo se mostrou mais duradouro e estável que o colonialismo, movimento de origem.

Dentro dessa divisão causada pela relação de poder entre conquistadores e conquistados, Quijano (2005) atribui o surgimento do conceito moderno de raças. O “descobrir” a América é atrelado à grande descoberta de diferenças fenotípicas. Dentro das américas, teriam, a partir daí, identidades sociais novas, os índios, os negros e os mestiços. Juntamente com as novas definições identitárias, foram criadas relações hierárquicas. Assim, compunha-se o novo padrão de poder.

Ao analisar todo o território brasileiro, suas cidades, observa-se que o Brasil que passou pelo processo de colonização, primariamente portuguesa e outros povos europeus, e, posteriormente, passou por outros pequenos processos de “recolonização” eurocêntrica. Índios tiveram suas culturas subjugadas para os moldes europeus com a chegada dos portugueses e, poucos anos depois, negros entravam na roda do jogo do poder eurocêntrico, mas não como protagonistas, ao menos não nos registros historiográficos. Com os indígenas na posição de servos, negros assumiram a posição de escravizados²³.

Com diversos acontecimentos históricos, como novos processos imigratórios e expansão econômica, o Brasil recebeu outros povos europeus: espanhóis, alemães, italianos, entre outros. O Rio Grande de Sul, onde foco meu estudo, passou pelo processo da colonização desses quatro grupos citados: portugueses, espanhóis, alemães e italianos. Quando se observa a região do Vale do Sinos e o município de

²³ Esta é uma declaração superficial dos acontecimentos, não está descartando que o processo de escravidão tenha acontecido juntamente em uma parte do tempo.

Novo Hamburgo, então se percebe o peso do eurocentrismo, de maneira intensa. Uma região que abrigava índios, portugueses, negros, e outros povos em menor número, depois de 1800, recebeu uma grande quantidade de imigrantes alemães, trazidos com a “esperança” de retomar a civilidade perdida, quando os primeiros europeus (portugueses) se misturavam com índios e negros.

Fundado sobre o Mito do Progresso²⁴, esse trabalho buscou, juntamente com os interlocutores, Ada, Ester, Sebastião e Valdemar, contribuir para o processo de decolonialidade, na desconstrução do eurocentrismo presente na região. Esses povos foram, sim, importantes para a construção social e econômica de Novo Hamburgo, contudo, existe um protagonismo negro presente na história do município que, por muito tempo, foi invisibilizado. O que vemos nesse estudo são trajetórias sociais e narrativas biográficas de trabalhadores negros que, dentro de seus locais de trabalho ou áreas de atuação, alcançaram um relevante destaque, o que não impediu que algumas dessas histórias apresentassem lacunas na historiografia do município.

Novo Hamburgo possui dezenas de livros narrando grandes feitos da população alemã, entretanto, quando o assunto é a população negra, os registros são bastante recentes, o que acaba por causar um quase inevitável esquecimento e apagamento da história negra do município, visto que, conforme os anos passam, os moradores mais antigos do município falecem e muitos levam consigo suas memórias.

Acredito que, por conta disso, a frase que abre esse trabalho, proferida por proferida por Bâ durante um congresso do Conselho Executivo da UNESCO, em 1962, faz-se agora de grande importância: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. Como parte componente de um grande estudo sobre o mundo do trabalho no Vale do Sinos, acredito que essa dissertação buscou prestar um auxílio para salvar algumas obras – preciosas obras! – que são as memórias desses quatro parceiros de pesquisa. O autor refere-se à África por ser seu ambiente de pesquisa, mas o mesmo pode-se aplicar à realidade de Novo Hamburgo. Na data da conclusão desse estudo, um dos quatro personagens já se encontra falecido, ou seja, hoje temos acesso às suas memórias, graças a um trabalho iniciado há mais tempo, no início da construção do acervo: As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do Trabalho.

²⁴ Ver Nunes, 2009.

Conclui-se, então, que o objetivo geral de analisar as narrativas biográficas e a trajetória dos trabalhadores, a fim de compreender como se articulam trabalho e relações étnico-raciais na cidade de Novo Hamburgo/RS fora atingido, visto que não apenas foram observadas as memórias e, a partir disso as narrativas e trajetórias dos interlocutores, como também foi realizada uma conexão entre suas memórias, iniciação no mercado de trabalho, locais de trabalho, relações sociais, meios de socialização, entre outros fatores. Como citado várias vezes no decorrer do texto, mesmo trabalhando em locais e épocas diferentes, alguns relatos se coincidem, tornando possível a conexão entre as narrativas dos quatro personagens.

Por sua vez, os objetivos secundários também foram avaliados como atingidos, tendo em vista que:

- a) Verificar os setores econômicos aos quais se vincularam esses trabalhadores: foi possível verificar, através do quadro de ligações entre os 4 narradores, presente na Figura 21 (página 54), como se articulou a conexão entre cada trabalhador e sua área de atuação e também como cada narrador se ligou com os demais, através do setor econômico.
- b) Identificar suas representações acerca do racismo e das relações étnico-raciais na cidade e na região; analisar a variável de gênero presente nas narrativas; validar a importância dos trabalhadores negros para o crescimento da cidade: as questões de representação racial e relações étnico-raciais guiam a trabalho como um todo, trazendo perspectivas de intelectuais, mas, acima de tudo, trazendo o próprio relato dos trabalhadores. É possível, de maneira simples e rápida, através do referencial bibliográfico, confirmar as relações entre raça e trabalho, contudo, para identificar essas representações dentro de um município onde esta questão foi direcionada para apenas a população germânica, é necessário algo mais. Essas memórias foram o eixo para realizar estas identificações das representações.

Quanto à variável gênero, desde o início do trabalho, preoquei-me em estabelecer não apenas uma igualdade numérica entre os interlocutores, mas também valorizar a importância e participação de cada um deles, principalmente as mulheres, na construção de Novo Hamburgo. Essa preocupação baseia-se em alguns índices do IBGE, de 2018 (SIDRA, 2018), que apontam que a mulher tem um rendimento

básico de cerca de três quartos²⁵ do valor direcionado ao homem. E essa diferença se mostra ainda maior quando a variável raça entra na pesquisa. Considerando um outro dado, o acesso ao ensino superior, aproximadamente 23,5% das mulheres brancas têm ensino superior, 2,3 vezes mais que o dado levantado sobre mulheres negras e pardas (AGÊNCIA IBGE, 2018).

E como último item deste objetivo secundário, considero que se validou a importância do trabalhador negro para a formação de Novo Hamburgo, tanto da identidade quanto da economia. Alguns interlocutores com maior presença na questão econômica, outros nas questões de identidade, mas todos tiveram grande relevância em seus círculos, alguns, inclusive, ascendendo para além dos limites municipais.

- c) Investigar de que modo o *ethos do trabalho* e a memória coureiro-calçadista são narrados por esses trabalhadores; organizar produtos audiovisuais (crônicas e documentário), a partir do acervo de pesquisa: Ao introduzir a narrativa de cada um dos trabalhadores, costurando-as com a construção da cidade, foi possível estabelecer um relativo padrão do *ethos* de trabalho, desde o processo migratório, passando pelas diversas mudanças de emprego, presente na narrativa dos quatro, como também a indústria couro-calçadista permeou a trajetória de quase todos. Concluindo os objetivos, a última parte deste pode ser verificada nos anexos, nos quais se encontram os roteiros de cada uma das crônicas e também no link <https://youtu.be/UmZ7gvm0Po4>, em que é possível assistir cada um desses materiais.

Esse trabalho se mostrou desafiante em diversos pontos, primeiramente na minha incursão pelos ensaios etnográficos, mas, principalmente, na costura das memórias dos quatro parceiros de pesquisa e a cidade. Realizar a ligação entre um personagem, com suas memórias, suas vivências e experiências como componentes de uma memória coletiva do município, costurar então quatro diferentes narrativas, como visões diferentes de diversos temas, foi especialmente desafiante.

Como comento no decorrer do trabalho, cada interlocutor iniciou sua trajetória profissional em uma época diferente de Novo Hamburgo. Com uma variação de quase

²⁵ Dados retirados de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>

cinco décadas, era inevitável que também a forma que cada um deles via suas relações, sejam com seus amigos, colegas e patrões, fosse diferente. Não se pode reduzir a importância de nenhum dos quatro parceiros por conta de suas atitudes tomadas em épocas diferentes. Temos, nas décadas de 60 e 70, Sebastião e Valdemar, que viviam, em uma época, questões raciais que eram pouco abordadas no Brasil. É possível ver, em alguns momentos, um embranquecimento de suas ações, muito para poder se destacar e ter seu espaço no mercado. Vejo isso como algo que não inferioriza suas trajetórias, mas como escolhas necessárias e impostas na época para sua inserção mercadológica. Ada viveu um pouco da transição entre essa época vivida por Sebastião e Valdemar e a época do protagonismo vivido por Ester. Ada relata que, mesmo sofrendo preconceito, muitas pessoas a reconheciam e a auxiliavam. Já Ester relata bastante o final dos anos 90 e início dos anos 2000, incluindo a criação da Lei 10.639 (lei que estabelece como obrigatório o ensino de "história e cultura afro-brasileira"), criada em 2003. Ester utilizou do seu espaço como educadora para garantir a aplicação da lei.

Esse estudo chega ao final, porém, há muito a ser realizado ainda. Considerando que cada um dos narradores possui entrevistas de aproximadamente 70 minutos e que esse trabalho se utilizou de aproximadamente a metade desse tempo, existe ainda muito material para ser explorado, além de outras perspectivas para serem observadas.

Novo Hamburgo ainda é uma cidade que necessita reconhecer a importância da população negra na sua formação. Busquei mostrar, durante esse estudo, de maneira direta e acessível, a importância e o protagonismo dos negros no município. Acredito que, como pesquisador negro, questionar sempre os padrões estabelecidos sobre o processo colonial faz-se necessário.

Consciente de que grande parte desse trabalho desenvolvido não consiga atingir pessoas como meus entrevistados, por se tratar de um estudo acadêmico no qual grande parte da linguagem ser adequada para atender a esse campo, acredito que é necessário lançar mão de outras ferramentas etnográficas, além da monográfica. Dessa maneira justifica-se o uso também da etnografia visual – uma ferramenta que acredito ser capaz de democratizar discussões técnicas ou inacessíveis.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 8-19, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- AGÊNCIA IBGE. **Estatísticas de gênero**: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho. 07 mar. 2008. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 23 dez. 2019.
- ALVES, Eliege Moura. Uma presença invisível: escravos em terras alemãs. *In*: NUNES, Margarete Fagundes (Org.). **Diversidade e políticas afirmativas**: diálogos e intercursos. 1. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.
- BÂ, Amadou Hampaté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena/Casa das Africas, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACKES, Benicio. **“Foi o espaço que encontrei:”** a temática étnico-racial em escolas de educação básica em um contexto de colonialidade germânica. 2019. 232 f. Tese (Doutorado em educação – Universidade Dom Bosco, Campo Grande, 2019). Disponível em: <<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1027995-benicio-backes.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- BLAY, Eva Alterman. Trabalho industrial x trabalho doméstico a ideologia do trabalho feminino. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 15, p. 8-20, 1975. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1810/1783>>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 12 out. 2019.
- BROCKER, Leonardo. **Museu comunitário Casa Schmitt-Presser, Novo Hamburgo. 11 ago. 2015**. Disponível em: <<http://www.guascatur.com.br/2015/08/museu-comunitario-casa-schmitt-presser.html>>. Acesso em: 13 nov. 2019.
- CÂMARA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO. **Níveo Leopoldo Friedrich**. [2019?]. Disponível em: <<https://portal.camaranh.rs.gov.br/municipio/prefeitos/niveo-leopoldo-friedrich>>. Acesso em: 15 set. 2019.
- CAMPOS, Silvia Horst; CALANDRO, Maria Lucrecia. Nova configuração do mercado internacional de calçados e os impactos sobre a indústria calçadista gaúcha. **Ensaio FEE**, [S. l.], v. 30, dez. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277189960_Nova_configuracao_do_merca>

do_internacional_de_calçados_e_os_impactos_sobre_a_industria_calcadista_gauch
a>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A identidade social e suas relações com a ideologia**. 1977. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16935#preview-link0>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

COSTA, Fabiana Alves da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e suas relações familiares. **Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 434-452, 2018. Disponível: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 29-37, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400006&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DA ROCHA, Jose Geraldo. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. 2010.

DEVOS, Rafael Victorino. "Pra lá pra aquele lado lá tudo é assombrado": memória, narrativa, espaço fantástico e as questões ambientais. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9197/5291>>. Acesso em: 15 out. 2019.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Os jogos da memória. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9108>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, 2001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9119>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/5371>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 2015.

GRÄFF, Max. **Museu comunitário Casa Schmitt Novo Hamburgo**: 85 anos. 6 abr. 2012. Disponível em: <<http://maxgraff.blogspot.com/2012/04/museu-comunitario-casa-schmitt-novo.html>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IMAGENS. *In*: GOOGLE Earth, Mountain View: Google, 2019. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-14.41882645,-53.39500641,-3336.56544884a,7283581.92071557d,35y,360h,0t,0r>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama**: Novo Hamburgo. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-hamburgo/panorama>>. Acesso em: 13 out. 2019.

LAGEMANN, Eugenio. O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 69-82, 1986. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1046/1364>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

LEITE, Ruben George; OLIVEN, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a presteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul**: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira. 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de Ciências Humanas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2187/MagnaMagalhaesHistoria.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 out. 2019.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARTINS, Rodrigo Perla. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos na industrialização brasileira**: exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979. 2011. 198 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração História das Sociedades Ibéricas e Americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2383/1/430908.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

NOVO HAMBURGO. **Hino de Novo Hamburgo**. 1970. Disponível em: <<https://www.novohamburgo.rs.gov.br/simbolos>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

NOVO HAMBURGO – RS. **Série Cidades Brasileiras**. [S. l.]: Nosso Cantinho, 2010, (5 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ij5Yii8VDOM&feature=youtu.be&t=143>>. Acesso em: 29 out. 2019.

NOVO HAMBURGO – RS. *In*: GOOGLE maps. Mountain View: Google, 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Novo+Hamburgo+-+RS/@-29.7333895,-51.1271375,12z/data=!3m1!4m5!3m4!1s0x95194261b7634de9:0x79b056a2d154e6c7!8m2!3d-29.7577375!4d-51.0331933>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

NUNES, Margarete Fagundes (Org.). **Diversidade e políticas afirmativas**: diálogos e intercursos. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

NUNES, Margarete Fagundes. **O negro no mundo alemão**: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização. 2009. 255 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93108>>. Acesso em: 21 set. 2019.

NUNES, Margarete Fagundes *et al.* “**Era um hino de fábrica apitando**”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 17, n. 2), p. 269-291, 2013.

OS INTOCÁVEIS. Direção de Olivier Nackache e Éric Toledano. Paris: California Films, 2011. 1 DVD. (112 min.).

PEIRANO, Mariza G. S. **A alteridade em contexto**: a antropologia como ciência social no Brasil. Revista do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, série 255, 1999. Disponível em: <<http://dan.unb.br/images/doc/Serie255empdf.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo: monografia**. Novo Hamburgo: Casa Editora Rotermund, 1959.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 13 out. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. *E-book*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. *In*: GOOGLE maps. Mountain View: Google, 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir//Rio+Grande+do+Sul/@-30.3918767,-55.913178,7z/data=!4m8!4m7!1m0!1m5!1m1!1s0x9504720c40b45803:0xad9fb3dbaf9f73de!2m2!1d-51.2176986!2d-30.0346316>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ROCHA, Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da. Das mãos, o sapato. Das Palavras, o tempo: uma etnografia nas ruas e bairros de Belém-PA. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 15, n. 36, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/52620/32558>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SALES, Teresa. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 9, n. 25, p. 26-37, jun. 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02.htm>. Acesso em: 13 ago. 2019.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho**: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo: 1901-1935. 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul (PUCRS), porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2377>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

SERVIÇOS DE ÁGUA E ESGOTO DE NOVO HAMBURGO (COMUSA). **Hidrografia de Novo Hamburgo**. 2019. Disponível em: <http://www.comusa.rs.gov.br/_common/admin/scripts/ckfinder/userfiles/images/Figura%205.jpg>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. *In*: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA (SIDRA). **Censo demográfico 2010**: resultados do Universo – Características da população e dos domicílios. 2011. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>>. Acesso em: 13 out. 2019.

THOMPSON, Paul. **História oral**: a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. v. 388.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ANEXO A – CRÔNICA DE SEBASTIÃO FLORES

Nasci na minha terra, São Sebastião do Caí, a qual adoro muito, e quando ainda pequeno eu me desloquei, saí de São Sebastião do Caí, fui para divisa de Pareci, terra que a gente viveu nos costumes de colônia. Então fiquei ali uns anos ali depois vim embora pra Capela de Santana. Fiquei ali fiquei até 16,17, anos 18 estudei lá e depois colégio estadual depois fiz um curso lá pra aeronáutica a qual passei e fui embora pra canoas, aí ingressei na aeronáutica. Fiquei na aeronáutica também um determinado tempo, trabalhei no arquivo geral da aeronáutica depois então por ambição, por querer mais e ambição de melhorar e de crescimento eu estava bem e pensava que estava mal e pedi pra sair da aeronáutica, dizendo que queria melhorar minha vida. Então sai, mas eles não queriam que eu saísse, não queriam não queriam, mas insisti e sai aí foi quando eu vim embora novamente pra divisa de Pareci. Eu fiquei um tempinho, mas aí vida não era mais pra mim a história de colono aí vim embora pra São Leopoldo trabalhar na Borbonite indústria de química e artefatos de borracha.

Aí em São Leopoldo, trabalhei na Borbonite, indústria de química e artefatos de borracha na qual trabalhava umas mil e poucas pessoas. Aí fiquei ali uns tempos também, uns anos, então dali eu vim pra Novo Hamburgo trabalhar na Amapá do Sul, então fiquei uns tempos, quase dez anos na Amapá. Então na Amapá me tiraram dali, porque tinha uma lei na Amapá: quem fizesse dez anos tinha que sair, nem que fosse para fazer um estágio, tinha que ficar seis meses fora, aí podia voltar. Então eu saí, não voltei mais, uns quantos me pediram para trabalhar no calçado, era uma coisa descomunal na época, era serviço mesmo. Tinha muito serviço podia sair de uma firma de manhã, se fosse despachado a uma hora, podia pegar em uma outra fábrica naquele espaço de meio dia. Então, naquela época, imagine, você estava caminhando na rua e arrumava serviço caminhando, passava os carros com os autôfalantes chamando essa ou aquela profissão, serviços gerais, a gente não ficava desempregado, aí fiquei no calçado mais um tempo, depois então fui para a prefeitura, fiquei o tempo todo na prefeitura pela qual hoje sou aposentado.

Porque na época era muito grande o futebol, todas essas indústrias tinham time, mas time mesmo, os patrões se interessavam e gostavam, e davam apoio, a exemplo do que eu falei do Aimoré, do seu João, do Aimoré, para nós jogadores. Nessas indústrias os patrões gostavam e tinha o apoio do SESC, então faziam times

fortes, só jogadores bons, e dava servicinho para eles “na maior”, então: “bah! Olha que timão nós fazíamos”. E aí com o nosso grande sucesso, lotava os estádios todos, campo do SESI, Astros, Campo Esperança, os campos do Novo Hamburgo, onde tivesse campo bom, era cheinho, aí eles convocavam a gente para tocar, nos grandes festejos esportivos.

Ou então, você tem a fábrica que eu trabalhei, que nem na Borbonite que eu jogava bola. Eu cheguei a jogar nos Aspirantes do Aimoré, então o seu João Correa, dono da Amapá, era o grande lá na Borbonite, que era o homem que mandava no Aimoré, então os jogadores estavam na mão dele, e ele era como quase o dono, o sócio mais forte da firma, todos os jogadores do Aimoré eram trabalhadores do Borbonite

Porque ele me deu tudo, fez o maior casamento da história dentro da Rondônia. Foi um casamentão, o que eu pensava de amigos e de conhecido eu convidei tudo, durou sábado o dia inteiro e a noite inteira até domingo de manhã [risos], e os músicos, eu tocava, tinha conjunto e conheço os músicos tudo por aí, e trouxe dois baita conjuntos musicais para abrilhantar a festa, então e que me pleiteou tudo as despesas, e o escritório lá tinha o seu Belmonti, morava do lado do Maracanã em Hamburgo Velho: ‘ô Belmonti, faz um esboço aí, faz uma relação do que o Sebastião precisa’. Aí o que aconteceu. Eu sempre dizia, o empregado faz o patrão e o patrão faz o empregado, mas tem que ter cordialidade de ambas as partes, uma aliança, não adianta se o empregado não se proceder, como é que o patrão vai ajudar.

Isso é comum e notório que ainda vai prevalecer e ainda vá permanecer por mais um tempo ainda, se tiver, chegou 3 mocinha ali naquela indústria que tem uma placa lá indicando que há vaga chegar três mocinha ali uma preta e duas brancas, olha lá é quase certo, a preta tem que superar todos os requisitos superar tudo o que pede um pouco mais, se não é uma das outras duas que vai ficar.

Eu vi muita coisa que parece incrível, o que que é falar em racismo, essas coisas, ao vivo, eu vi coisa assim, nós caminhando na estrada a fora, assim, hoje chama de faixa, ou para fora a gente fala na estrada, caminhando na estrada, olha lá vem vindo 3 ou 4 pessoas, crianças que vem vindo do colégio, por exemplo, podia ser eu sozinho, encontra 2 ou 3 negrões, como se diz hoje na gíria, eles vinham vindo muito bem lá, quando avistavam a gente, saíam correndo e se atiravam na cerca de espinho, tinha cerca dos dois lados da estrada, se atiravam ali de deixar pedaço da

roupa, gritando de medo, como se nós fossemos bichos: 'olha o negro, é um negro, olha lá!

ANEXO B – CRÔNICA DE VALDEMAR SILVA

Primavera era um bairro que na época em que eu era pequeno eu estudei no Clemente Pinto, minha primeira escola foi o Cruzeiro, o cruzeirinho tinha... na época de 50 até 60, não de 50 me lembro quando começou a escola lá no Cruzeiro, era a única escola que tinha no bairro, a sociedade era um salão aberto, e tinha os biombos que separavam em salas. Eu estudei o meu primário até meu quarto ano primário eu estudei ali. Fui alfabetizado dentro do Cruzeiro, aham! Isso é uma história que pouca gente lembra, mas a maioria das pessoas da minha idade do bairro...meus irmãos a maioria deles foram alfabetizados no Cruzeiro, até os três irmãos mais velhos né!

E aí até então eu já tinha meus onze anos de idade. Com doze anos de idade eu formei, passei no ensino fundamental, que hoje é ensino fundamental, na época era o primário. Aí já comecei a trabalhar, porque lá em casa era assim, fazia o 5º ano primário tinha que trabalhar, aí eu lembro que a falecida mamãe era empregada doméstica numa casa onde o proprietário, os donos da casa tinham uma fabriqueta nos fundos de casa, uma fabriqueta que fazia sapatilhas, com uma solinha de cromo que hoje nem se vê mais por aí, era colado com uma cola que também não existe mais no mercado, uma cola leitosa

Era perto, era só atravessar a rua, era só atravessar a faixa e já estava na fábrica. Então minha mãe ia para lá de manhã, aí os filhos que trabalhavam na fábrica dos fundos, e a mãe ia para fazer a limpeza, a comida para o pessoal, e interessante que essa fábrica, calçados Gardênia, até o nome é bonito esse nome é.

O seu Alzemiro era modelista do Calçados Zeraide, e eu tinha por aí meus dezesseis anos... É dezesseis anos por aí, e eu ficava observando ele fazer o modelo, e lá pelas tantas eu disse:

- Seu Alzemiro o Senhor deixa eu fazer um modelo?
- Deixo pode fazer!

E aí, eu fui na bancada dele lá, na mesa de modelagem né! E comecei a mexer com aqueles papéis, aquelas cartolinas, aquelas formas, e tal... Eu achei uma forma lá que dava mais ou menos no meu pé, e disse: vou fazer um modelo! E comecei a fazer

E quando eu estou... o curso era três anos, no segundo ano de curso apareceu uma notícia no jornal pedindo profissionais na área de modelagem, profissionais não!

Aprendiz na área de modelagem que estivessem estudando ou cursando curso técnico, e estavam fazendo a seleção para o grupo Strassburger lá de Campo Bom, que infelizmente já não existe mais hoje, e quem estava fazendo a seleção para esse emprego era o José Maria Carrasco, uma pessoa que hoje tenho ele como... não sei se posso dizer como meu segundo pai, mas ele foi um cara que me deu uma grande oportunidade e eu cresci profissionalmente.

E eu fui trabalhar na Mitsubishi, fui o primeiro técnico contratado pela Mitsubishi, aquela época já tinham duas ou três outras exportadoras do lado, mas eu lembro que a gente saiu de uma produção zero praticamente, e a Mitsubishi chegou a exportar durante os oito anos em que eu estive lá até um total de 800 mil pares mês. E eu tive uma carreira profissional na Mitsubishi de oito anos, aí foi que eu conheci EUA, tive a oportunidade de ir uma vez para a Europa. Eu fui na Itália, França, Alemanha fazer pesquisa. E eu sei que em uma ocasião a pessoa que era o agente, que era o responsável pelo escritório aqui, chegou na minha sala e disse assim: -Aqui está a passagem- e eu nunca tinha entrado num avião- aqui está a passagem e, tu está intimado para ir em uma feira em Nova York e com tudo pronto já, só tinha que ir fazer o passaporte.

ANEXO C – CRÔNICA DE ESTER DO NASCIMENTO

A Jota Renner que eu fiz o Ginásio depois na escola São João que era uma escola estadual, e também estudei um período na escola São José que naquela época fazia magistério depois não era aquilo que eu queria naquele momento, daí eu retornei pro São João, foi onde eu retornei pro ensino médio, naquela época se chamava segundo grau. Eu trabalhei numa empresa em Montenegro que eu também não recordo o nome, que era uma empresa de calçado[...] Montenegro não tem muitas empresas, né? Tinha, naquela época, essa firma de calçado, tinha a Frangosul, tinha a Renner, tinha a Tanac, tinha poucas empresas, então a gente não tinha muita opção. Não era nem aquilo que se queria naquele momento, mas o que se tinha como trabalho. Então eu fui trabalhar nessa empresa trabalhei dois anos lá.

Eu posso dizer que o preconceito havia em relação à falta de oportunidade de trabalho que, naquela ocasião, não tinha direito, que quando nós viemos pra Novo Hamburgo, outras colegas nossas, de família, que já estavam no meio tinham ensino Médio, algumas já estavam cursando, na Unisinos, faculdade e que não tiveram oportunidade de trabalho em Montenegro[...] Porque assim, não menosprezando, mas aquilo era o que ofereciam numa firma de calçado. Naquela época, eu já tinha ensino médio, já tinha datilografia, que naquela época era “O curso”, na ocasião era bem considerado. Poderia ter uma outra oportunidade de trabalho e que não se tinha. Então assim, havia muito preconceito em Montenegro e não bastava apenas ser branco naquela época, talvez hoje tenha mudado, mas tinha que ter um sobrenome vinculado à família tal, que eu não vou citar nesse momento, então não bastava ser branco, mas tinha que estar vinculado às famílias, então as oportunidades de trabalho estavam vinculadas ao nome que tu tinhas.

Quando nós, por exemplo, quando eu fiquei desempregada em 1986, eu tive que fazer opção ou ficava lamentando e choramingando, no lugar onde eu estava, no lugar em que eu passei a minha infância, com meus vínculos de amizade. Que tinha construído um pouco daquele período da história da gente quanto “gente” ou saia dali. E naquela oportunidade várias amigas estavam trabalhando no hospital Regina, em Novo Hamburgo, tinha um pensionato das irmãs, foi duro no início assim para sair deixar a família, mãe. Mas eu vim pra Novo Hamburgo e eu gosto muito de Novo Hamburgo, eu digo que é minha cidade, eu amo Novo Hamburgo, é lugar que me deu oportunidade de trabalho e me acolheu. Vim trabalhar em Novo Hamburgo no hospital

Regina na recepção do hospital Regina e trabalhava, morava no pensionato das irmãs[...] então assim foi um período que eu trabalhei de 1984 a 1986 no Regina na verdade eu trabalhei em Montenegro 82, 84.

E quando foi em 86, um dia passei ali na Semsas que naquela época, não é como hoje, que a escola está vinculada pela LDB, naquela época era creche e estava vinculada à secretaria de Ação Social, então a sede ali, era ali em Hamburgo Velho, aí cheguei lá e falei com a senhora Marlene Ensina, que era secretaria de Ação Social da época e disse que eu gostava de criança, e ela perguntou mas qual é a tua experiência eu disse olha eu trabalho na Escola Bíblica Dominical da minha Igreja assim, falei um “pouquinho” desse trabalho que eu desenvolvia[...]E aí ela me disse, não, segunda-feira tu podes passar já pra trabalhar, eu sei que foi uma correria isso era na sexta, claro que eu não ia deixar o hospital na mão, eu tinha plantão, sábado eu tinha plantão, trabalhei sábado e segunda já comecei a trabalhar na escola, que naquela época se chamava creche, que hoje é a escola de Educação Infantil A Bela Adormecida, que é aqui no bairro Rondônia mesmo.

“Quando já estava trabalhando nas creches, lá pelos idos do ano de 1995, uma das questões que me inquietavam um pouco como educadora era essa invisibilidade da história negra no currículo e aí, naquela ocasião, eu fui atrás para ver se eu conseguia algum material, porque a gente não tinha acesso a computadores, não é como as coisas são tudo fáceis, naquela época não tinha acesso a muitas coisas, então procurei em um lugar, procurava em outro, aí me lembro que eu entrei em contato, naquela época com a SEMEC de Novo Hamburgo, lá em Porto Alegre, também uns locais que eu tinha endereço, entrei em contato e fiz consignado. E me lembro, na ocasião, eu fui ali na Pedro Adams, nós tínhamos uma livraria de uma senhora, eu fui procurar o material e ela olhou para mim e disse ‘É, tá aí teu desafio, já que não tem, vá construir’. Eu nunca vou me esquecer disso

eu me lembro de procura ali procura acolá, até nem recordo se eu peguei em alguma locadora, só sei que a gente pegou um DVD sobre Zumbi né, que a gente queria passar na semana do 20 de novembro. E primeiro que a escola não tinha aparelho de DVD, a gente foi na casa de uma colega, a tia Lúcia que trabalhava conosco, levei as crianças que eram da minha turma, lembro que puxava a TV para cá e a imagem não ajudava, aquela coisa toda, sei que passamos a imagem. Hoje passado algum tempo eu vejo que não foi a melhor coisa para se passar para as crianças, foi uma tentativa, era aquela inquietação da gente querer fazer uma

alteração poder produzir algo diferente para as crianças, era um vídeo sobre a história de Zumbi, mas era uma turma de 4, 5 anos [...] e dentro desses meus projetos isso sempre foi algo que me inquietou bastante me direcionou que estar buscando outras alternativas e um projeto também, que não projeto solitário, quando eu digo o meu projeto, eu posso dizer que é de muitas pessoas né de várias pessoas que tem nos auxiliado, em 2005 quando eu comecei com o ensino fundamental foi a minha primeira escola de ensino fundamental e foi na escola Senador Salgado Filho a gente teve parceria de várias pessoas que que são parceiros até hoje. Uma das nossas produções desses projetos que eu falo é um CD que a gente produziu com os alunos ali na Arnaldo Reinhardt relacionado à cultura hip hop e esse projeto que era “Hip Hop: A voz que vem da periferia” eu fui premiada né com esse trabalho com um concurso que o Jornal NH promoveu no ano de 2008. Com vários educadores aqui de Novo Hamburgo, além de mim teve mais um outro colega que é da rede municipal e outras pessoas que são de outros municípios. E além deste trabalho que teve muito também a questão que eu tive um intercâmbio, possibilidade estar dialogando com uma escola de Moçambique através de uma outra pessoa que eu conheci em 2007, conheci num curso que eu fazia ali na Unisinos e falando sobre curso acho que também é importante que a gente enfatize isso, que essas inquietações são muitas vezes inquietações pessoais da gente e que infelizmente o acúmulo, algumas coisas que a gente conseguiu ao longo da vida, de conhecimento sobre a história do negro, não foi nos bancos escolares no meu caso. E as vezes a gente se lamenta que hoje as vezes a gente conversa com meninos que tem 18, 20 anos e que a história não mudou, isso é preocupante. é interessante dizer que esses projetos são objetos motivados pelos alunos que nem esse projeto especificamente vem de uma fala de um menino o Guilherme, que eu até fiz um banner sobre esse projeto, que é onde nós estamos olhando o jornal que eu sempre gostei muito de trabalhar o jornal na sala de aula que é uma ferramenta muito interessante muito importante e que a gente dá uma dar um espaço é que é necessário é que os alunos possam estar discutindo fazendo a leitura com essa leitura também que possa estar instigando a criticidade para que esses alunos não venham a ser leitores que apenas leem, mas que eu disse assim, leitura não apenas da palavra, mas a leitura do visual da imagem daquilo que está explícito daquilo que não está explícito, que a gente possa ter essa sensibilidade essa visão.

Nas creches que eu trabalhei eu tive várias, não digo várias, mas tive em algumas escolas, alguns colegas negros também. A escola Francisco Xavier foi uma

escola que eu trabalhei no bairro Canudos também tinha um número bastante expressivo de crianças negras na Arnaldo Reinhardt ali na Vila Iguaçu também tem um número bastante expressivo de crianças negras e o turno da tarde e eu tive vários problemas questões relacionado a preconceito com as famílias que depois a diretora da escola coordenadora me relatava assim dos pais assim negação da minha pessoa está trabalhando com os filhos deles e tem uma situação que eu posso relatar que foi uma situação que aconteceu diretamente comigo a gente tinha já nessa escola hoje município o adotou essa pesquisa socio-antropológica que é uma possibilidade que está dialogando com as famílias no início do ano e essa escola já tinha essa experiência já desenvolviam, então quando eu entrei em 2007 com os outros profissionais a gente ia até as famílias no ano de 20 a 30 tirava um número de famílias e ia dialogar. Em uma das casas que eu cheguei eu estava acompanhada de um menino porque assim as vezes tu levava alguns alunos junto para te auxiliar até no endereço né na localização aí a mãe chegou pra mim e me disse assim 'eu vou falar com a professora', ai estava a família a mãe a menina, aí eu vi que a menina se encolheu, mas fiquei esperando que nem dia ou outro : 'O que vem aí né?' 'Professora, a senhora lembra no primeiro dia que fulana estava meio chorosa?'

Mas ali já era, já faziam dias né, não vai lembrar de todos os detalhes 'Pois a senhora sabe que no primeiro dia de aula a minha filha não queria entrar na sala de aula chorou se agarrou em mim e chorou muito porque ela não queria entrar na sala quando foi anunciado'

Que a diretora, no primeiro dia, ficavam todas as crianças, as turmas e aí a diretora anunciava e o professor se deslocava para a sua turma que ficaria 'Porque quando foi anunciado o seu nome, ela viu que que a senhora seria a professora dela e porque a senhora é negra, ela não queria ser sua aluna', aí depois de 1, 2, 3 dias ela chegou em casa e disse:

'Pai, hoje eu dei um beijo na minha professora!'

Parece que era bicho

ANEXO D – CRÔNICA ADA BERNARDES

Então eu fiz supletivo. Fiz aqui em Novo Hamburgo, mas daí eu decidi que eu não queria mais estudar. Mas daí eu tinha minha outra irmã que morava em Bento, então eu fui estudar, ela trabalhava no grupo escolar, daí eu fui pra lá.

Porque eu me criei lá e lá eu tinha muita amizade. E depois aqui a gente conseguiu fazer amizades. Quando a gente veio para cá, moramos em uma casa na Lima e Silva, atrás da escola ali sabe? Atrás da Igreja São Luiz, ali tinha o colégio Pio XII.

A gente se dava muito com os irmãos maristas, e não tinha fim na rua, eles deixaram até fazer um portãozinho para passarmos para ir lá para o bairro Rio Branco. Então tinha turma, tinha esse meu sobrinho que estudava ali, então na hora do recreio eles iam sempre lá pra casa, então a gente cria uma amizade, sempre levava um coleguinha, e eu sou bem assim, para me enturmar com as pessoas é muito fácil, não tem problema nenhum.

Professora (apadrinhamento – 1)

Eu fui lá, que tinha uma professora que se dava muito com as minhas irmãs e com a minha mãe e daí ela conversou e falou para elas que tinha uma senhora que ia sair de férias, e eu cuidando a conversa. Aí eu disse: a senhora ano arruma para mim? Vou lá então fazer um teste, daí ela disse então vá. Era para eu ficar dois meses, só que eu fiquei dois anos. A criançada me adorava e eu jogava bola com eles[...] E eles me adoravam, eu tinha 16, eu era para ficar dois meses fiquei 2 anos. Sai quando eu quis para ir para o município.

Níveo Friedrich (apadrinhamento - 2)

Assim ó, foi na época do governo do doutor Níveo Friedrich, a minha irmã trabalhava daí eu pedi arruma uma coisa pra mim. Daí ela disse: 'Não, porque eu trabalho lá, daí vai ficar ruim'. Aí passou, depois teve uma funcionária dela que disse pra mim um dia que era para eu ir lá, daí ela disse: 'Vou arrumar uma coisa pra ti'. Daí eu disse eu quero.

É, tu ficas conhecida daí não falta espaço. Aí quando tu tens liberdade pra tu também escolher pra onde tu quer ir. E eu sempre me dei bem. Até uma vez o meu chefe que era chefe do departamento de patrimônio Alceu 'Ada, eu vou fazer um xerox de ti porque todo mundo quer'. E daí ... Uma época eu estava com férias vencidas e queria minhas férias, mas não me davam as minhas férias. Então fui direto no prefeito, e o prefeito disse para o departamento 'pode fazer as férias da Ada', ai disseram assim quanto tempo tu vai tirar, daí eu disse não sei, aí o chefe do departamento no chamou 'ai Ada quanto tempo tu vai tirar de férias?', eu disse, eu vou tirar dois meses de férias, 'aí tu não quer vender?' Daí eu disse até estou comprando se alguém quiser vender para eu ficar três meses em casa, mas daí fiquei dois meses.

ANEXO E – RELAÇÃO DE FRAGMENTOS PARA ROTEIRO

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO

Sebastião

Tinha muito serviço podia sair de uma firma de manhã, se fosse despachado a uma hora, podia pegar em uma outra fábrica naquele espaço de meio dia. Então, naquela época, imagine, você estava caminhando na rua e arrumava serviço caminhando, passava os carros com os autôfalantes chamando essa ou aquela profissão, serviços gerais, a gente não ficava desempregado, aí fiquei no calçado mais um tempo, depois então fui para a prefeitura, fiquei o tempo todo na prefeitura pela qual hoje sou aposentado.

Valdemar

O bairro Primavera era cheio de fábricas. Tinha... nossa! Na redondeza, tanto no bairro, no Primavera, no Ideal, tinha fábrica por todo o canto de Novo Hamburgo. Eu só não consigo entender como é que essas fábricas... Não tinha exportação na época, essas fabricas estavam sempre lotadas de serviços, então quer dizer o mercado interno com uma população bem menor do que é hoje, absorvia toda essa produção desse pessoal.

Sebastião

Nasci na minha terra, São Sebastião do Caí, a qual adoro muito, e quando ainda pequeno eu me desloquei, saí de São Sebastião do Caí, fui para divisa de Pareci, terra que a gente viveu nos costumes de colônia. Então fiquei ali uns anos ali depois vim embora pra Capela de Santana. Fiquei ali fiquei até 16,17, anos 18 estudei lá e depois colégio estadual depois fiz um curso lá pra aeronáutica a qual passei e fui embora pra canoas, aí ingressei na aeronáutica. Fiquei na aeronáutica também um determinado tempo, trabalhei no arquivo geral da aeronáutica depois então por ambição, por querer mais e ambição de melhorar e de crescimento eu estava bem e pensava que estava mal e pedi pra sair da aeronáutica, dizendo que queria melhorar

minha vida. Então sai, mas eles não queriam que eu saísse, não queriam não queriam, mas insisti e sai aí foi quando eu vim embora novamente pra divisa de Pareci. Eu fiquei um tempinho, mas ai vida não era mais pra mim a história de colono aí vim embora pra São Leopoldo trabalhar na Borbonite indústria de química e artefatos de borracha.

[...] Aí fiquei ali uns tempos também, uns anos, então dali eu vim pra Novo Hamburgo trabalhar na Amapá do Sul, então fiquei uns tempos, quase dez anos na Amapá. Então na Amapá me tiraram dali, porque tinha uma lei na Amapá: quem fizesse dez anos tinha que sair, nem que fosse para fazer um estágio, tinha que ficar seis meses fora, aí podia voltar. Então eu saí, não voltei mais, uns quantos me pediram para trabalhar no calçado, era uma coisa descomunal na época, era serviço mesmo. Tinha muito serviço podia sair de uma firma de manhã, se fosse despachado a uma hora, podia pegar em uma outra fábrica naquele espaço de meio dia. Então, naquela época, imagine, você estava caminhando na rua e arrumava serviço caminhando, passava os carros com os autofalantes chamando essa ou aquela profissão, serviços gerais, a gente não ficava desempregado, aí fiquei no calçado mais um tempo, depois então fui para a prefeitura, fiquei o tempo todo na prefeitura pela qual hoje sou aposentado[...].

Valdemar

Bom, o bairro Primavera era cheio de fábricas. Tinha... nossa! Na redondeza, tanto no bairro, no Primavera, no Ideal, tinha fábrica por todo o canto de Novo Hamburgo. Eu só não consigo entender como é que essas fábricas... Não tinha exportação na época, essas fabricas estavam sempre lotadas de serviços, então quer dizer o mercado interno com uma população bem menor do que é hoje, absorvia toda essa produção desse pessoal .

Ester

[...] a Jota Renner que eu fiz o Ginásio depois na escola São João que era uma escola estadual, e também estudei um período na escola São José que naquela época fazia magistério depois não era aquilo que eu queria naquele momento, daí eu retornei pro São João, foi onde eu retornei pro ensino médio, naquela época se chamava

segundo grau. Eu trabalhei numa empresa em Montenegro que eu também não lembro o nome, que era uma empresa de calçado[...] Montenegro não tem muitas empresas, né? Tinha, naquela época, essa firma de calçado, tinha a Frangosul, tinha a Renner, tinha a Tanac, tinham poucas empresas, então a gente não tinha muita opção. Não era nem aquilo que se queria naquele momento, mas o que se tinha como trabalho. Então eu fui trabalhar nessa empresa trabalhei dois anos lá [...].

Eu posso dizer que o preconceito havia em relação à falta de oportunidade de trabalho que, naquela ocasião, não tinha direito, que quando nós viemos pra Novo Hamburgo, outras colegas nossas, de família, que já estavam no meio tinham ensino Médio, algumas já estavam cursando, na Unisinos, faculdade e que não tiveram oportunidade de trabalho em Montenegro[...] Porque assim, não menosprezando, mas aquilo era o que ofereciam numa firma de calçado. Naquela época, eu já tinha ensino médio, já tinha datilografia, que naquela época era “O curso”, na ocasião era bem considerado. Poderia ter uma outra oportunidade de trabalho e que não se tinha. Então assim, havia muito preconceito em Montenegro e não bastava apenas ser branco naquela época, talvez hoje tenha mudado, mas tinha que ter um sobrenome vinculado à família tal, que eu não vou citar nesse momento, então não bastava ser branco, mas tinha que estar vinculado às famílias, então as oportunidades de trabalho estavam vinculadas ao nome que tu tinhas.

Quando nós, por exemplo, quando eu fiquei desempregada em 1986, eu tive que fazer opção ou ficava lamentando e choramingando, no lugar onde eu estava, no lugar em que eu passei a minha infância, com meus vínculos de amizade. Que tinha construído um pouco daquele período da história da gente quanto “gente” ou saia dali. E naquela oportunidade várias amigas estavam trabalhando no hospital Regina, em Novo Hamburgo, tinha um pensionato das irmãs, foi duro no início assim para sair deixar a família, mãe. Mas eu vim pra Novo Hamburgo e eu gosto muito de Novo Hamburgo, eu digo que é minha cidade, eu amo Novo Hamburgo, é lugar que me deu oportunidade de trabalho e me acolheu. Vim trabalhar em Novo Hamburgo no hospital Regina na recepção do hospital Regina e trabalhava, morava no pensionato das irmãs[...] então assim foi um período que eu trabalhei de 1984 a 1986 no Regina na verdade eu trabalhei em Montenegro 82, 84

Ada

Então eu fiz supletivo. Fiz aqui em Novo Hamburgo, mas daí eu decidi que eu não queria mais estudar. Mas daí eu tinha minha outra irmã que morava em Bento, então eu fui estudar, ela trabalhava no grupo escolar, daí eu fui pra lá.

Porque eu me criei lá e lá eu tinha muita amizade. E depois aqui a gente conseguiu fazer amizades. Quando a gente veio para cá, moramos em uma casa na Lima e Silva, atrás da escola ali sabe? Atrás da Igreja São Luiz, ali tinha o colégio Pio XII.

A gente se dava muito com os irmãos maristas, e não tinha fim na rua, eles deixaram até fazer um portãozinho para passarmos para ir lá para o bairro Rio Branco. Então tinha turma, tinha esse meu sobrinho que estudava ali, então na hora do recreio eles iam sempre lá pra casa, então a gente cria uma amizade, sempre levava um coleguinha, e eu sou bem assim, para me enturmar com as pessoas é muito fácil, não tem problema nenhum.

Valdemar

Era um bairro que, na época em que eu era pequeno, eu estudei no Clemente Pinto, minha primeira escola foi o Cruzeiro, o cruzeirinho tinha... na época de 50 até 60, não de 50 me lembro quando começou a escola lá no Cruzeiro, era a única escola que tinha no bairro, a sociedade era um salão aberto, e tinha os biombos que separavam em salas. Eu estudei o meu primário até meu quarto ano primário eu estudei ali. Fui alfabetizado dentro do Cruzeiro, aham! Isso é uma história que pouca gente lembra, mas a maioria das pessoas da minha idade d bairro...meus irmãos a maioria deles foram alfabetizados no Cruzeiro, até os três irmãos mais velhos né!

Sebastião

Porque na época era muito grande o futebol, todas essas indústrias tinham time, mas time mesmo, os patrões se interessavam e gostavam, e davam apoio, a exemplo do que eu falei do Aimoré, do seu João, do Aimoré, para nós jogadores. Nessas indústrias os patrões gostavam e tinha o apoio do SESC, então faziam times fortes, só jogadores bons, e dava servicinho para eles “na maior”, então: “bah! Olha que timão nós fazíamos”. E ai com o nosso grande sucesso, lotava os estádios todos,

campo do SESI, Astros, Campo Esperança, os campos do Novo Hamburgo, onde tivesse campo bom, era cheinho, aí eles convocavam a gente para tocar, nos grandes festejos esportivos.

Ou então, você tem a fábrica que eu trabalhei, que nem na Borbonite que eu jogava bola. Eu cheguei a jogar nos Aspirantes do Aimoré, então o seu João Correa, dono da Amapá, era o grande lá na Borbonite, que era o homem que mandava no Aimoré, então os jogadores estavam na mão dele, e ele era como quase o dono, o sócio mais forte da firma, todos os jogadores do Aimoré eram trabalhadores do Borbonite.

Eu arrumei com o Santini, prefeito, ele arrumou pra mim. E se você arrumasse qualquer um outro padrinho, aí não custava nada, mas alguém pagava, se não tinha que pagar mesmo [...] é, o privilégio, queira ou não queira, sempre existiu para alguns, dependia muito da maneira a qual se procedia: de onde ele veio? Quem era ele? Ou então, você tem a fábrica que eu trabalhei, que nem na Borbonite, que eu jogava bola.

Porque ele me deu tudo, fez o maior casamento da história dentro da Rondônia. Foi um casamentão, o que eu pensava de amigos e de conhecido eu convidei tudo, durou sábado o dia inteiro e a noite inteira até domingo de manhã [risos], e os músicos, eu tocava, tinha conjunto e conheço os músicos tudo por aí, e trouxe dois baita conjuntos musicais para abrilhantar a festa, então e que me pleiteou tudo as despesas, e o escritório lá tinha o seu Belmonti, morava do lado do Maracanã em Hamburgo Velho: 'ô Belmonti, faz um esboço aí, faz uma relação do que o Sebastião precisa'. Aí o que aconteceu. Eu sempre dizia, o empregado faz o patrão e o patrão faz o empregado, mas tem que ter cordialidade de ambas as partes, uma aliança, não adianta se o empregado não se proceder, como é que o patrão vai ajudar.

Valdemar

Conversa com Sr. Alzemiro (apadrinhamento 1)

O seu Alzemiro era modelista do Calçados Zeraide, e eu tinha por aí meus dezesseis anos... É dezesseis anos por aí, e eu ficava observando ele fazer o modelo, e lá pelas tantas eu disse:

- Seu Alzemiro o Senhor deixa eu fazer um modelo?
- Deixo pode fazer!

E aí, eu fui na bancada dele lá, na mesa de modelagem né! E comecei a mexer com aqueles papéis, aquelas cartolinas, aquelas formas, e tal... Eu achei uma forma lá que dava mais ou menos no meu pé, e disse: vou fazer um modelo! E comecei a fazer.

José Maria Carrasco (apadrinhamento 2)

E quando eu estou... o curso era três anos, no segundo ano de curso apareceu uma notícia no jornal pedindo profissionais na área de modelagem, profissionais não! Aprendiz na área de modelagem que estivessem estudando ou cursando curso técnico, e estavam fazendo a seleção para o grupo Strassburger lá de Campo Bom, que infelizmente já não existe mais hoje, e quem estava fazendo a seleção para esse emprego era o José Maria Carrasco, uma pessoa que hoje tenho ele como... não sei se posso dizer como meu segundo pai, mas ele foi um cara que me deu uma grande oportunidade e eu cresci profissionalmente.

Ester

E quando foi em 86 ai um dia passei ali na Semsas que naquela época, não é como hoje, que a escola está vinculada pela LDB que é escola de Educação Infantil naquela época era creche e estava vinculada à secretaria de Ação Social, então a sede ali, era ali em Hamburgo Velho, aí cheguei lá e falei com a senhora Marlene Ensina que era secretaria de Ação Social da época e disse que eu gostava de criança, e ela perguntou mas qual é a tua experiência eu disse olha eu trabalho na Escola Bíblica Dominical da minha Igreja assim, falei um “pouquinho” desse trabalho que eu desenvolvia[...]E ai ela me disse, não, segunda-feira tu podes passar já pra trabalhar, eu sei que foi uma correria isso era na sexta, claro que eu não ia deixar o hospital na mão, eu tinha plantão, sábado eu tinha plantão, trabalhei sábado e segunda já comecei a trabalhar na escola, que naquela época se chamava creche, que hoje é a escola de Educação Infantil A Bela Adormecida, que é aqui no bairro Rondônia mesmo.

Ada

Professora (apadrinhamento – 1)

Eu fui lá, que tinha uma professora que se dava muito com as minhas irmãs e com a minha mãe e daí ela conversou e falou para elas que tinha uma senhora que ia sair de férias, e eu cuidando a conversa. Aí eu disse: a senhora ano arruma para mim? Vou lá então fazer um teste, daí ela disse então vá. Era para eu ficar dois meses, só que eu fiquei dois anos. A criançada me adorava e eu jogava bola com eles[...] E eles me adoravam, eu tinha 16, eu era para ficar dois meses fiquei 2 anos. Sai quando eu quis para ir para o município.

Níveo Friedrich (apadrinhamento - 2)

Assim ó, foi na época do governo do doutor Níveo Friedrich, a minha irmã trabalhava daí eu pedi arruma uma coisa pra mim. Daí ela disse: 'Não, porque eu trabalho lá, daí vai ficar ruim'. Aí passou, depois teve uma funcionária dela que disse pra mim um dia que era para eu ir lá, daí ela disse: 'Vou arrumar uma coisa pra ti'. Daí eu disse eu quero.

Valdemar

E eu fui trabalhar na Mitsubishi, fui o primeiro técnico contratado pela Mitsubishi, aquela época já tinham duas ou três outras exportadoras do lado, mas eu lembro que a gente saiu de uma produção zero praticamente, e a Mitsubishi chegou a exportar durante os oito anos em que eu estive lá até um total de 800 mil pares mês. E eu tive uma carreira profissional na Mitsubishi de oito anos, aí foi que eu conheci EUA, tive a oportunidade de ir uma vez para a Europa. Eu fui na Itália, França, Alemanha fazer pesquisa. E eu sei que em uma ocasião a pessoa que era o agente, que era o responsável pelo escritório aqui, chegou na minha sala e disse assim: -Aqui está a passagem- e eu nunca tinha entrado num avião- aqui está a passagem e, tu está intimado para ir em uma feira em Nova York e com tudo pronto já, só tinha que ir fazer o passaporte.

Ester

Aí quando fui trabalhar nas, quando já estava trabalhando nas creches, lá pelos idos do ano de 1995, uma das questões que me inquietavam um pouco como educadora, era essa invisibilidade da história negra no currículo e aí naquela ocasião eu fui atrás para ver se eu conseguia algum material, porque a gente não tinha acesso a computadores, não é como as coisas são tudo fáceis, naquela época não tinha acesso a muitas coisas, então procurei em um lugar, procurava em outro, aí me lembro que eu entrei em contato naquela época SEMEC de Novo Hamburgo lá em Porto Alegre também uns locais que eu tinha endereço, entrei em contato e fiz consignado. E me lembro na ocasião eu fui ali não na Pedro Adams, nós tínhamos uma livraria de uma senhora eu fui procurar o material e ela olhou para mim e disse “É tá aí teu desafio, já que não tem vá construir”. Eu nunca vou me esquecer disso.

Ada

É, tu ficas conhecida daí não falta espaço. Aí quando tu tens liberdade pra tu também escolher pra onde tu quer ir. E eu sempre me dei bem. Até uma vez o meu chefe que era chefe do departamento de patrimônio Alceu ‘Ada, eu vou fazer um xerox de ti porque todo mundo quer’. E daí ... Uma época eu estava com férias vencidas e queria minhas férias, mas não me davam as minhas férias. Então fui direto no prefeito, e o prefeito disse para o departamento ‘pode fazer as férias da Ada’, aí disseram assim quanto tempo tu vai tirar, daí eu disse não sei, aí o chefe do departamento me chamou ‘ai Ada quanto tempo tu vai tirar de férias?’, eu disse, eu vou tirar dois meses de férias, ‘aí tu não quer vender?’ Daí eu disse até estou comprando se alguém quiser vender para eu ficar três meses em casa, mas daí fiquei dois meses.

Ester

Aí eu me lembro de procura ali procura acolá, até nem recordo se eu peguei em alguma locadora, só sei que a gente pegou um DVD sobre Zumbi né, que a gente queria passar na semana do 20 de novembro. E primeiro que a escola não tinha aparelho de DVD, a gente foi na casa de uma colega, a tia Lúcia que trabalhava conosco, levei as crianças que eram da minha turma, lembro que puxava a TV para cá e a imagem não ajudava, aquela coisa toda, sei que passamos a imagem. Hoje passado algum tempo eu vejo que não foi a melhor coisa para se passar para as

crianças, foi uma tentativa, era aquela inquietação da gente querer fazer uma alteração poder produzir algo diferente para as crianças, era um vídeo sobre a história de Zumbi, mas era uma turma de 4, 5 anos [...] e dentro desses meus projetos isso sempre foi algo que me inquietou bastante me direcionou que estar buscando outras alternativas e um projeto também, que não projeto solitário, quando eu digo o meu projeto, eu posso dizer que é de muitas pessoas né de várias pessoas que tem nos auxiliado, em 2005 quando eu comecei com o ensino fundamental foi a minha primeira escola de ensino fundamental e foi na escola Senador Salgado Filho a gente teve parceria de várias pessoas que são parceiros até hoje. Uma das nossas produções desses projetos que eu falo é um CD que a gente produziu com os alunos ali na Arnaldo Reinhardt relacionado à cultura hip hop e esse projeto que era “Hip Hop: A voz que vem da periferia” eu fui premiada né com esse trabalho com um concurso que o Jornal NH promoveu no ano de 2008. Com vários educadores aqui de Novo Hamburgo, além de mim teve mais um outro colega que é da rede municipal e outras pessoas que são de outros municípios. E além deste trabalho que teve muito também a questão que eu tive um intercâmbio, possibilidade estar dialogando com uma escola de Moçambique através de uma outra pessoa que eu conheci em 2007, conheci num curso que eu fazia ali na Unisinos e falando sobre curso acho que também é importante que a gente enfatize isso, que essas inquietações são muitas vezes inquietações pessoais da gente e que infelizmente o acúmulo, algumas coisas que a gente conseguiu ao longo da vida, de conhecimento sobre a história do negro, não foi nos bancos escolares no meu caso. E as vezes a gente se lamenta que hoje as vezes a gente conversa com meninos que tem 18, 20 anos e que a história não mudou, isso é preocupante. é interessante dizer que esses projetos são objetos motivados pelos alunos que nem esse projeto especificamente vem de uma fala de um menino o Guilherme, que eu até fiz um banner sobre esse projeto, que é onde nós estamos olhando o jornal que eu sempre gostei muito de trabalhar o jornal na sala de aula que é uma ferramenta muito interessante muito importante e que a gente dá uma dar um espaço é que é necessário é que os alunos possam estar discutindo fazendo a leitura com essa leitura também que possa estar instigando a criticidade para que esses alunos não venham a ser leitores que apenas leem, mas que eu disse assim, leitura não apenas da palavra, mas a leitura do visual da imagem daquilo que está explícito daquilo que não está explícito, que a gente possa ter essa sensibilidade essa visão.

Sebastião

Isso é comum e notório que ainda vai prevalecer e ainda vá permanecer por mais um tempo ainda se tiver chegou três mocinhas ali naquela indústria que tem uma placa lá indicando que há vagas e chegar três mocinha ali uma preta e duas brancas, olha lá é quase certo, a preta tem que superar todos os requisitos superar tudo o que pede um pouco mais, se não é uma das outras duas que vai ficar.

Eu vi muita coisa que parece incrível, o que que é falar em racismo, essas coisas, ao vivo, eu vi coisa assim, nós caminhando na estrada a fora, assim, hoje chama de faixa, ou para fora a gente fala na estrada, caminhando na estrada, olha lá vem vindo 3 ou 4 pessoas, crianças que vem vindo do colégio, por exemplo, podia ser eu sozinho, encontra 2 ou 3 negrões, como se diz hoje na gíria, eles vinham vindo muito bem lá, quando avistavam a gente, saiam correndo e se atiravam na cerca de espinho, tinha cerca dos dois lados da estrada.

Ester

Nas creches que eu trabalhei eu tive várias, não digo várias, mas tive em algumas escolas, alguns colegas negros também. A escola Francisco Xavier foi uma escola que eu trabalhei no bairro Canudos também tinha um número bastante expressivo de crianças negras na Arnaldo Reinhardt ali na Vila Iguaçu também tem um número bastante expressivo de crianças negras e o turno da tarde e eu tive vários problemas questões relacionado a preconceito com as famílias que depois a diretora da escola coordenadora me relatava assim dos pais assim negação da minha pessoa está trabalhando com os filhos deles e tem uma situação que eu posso relatar que foi uma situação que aconteceu diretamente comigo a gente tinha já nessa escola hoje município o adotou essa pesquisa socio-antropológica que é uma possibilidade que está dialogando com as famílias no início do ano e essa escola já tinha essa experiência já desenvolviam, então quando eu entrei em 2007 com os outros profissionais a gente ia até as famílias no ano de 20 a 30 tirava um número de famílias e ia dialogar. Em uma das casas que eu cheguei eu estava acompanhada de um menino porque assim as vezes tu levava alguns alunos junto para te auxiliar até no endereço né na localização aí a mãe chegou pra mim e me disse assim 'eu vou falar com a professora', aí estava a família a mãe a menina, aí eu vi que a menina se

encolheu, mas fiquei esperando que nem dia ou outro :‘O que vem aí né?’ ‘Professora, a senhora lembra no primeiro dia que fulana estava meio chorosa?’

Mas ali já era, já faziam dias né, não vai lembrar de todos os detalhes ‘Pois a senhora sabe que no primeiro dia de aula a minha filha não queria entrar na sala de aula chorou se agarrou em mim e chorou muito porque ela não queria entrar na sala quando foi anunciado’

Que a diretora, no primeiro dia, ficavam todas as crianças, as turmas e aí a diretora anunciava e o professor se deslocava para a sua turma que ficaria ‘Porque quando foi anunciado o seu nome, ela viu que que a senhora seria a professora dela e porque a senhora é negra, ela não queria ser sua aluna’, aí depois de 1, 2, 3 dias ela chegou em casa e disse:

‘Pai, hoje eu dei um beijo na minha professora!’

Parece que era bicho